



Terra Incognita

Diários de Viagem • CrimethInc. 2015 & 2019

CONTRA TODOS OS MAPAS!
CONTRA TODAS AS FRONTEIRAS
E ESTADOS NACIONAIS!



CrimethInc.

crimethinc.com



Sumário

AMÉRICA DO NORTE — APRESENTAÇÃO:	5
Início da Turnê “Para Mudar Tudo”:	9
O bonde internacionalista pega estrada	11
O café anarquista nos levantes antirracistas	14
Um 11 de setembro no coração do Leviathan e uma visita à terra dos Black Panthers	16
Pizzaria autogerida, museu das ocupações, plataformistas, Indymedia e Cataratas!	18
Earth First!, E.L.F. e pregação na igreja	21
Lagos radioativos e um gosto do fim do sonho americano	23
Detroit: a cidade fantasma no coração capitalista	24
Biblioteca de Michigan: um passeio pela história do anarquismo	27
Periódicos, gravuras e uma visita aos Mártires de Chicago	30
Mergulho na pedreira e as marcas da revolta em Ferguson	33
Mais rios radioativos, Food Not Bombs, especificistas gringos, autogestão e salas cheias	36
Cidades punks, veteranos do interior e a arrogância do guru primitivista	39
Anarquistas da floresta, Qilombo californiano e cruzando a fronteira a pé rumo a Tijuana	49
De leste a oeste!	59
Finalmente... o fim!	64
Cidades, espaços e projetos visitados	67

AMÉRICA DO SUL — APRESENTAÇÃO	71
Turnê "Da Democracia à Liberdade" – um panorama de movimentos e lutas no Brasil	73
Ponto de encontro e partida: São Paulo	73
Goiânia – luta por moradia e memórias da solidariedade internacional	73
Brasília – a cidade planejada que não coube nos planos	74
Maringá – comida boa, banheiros queer e revendo amigos	75
Curitiba, Florianópolis e Criciúma – veganismo, hackers e Anarquistas Contra o Racismo	76
Porto Alegre – descanso, pedalada e muita autogestão.	77
São Paulo, ABC e Santos – uma despedida à Lagartixa Preta e luta indígena no litoral	78
Divinópolis, Itaúna e Belo Horizonte – punks, sindicatos, partidos e ocupações	79
Paraty – feira e um balanço no barco pirata	81
Rio de Janeiro – Morro da Providência	81
Mais uma missão cumprida!	83
Considerações Finais	85
Do Sul para o Norte	85
Nosso “alcance” em tempos de internet	85
Referências para uma outra vida	86
Cidades, espaços e projetos visitados	88
Para se saber mais	89

*hoc modo in plannum redictam sicut
 prope poles animatores non possunt
 borealiterem et Australiorem partem a
 quinquagesimo parallelo duobus cir-
 culis hic delineatis: concludimus,
 vale et fructe.*

Ciculus Antarchicus
 T E R R A A U S T R A L I S I N C O G N I T A



Parte I

AMÉRICA DO NORTE — APRESENTAÇÃO:

O texto que você tem em mãos reúne relatos de duas viagens nas quais membros da rede CrimethInc. saíram em turnê lançando publicações e promovendo debates sobre anarquismo e lutas anticapitalistas em diferentes partes do mundo. A primeira, em 2015, reuniu participantes de agitações e movimentos sociais de 6 países falando sobre suas experiências locais para públicos em 57 cidades dos Estados Unidos e Tijuana no México ao longo de 65 dias. As falas acompanhavam o lançamento do panfleto e da campanha “Para Mudar Tudo – um chamado anarquista”. A segunda viagem, em 2019, contou com 3 pessoas percorrendo 15 cidades em 7 estados brasileiros para lançar e divulgar o livro “Da Democracia à Liberdade”, promovendo debates sobre o tema e sua relação com as lutas revolucionárias atuais.

Em ambas as viagens, estive presente cruzando o norte e o sul do continente conhecido como América, visitando centros sociais, ocupações, cooperativas, conhecendo movimentos e organizações populares que trabalham para construir um mundo livre da opressão do estado e do capital – e estender a solidariedade para além de qualquer fronteira imposta. Acredito que visitar e testemunhar tais espaços, comunidades e suas experiências de vida e organização pode ser inspirador para qualquer pessoa buscando alianças e referências sobre como se articular localmente e em redes internacionais de enfrentamento a esse sistema desigual e degradante. Por isso, transformo os diários de viagem, publicados anteriormente nos blogs dos nossos coletivos, nessa publicação que reorganiza e amplia um pouco esses relatos para compartilhar com quem se interessar pelo que acontece nesses lugares, com essas pessoas inspiradoras e suas lutas.

Camaradas da extinta Casa da Lagartixa Preta em Santo André, São Paulo, tinham uma prática que sempre gostei e até já reproduzimos na ocupação em que moro e organizo hoje: quando um membro viajava para outra região, para fazer alguma atividade ou apenas visitar, o coletivo organizava uma confraternização para que a pessoa, ao retornar, relatasse o que viu, os espaços que visitou, pessoas, coletivos e movimentos que conheceu. Assim, uma experiência individual poderia ser compartilhada com todos os membros interessados. Uma forma de tornar coletivo um conhecimento que, de outra forma, poderia ficar apenas nas lembranças e experiências privadas de alguém.

É com essa mesma intenção que retomo esses relatos, revisitando memórias e anotações que fizemos, levantando quais espaços e grupos ainda seguem ativos para que outras pessoas possam conhecê-los e entrar em contato quando quiser ou precisar. Acredito que as referências e conhecimentos brevemente narrados aqui inspirem outras pessoas da mesma forma que fui inspirado. Primeiro, porque conhecer exemplos vivos de organização e práticas são muito mais motivadores do que teorias e ideias meramente abstratas; ou uma representação virtual delas em imagens na internet. Segundo, porque não tive a oportunidade de visitar e estabelecer trocas com essa infinidade de espaços e pessoas por um esforço meramente individual, logo é quase um dever tornar coletivo o que pude acumular graças a grandes esforços de toda uma comunidade.

Desde a adolescência, não conheço outras formas de trabalho que não sejam subalternas e/ou precarizadas: servindo mesas, limpando balcões, fazendo entregas ou vendendo o que faço com minhas próprias mãos (ilustrações, livros e zines). Assim, seria impossível imaginar sair de férias e conhecer tantos lugares, vivendo com um salário-mínimo (ou menos), tampouco pagar por tantas passagens aéreas, ônibus ou gasolina. Também não poderia contar com a grana da família ou o apoio de universidades ou outras instituições para me ajudar com custeio de viagens, bolsas de pesquisa ou a legitimidade que só um diploma pode oferecer.

Sendo assim, todos os recursos levantados para realizar essas viagens e as dezenas de eventos relatados aqui só foram possíveis porque construímos diariamente uma rede internacional de movimentos, organizações e coletivos anticapitalistas se organizam e se apoiam mutuamente. Mesmo quando houve dinheiro de universidades ou instituições que custearam alguns trajetos, isso só foi possível pela organização autônoma de estudantes que se articularam para fazer um bom proveito desses recursos. A maior dessas experiências, uma viagem por mais de dois meses cruzando a América do Norte de costa a costa, foi totalmente financiada com doações passando o chapéu ao final de cada evento, vendendo livros e com pessoas organizando eventos solidários em diversas cidades. É claro que a realidade econômica estadunidense é muito diferente da nossa, mas a turnê brasileira foi muito semelhante nesse sentido e foi, em grande parte, custeada com o apoio mútuo entre diversos grupos organizando debates, nos abrigando por uma ou duas noites e nos ajudando com passagens para chegar ao próximo destino.

Diferentemente da turnê nos EUA (e de todas as turnês que fiz antes com bandas punks ou outros projetos editoriais), nossas viagens pelo Brasil foram feitas sem uma van ou carro próprio, sendo necessário conseguir passagens de ônibus, carro, avião a cada deslocamento de uma cidade para outra. Como nossos companheiros americanos estão em uma situação financeira vantajosa devido ao câmbio do dólar, eles não se importaram em custear suas próprias passagens internacionais e trazer livros e outros materiais informativos para vender aqui e levantar esse custo de volta.

Os relatos, estratégias, macetes e tudo que pudermos demonstrar aqui, seja sobre a turnê ou sobre os espaços e movimentos que visitamos, são ferramentas que podem inspirar pessoas a iniciarem ações semelhantes sem ter que depender

exclusivamente de um edital público ou privado, uma bolsa, recursos de uma universidade, sem precisar contar com um amigo ou financiador rico para bancar os projetos – e ter uma possível influência desproporcional sobre eles. Se construirmos uma rede internacional que não respeita fronteiras para nos organizar e nos apoiar, devemos buscar formas coletivas, ousadas e ambiciosas de ativar essa rede, mantê-la viva, atuante e sempre intercambiando e buscando novos desafios e soluções.

Em alguns momentos ampliei e atualizei informações que acabaram ficando de fora quando publicamos nos blogs os relatos feitos durante a correria das viagens. Porém, obviamente, muita coisa permanecerá de fora por segurança – e também para lembrar-nos que palavras, imagens e mapas são uma representação muito pobre de mundos que só conhecemos de verdade se formos lá pessoalmente, assim como as lutas sociais que só experimentamos quando travamos suas batalhas e não apenas as estudamos nos livros e textos.

Também pretendo pontuar brevemente as particularidades e as semelhanças entre os contextos e as formas de luta nessas regiões visitadas, conforme elas foram aparecendo em nosso trajeto. Como afirma Marjane Satrapi, as diferenças entre os povos e seus governos são muito maiores que a diferença entre o povo estadunidense e o povo brasileiro. E é com base nas semelhanças entre povos em luta que devemos construir alianças internacionais pelo fim da sociedade dividida em classes, nações, seus governos e todas as formas de opressão.

Finalizo essa edição enquanto ainda vivemos em um mundo tomado pela pandemia da Covid-19 e enquanto me recupero da infecção por coronavírus, quando viajar, se encontrar cara a cara, ainda não é a melhor coisa a se fazer. Me recordo daqueles dias na estrada com alegria de saber que são essas redes de apoio que nos mantém ativos e saudáveis nesse momento crítico. Escrevo essas palavras na ocupação onde moro e que só se mantém ao longo dos anos – e em meio a maior pandemia do século – devido ao apoio de outros movimentos sociais, coletivos e pessoas como as que encontramos na estrada. Por causa da solidariedade de todas essas pessoas é que foi possível essa ideia de cruzar continentes para lançar e debater ideias e propostas anarquistas com diferentes pessoas. Da mesma forma, é por conta dessa rede solidária que mantemos hoje um teto sobre nossas cabeças e comida na geladeira.

Espero que esses modestos relatos de viagem possam inspirar você e sua comunidade em seus projetos, sejam eles um centro social, uma cooperativa, um coletivo, um sindicato, uma jornada de lutas, um livro, um documentário ou uma viagem para conhecer e buscar formas de colaborar com todas aquelas que constroem uma vida diferente e um mundo novo dos escombros desse.

Nos vemos na estrada!

Z.,

novembro de 2021

“O mundo não está dividido entre países. O mundo não está dividido entre o Oriente e o Ocidente. Vocês são americanos, eu sou iraniana, não nos conhecemos, mas conversamos juntos e nos entendemos perfeitamente. A diferença entre você e seu governo é muito maior do que entre você e eu. E a diferença entre mim e meu governo é muito maior do que entre eu e você. E nossos governos são muito parecidos.”

— Marjane Satrapi

Início da Turnê “Para Mudar Tudo”:

Uma gira internacionalista na América do Norte

– 8 de setembro a 11 de novembro de 2015.

Durante setembro a novembro de 2015, pessoas da América Latina, Balcãs, Leste Europeu e Estados Unidos se juntaram para uma série de apresentações e debates pela América do Norte abordando as recentes ondas de levantes e rebeliões sociais ao redor do globo. Esta foi a primeira turnê organizada por coletivos da rede CrimethInc. envolvidos na publicação Para Mudar Tudo, com o objetivo de trocar experiências e reflexões sobre a relevância da organização e do pensamento anarquista para os movimentos de resistência no século XXI.

Além de levar reflexões e relatos sobre os movimentos do Brasil e do nosso contexto de terceiro-mundo para dentro do império estadunidense, tentei registrar e compartilhar experiências em relatos quase diários lançados em nosso blog para nossos amigos e nosso público em casa. A maior parte das quase 60 palestras foram organizadas em centros sociais ou cidades relevantes para os movimentos de resistência anarquista norte-americanos. Divulgamos previamente a turnê e um possível trajeto a ser percorrido passando pelas cidades onde já tínhamos contato. Porém, mais e mais pessoas foram escrevendo e o trajeto foi se desdobrando até que desenhou uma rota que nos levaria a cruzar o continente de costa a costa duas vezes.

A anarquia não reconhece fronteiras. Conhecer formas e estratégias revolucionárias em diferentes contextos e momentos pode ser inspirador para nossos próprios projetos locais. Portanto, nada melhor que usar dessa rede internacional de cooperação libertária para fazer novos laços, conectar as lutas e inspirar novas formas de resistência.

Que esse diário de viagem te estimule a saber mais sobre esses lugares, suas histórias e personagens de luta!



Internationalist Books, infoshop em Carrboro, ativo de 1981 a 2016.



Really, Really Free Market, feira grátis em Chapel Hill.

O bonde internacionalista pega estrada

Um pouco de história, infoshops, feiras grátis e bicicletaria autogerida Chapel Hill (08/set) e Richmond (9/set)

A turnê do começou na cidade de Chapel Hill, Carolina do Norte, costa leste dos Estados Unidos, onde aconteceu a primeira noite de debates da viagem, no dia 8 de Setembro. Chegamos no fim de semana anterior e pudemos aproveitar algumas atividades da Radical Rush Week – uma espécie de maratona de atividades ligadas a políticas radicais. Ao todo, iniciamos a turnê em 6 pessoas: eu, do Brasil, uma compa da Argentina, uma da Eslovênia, uma da Suécia, outra da República Tcheca, um camarada dos EUA e, posteriormente, mais uma estadunidense se juntaria a nós na costa oeste.

Sáimos nesse bonde internacionalista e nos juntamos a uma caminhada pela cidade visitando locais com alguma história relacionada a lutas de resistência política da cidade. Passamos por espaços e casas que foram ocupadas por um tempo, a praça que foi tomada durante o Occupy Chapel Hill, The Internationalist, o infoshop da cidade e muitos outros pontos com histórias curiosas.

Internationalist Books foi um infoshop e centro social que durou 35 anos e infelizmente encerrou em 2016, ano seguinte à nossa visita. Infoshops são lojas de livros e materiais anticapitalistas, mas também espaços comunitários. Geralmente abrigam atividades como palestras, cineclubes, oficinas e até creches. Você pode visitar, comprar livros, zines, adesivos, posters e qualquer material para ajudar a sustentar o espaço. Pode também pegar alguma coisa na estante de materiais gratuitos e passar o tempo que quiser. Todo mundo que mantinha o Internationalist Books e geria o espaço trabalhava voluntariamente e sem qualquer relação monetária. O dinheiro arrecadado mantinha o espaço como ponto de encontro e desenvolvimento de relações libertárias na região. Lá também aconteciam eventos da Feira do Livro Anarquista de Carboro, cidade vizinha, praticamente conectada a Chapel Hill. Dois anos antes, tive a oportunidade de visitar o infoshop para uma fala sobre os levantes de 2013 no Brasil, quando eu e mais duas amigas fizemos uma (relativamente) pequena turnê apenas na costa leste, organizada também com o coletivo CrimethInc e por estudantes anarquistas da UNC, universidade local. Falaremos mais desse grupo adiante.

O fim do passeio foi na feira chamada REALLY, REALLY FREE MARKET – ou o “Mercado Realmente Livre”, uma piada com o termo “livre mercado” que soa bem em inglês mas fica estranho em português. É basicamente uma feira que acontece todo primeiro sábado do mês organizada pela comunidade e por anarquistas da cidade onde pessoas vão para levar o que não precisam mais, ou que conseguiram gratuitamente para que qualquer uma escolha algo que seja útil sem precisar pagar por isso, ou ser obrigada a fazer qualquer tipo de troca ou escambo. Há também comida, zines e livros gratuitos para quem quiser. Sendo assim, um ponto de encontro e fortalecimento de relações horizontais e livres. Vimos gente

saindo com móveis, eletrodomésticos e bicicletas. A proposta é manter uma feira de trocas não-monetárias também com produtores agrícolas locais que podem compartilhar excedentes de sua produção com a população da cidade.

No Brasil, muitos eventos ou espaços também praticam esse tipo de economia da dádiva. Em Belo Horizonte, durante os anos de 2006 a 2010, ajudei a organizar um evento chamado Domingo Nove e Meia (D9M) que acontecia todo primeiro domingo do mês, às nove e meia (é claro!) da manhã, numa pequena arena embaixo do Viaduto Santa Tereza, no centro da cidade. Tínhamos a mesma proposta de ocupar o espaço com atividades como debates, música, oficinas, piquenique e uma bela feira grátis. Reuníamos punks, estudantes, transeuntes, pessoas em situação de rua dormindo sob o viaduto e outras interessadas em políticas radicais, música, contracultura, grafite, pixo e afins. No mesmo ano e local, começou o Duelo de MC's, que se tornou um dos mais importantes eventos do hip-hop nacional. Durante os levantes de 2013 e 2014, na mesma arena sob o viaduto, aconteceu a Assembleia Popular Horizontal (APH), onde milhares de pessoas se reuniam para organizar a agitação política da cidade. Em seus melhores momentos, a ocupação do viaduto derrubou os tapumes das obras que nunca acabavam por lá, apenas para manter as pessoas fora dali, tomando todo o espaço, transformando até mesmo a guarita da polícia militar em uma cantina livre.

A feira grátis do Domingo Nove e Meia passou a receber tantos materiais que nos motivou a abrir uma Loja Grátis no Mercado Novo, também na região central da cidade. Fizemos um contrato de comodato (sem um aluguel para pagar) com a administração e a Loja Grátis atuou por dois anos como centro social, mesmo que precário, sendo ponto de encontro e uma fonte de livros, roupas e ferramentas aberta para toda comunidade. Outro espaço que vale a pena citar como referência para trocas gratuitas, foi a já mencionada Casa da Lagartixa Preta, no ABC paulista. Além de um espaço anarquista referência em autogestão comunitária por 15 anos, com biblioteca, horta agroecológica e uma infinidade de atividades, a Lagartixa sempre contou com uma estante de dádivas onde membros e frequentadoras podiam deixar ou pegar coisas.

Voltando ao relato de viagem, nossa primeira atividade aconteceu dia 8 de setembro na Universidade da Carolina do Norte, UNC, e foi organizada pelo coletivo de estudantes anarquistas UNControllables. Esse grupo de estudantes organizou diversos projetos para difundir lutas decoloniais, anticapitalistas, antirracistas e feministas na universidade e em toda a cidade. UNControllables também é responsável por organizar a Radical Rush Week que participamos na véspera.

Nossa primeira fala foi modesta, um tanto quanto emperrada e para um público de algumas dezenas de pessoas conhecidas dos movimentos locais e estudantes curiosos. Ainda assim, uma ótima estreia. Na semana anterior, passamos dias inteiros em uma espécie de imersão, escrevendo nossos roteiros narrando os últimos anos de levantes e agitação social em cada um dos lugares de onde viemos, comparando notas e apresentando nossas falas entre nós e para amigas que dividiam a casa onde estávamos ou visitantes que apareciam para o jantar. Nesse clima, foi

possível manter o rigor para organizar o conteúdo e um clima descontraído para que pudéssemos testar falas, nos criticar e ouvir críticas de fora. Foi um ótimo ensaio geral, mas, como os anos de punk rock me ensinaram, somente a estrada é capaz de lapidar nossa performance!

Então, de Chapel Hill seguimos para Richmond, no estado de Virgínia, para nossa segunda atividade no RAG & BONES (ragandbonesrva.org), uma bicicletaria e espaço comunitário onde pessoas podem ir montar ou consertar suas bicicletas mas que também abriga atividades políticas e radicais. O coletivo é horizontal e todo o trabalho também é voluntário. O grupo havia recém conseguido o status de “organização sem fins lucrativos” (ou “non-profit”) e estavam comentando sobre os receios e dúvidas ao se envolverem com dinheiro estatal para manter o espaço e manter suas políticas radicais. Talvez seja a dúvida que ressoa em muitos dos projetos que vemos no Brasil também.

O status de “non-profit organization” garante aos grupos e movimentos nos EUA o benefício de disputar financiamentos do estado. Alguns deles, como veremos adiante, conseguem usar isso muito bem sem afetar a radicalidade de suas políticas, ampliando consideravelmente sua estrutura física e o número de membros. Toda essa realidade me fez lembrar um pouco os riscos de cooptação como os que vimos durante os governos petistas, em que coletivos e movimentos culturais foram tragados para a máquina estatal através de editais e outros projetos. No entanto, não pude me aprofundar muito no debate dessa questão por lá, apenas perceber que, em alguns meios era um dilema. Ainda assim, é algo muito praticado e com muitos resultados em termos de ampliação ou aquisição de imóveis por grupos dedicados a fazer um uso desses recursos de modo a fortalecer de fato a construção de uma autonomia comunitária.

O que mais me intrigou foi pensar como um espaço comunitário como essa bicicletaria, radical, baseado em apoio mútuo e princípios anarquistas seria útil para mim e diversos camaradas trabalhando com entregas em São Paulo. Durante os anos em que trabalhei nesse ofício desgastante e perigoso, seria muito bom ter um espaço para nos organizar enquanto setor, nos apoiar, reparar bikes, conspirar, compartilhar recursos e ideias. Algo que ainda penso que pode ser fundamental quando vejo hoje a explosão de serviços de entrega na era dos aplicativos, especialmente durante a pandemia da Covid-19. Espero que a organização dos entregadores e entregadoras de moto também saiba abordar a condição especialmente precária de quem trabalha com entregas tendo seu próprio corpo como motor e combustível.

Seguimos agora em direção à cidade de Baltimore, palco de um dos mais importantes e intensos levantes populares contra o racismo traduzido na violência e brutalidade policial que deram origem ao movimento Black Lives Matter. A cidade foi sitiada após o assassinato de Freddie Gray em abril de 2015, a polícia foi expulsa de vários bairros e bares pontos de encontro de grupos racistas foram atacados.

O café anarquista nos levantes antirracistas

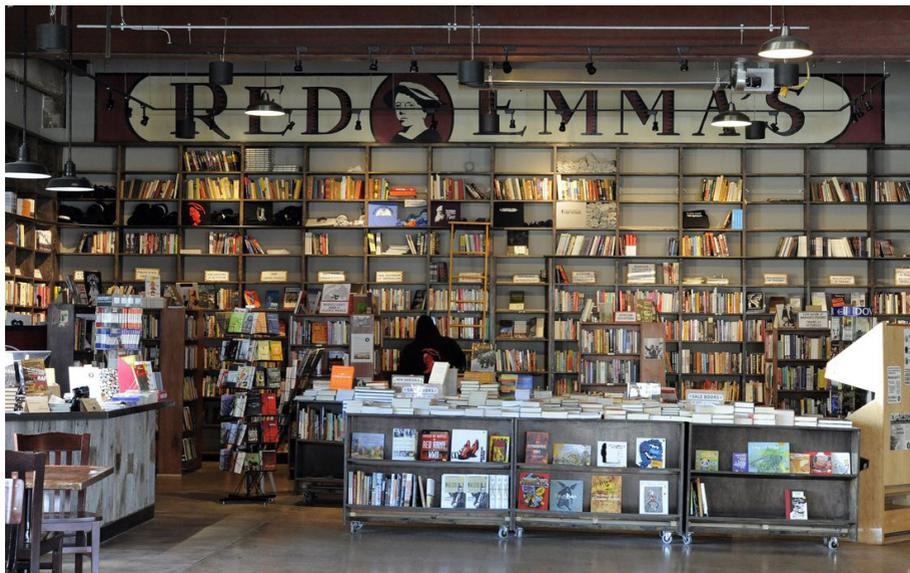
Baltimore (10/set)

A nossa terceira atividade foi na cidade de Baltimore, um dos lugares que, pessoalmente, acho dos mais interessantes dessa viagem. Meses antes, a cidade foi palco das mais intensas revoltas populares da juventude negra contra o racismo e seus cães de guarda fardados. Ao lado dos levantes de Ferguson de 2014 (que abordaremos também adiante), as lutas em Baltimore em abril de 2015 marcam um novo momento nas lutas sociais estadunidenses.

O segundo motivo da minha empolgação é que o local para o debate foi um espaço anarquista chamado RED EMMA'S (redemmas.org). Um projeto cooperativo e auto-gerido ambicioso e incrível! É um café-vegetariano/vegano, livreria, infoshop e centro social situado num espaço simplesmente enorme, numa esquina movimentada da cidade. O nome é uma homenagem a Emma Goldman, anarquista russa e crescida nos EUA (nosso caminho vai cruzar muito ainda com a vida da Emma nesse relato). Além de uma comida maravilhosa e sofisticada a preços módicos (você pode almoçar bem com 4 dólares, o que até convertendo em real se tornava acessível) e todos os livros mais perigosos que você pode desejar, RED EMMA'S também abriga eventos periodicamente e cursos grátis de idiomas, técnicos ou o que mais as pessoas se voluntariam para dar. As prateleiras impressionam com seus 5 metros de altura e precisam de escadas com roldanas para chegar ao topo. Em contraste, perto do caixa havia mini prateleiras e mini mesinhas para receber crianças com livros, brinquedos e jogos.

Caminhamos pela cidade com uma compa que faz parte do coletivo para conhecer mais da história da cidade, do espaço e tudo mais. O café RED EMMA'S começou suas atividades no fim de 2003, logo após o fim das ondas de luta antiglobalização, quando grupos de anarquistas, estudantes, trabalhadoras queriam desenvolver projetos políticos nas suas comunidades para além dos protestos de rua e mobilizações reativas que já estavam perdendo força. Um contexto muito semelhante aos relatos que ouvi de compas do Coletivo Ativismo ABC/ Casa da Lagartixa Preta em Sto. André e do Espaço Impróprio em São Paulo, ou da Kasa Invisível em Belo Horizonte. É também uma reflexão importante para anarquistas no mundo todo que querem se organizar por tempo mais longo que uma noite de protestos. O espaço começou no porão alugado da casa de alguém, depois foi para uma loja maior e agora nesse espaço gigante. Na breve turnê que participei em 2013, nossa fala foi no antigo espaço, que ficava logo ao lado e no mesmo quarteirão. Estavam de mudança e fizemos nossa fala no antigo em um dia e no outro assistimos a um lançamento do livro “Why Are Faggots So Afraid of Faggots?” de Mattilda Bernstein, já no novo espaço.

Após o assassinato de Freddy Gray pela polícia de Baltimore, durante a semana mais tensa das lutas que tomaram o mês de abril, a prefeita da cidade decretou toque de recolher dentre as 22h e 5h da manhã. Muitas pessoas da região ficaram impossibilitadas de trafegar e manter sua rotina, então foram se abrigar no RED



Interior do Red Emma's, em Baltimore.

EMMA'S durante a noite para poder ir trabalhar cedo e não serem presas aleatoriamente nas ruas por violar o toque de recolher. E assim, conviveram entre adultos, estudantes e crianças da comunidade, confraternizando, cozinhando e fazendo até algumas festas ali abrigadas do caos das ruas. Visitar espaços como esse moldou minha visão sobre o que pode e deve ser um centro social comprometido com a luta e sua comunidade.

Durante a caminhada conhecemos alguns lugares importantes desses dias de luta e também outros prédios, como a sede de um grupo chamado Fusion Partnership (<http://fusiongroup.org>), que foi comprado por trabalhadoras nos anos 1960 e usado tanto para moradia quanto para abrigar escritórios, ateliers e oficinas para projetos sociais. Eles também conquistaram o título de “organização não-lucrativa” para captar recursos e direcionar para pequenos coletivos que não teriam como se financiar. Uma forma de abrigar e estimular projetos menores que também buscam construir uma luta por justiça social.

O debate foi curto pois tivemos um pouco menos de tempo, mas o público foi o mais numeroso até então. Levamos nossa grande caixa com zines, livros e camisetas em uma banquinha para ajudar na viagem e passando o chapéu ao fim de cada apresentação para reaver os custos que tivemos com passagens. O pessoal estava muito animado em contribuir! Ainda bem, porque ainda tinha que voltar para casa com dois meses de aluguel atrasados!

Um 11 de setembro no coração do Leviathan e uma visita à terra dos Black Panthers

Washington, DC (11/set) e Philadelphia (12/set).

Passamos pela então casa do Obama, Washington, DC em pleno 11 de Setembro (aniversário de 14 anos desde que alguns árabes deram um tapa na cara do Tio Sam, matando mais de 3 mil pessoas, e outros 32 anos desde que o mesmo Tio Sam ajudou Pinochet a instaurar sua ditadura no Chile, matando pelo menos 30 mil pessoas em 17 anos de regime).

A atividade foi num espaço com meio século de atividades chamado Potter's House (pottershousedc.org). Um centro social e café e livraria sem fins lucrativos que foi comprado por uma igreja progressista da cidade em 1960 e que sempre esteve ligado a movimentos sociais e libertários. Ficou fechado por um ano e meio para uma reforma total e voltou no início daquele ano de 2015. Tem um café e um ótimo setor de livros onde as pessoas trabalham e tiram um salário. No fundo, uma sala gigante abriga os eventos. Tudo muito bonito, limpo e até chic, eu diria. Primeiro mundo é mais fácil, né? Mas fica aí a inspiração. O debate foi bem cheio e, pela primeira vez, houve tradução da nossa fala para ASL (a linguagem de sinais nos EUA, equivalente a LIBRAS no Brasil)! Pois é, a própria comunidade de pessoas surdas da região que demandou, pois algumas pessoas não queriam perder o debate. Nunca tinha tido essa experiência e acabei descobrindo que a linguagem em Libras não é universal e também variam os sinais de acordo com a região e idioma.

No dia seguinte, 12 de setembro, fomos para Philadelphia, cidade famosa por abrigar a história de muitos dos grupos mais militantes da resistência negra, como o MOVE e o Black Panthers. O lugar da atividade foi o Wooden Shoe – que significa sapato de madeira (*sabot*) e faz referência aos sapatos que eram jogados nas engrenagens das fábricas para interromper a produção. E sim, essa é a palavra que deu origem a palavra *sabotagem*. (woodenshoebooks.com/home.html)

Wooden Shoe é uma livraria anarquista que funciona em um espaço alugado e com trabalho voluntário. Desde 1976 está na ativa com vasta coleção radical de livros, arte, espaço para debates e vídeos, além de uma sala no porão para cursos e afins. Muitas reuniões de grupos anticarcerários e abolicionistas penais acontecem lá e o coletivo do espaço também é muito envolvido com a divulgação e o apoio a prisioneiras anarquistas, como Marius Mason, um militante anarquista, vegan e transgênero preso desde 2008 (supportmariusmason.org).

Dá pra ver que esse tipo de espaço e estrutura é recorrente em muitas cidades. O que nos leva pensar a importância para a comunidade de lugares assim, onde se pode encontrar pessoas, aprender e compartilhar novas habilidades e conhecimentos, apoiar as lutas radicais e fazer laços com o mundo todo. Praticamente em todas as cidades grandes e a maioria das cidades pequenas que visitamos possuem

um café, um infoshop, uma livraria ou um centro social de algum tipo, muitas vezes combinando tudo isso junto, organizado e gerido por anarquistas.

Antes dessas turnês com palestras e conversas lançando publicações, viajei bastante pelo Brasil e fiz duas turnês pela Europa com bandas de punk rock. Na ocasião das turnês na Europa, pudemos visitar muitos centros sociais e ocupações. Nos EUA não são tão comuns as ocupações e squats, como vocês verão nesse relato. De 30 shows que tocamos em uma dúzia de países europeus, mais de 20 foram em ocupações urbanas ou rurais. Uma delas em um antigo feudo e casarão do século XII! Tudo isso serviu de inspiração e, muitas vezes, me fez pensar em ficar por ali e me juntar a um projeto já caminhando e sólido. Mas creio que tudo isso me deixou muito mais inspirado em retornar e tentar organizar espaços assim na minha região. Logo que voltei dessa turnê, passei em São Paulo apenas para juntar minhas tralhas e voltar a Belo Horizonte, minha cidade natal. Por onde participei do surgimento de um café vegano e livraria num prédio tradicional do centro, e também uma ocupação.



Wooden Shoe, Philadelphia.

Pizzaria autogerida, museu das ocupações, plataformistas, Indymedia e Cataratas!

Boston (14/set), Nova York (15 e 16/set) e Rochester (17/set)

Seguindo o roteiro, visitamos duas grandes cidades Boston e Nova York e, em seguida, Rochester, também no estado de NY. Em Nova York pelo menos conseguimos a façanha de ocupar (mais ou menos) um apartamento vazio no Brooklyn por duas noites.

Chegamos em Boston no dia 13 de setembro à noite e tivemos a manhã e tarde do dia 14 livres. Dentre as possibilidades de rolê, havia visitar o MIT – Massachusetts Institute of Technology, onde dizem que foi inventada a tal da internet e havia uma exposição de tecnologia e robótica. É lá que trabalha o famoso linguista e anarquista Noam Chomsky. O tio Chomsky já se aposentou mas está sempre por lá como membro honorário e bonachão. Disseram que normalmente é fácil encontrá-lo no refeitório ou corredores da universidade. Mas já estávamos no rolê há alguns dias nesse verão quente e precisávamos lavar algumas roupas. Assim, não fomos ao MIT para resolver essa questão estratégica. O jeito era esperar trombar ele quando vem ao Brasil visitar a família da atual esposa e passear com o Lula, só para mostrar memes da cara do Foucault naquele debate de 1971.

Então à noite fomos ao Encuentro 5 (encuentro5.org), um escritório compartilhado por movimentos sociais da cidade ligados a várias lutas. Muitos dos membros do coletivo anarquista que organizou o evento são imigrantes, o que aumentou ainda mais a pluralidade do nosso grupo que já é composto por 5 alienígenas, cada um de um país. Em 2013, na turnê que fizemos para falar das Jornadas de Junho pela costa leste dos EUA, passei por Boston durante a Feira do Livro Anarquista e alguns rostos eram familiares. Lembro de ter participado de uma oficina de design gráfico naquele evento e foi muito útil para futuros projetos!

Na manhã seguinte fomos a cidade de Nova York. Chegamos no Brooklyn para encontrar nossos anfitriões em uma pizzaria cooperativa e vegana chamada Norbert's (norbertspizza.com), cujo logo é um gato negro do sindicalismo revolucionário. Comemos e tivemos a boa notícia de que não precisaríamos mais nos separar em 2 casas, como era previsto (em NY tudo é mais apertado). Havia um apartamento vazio no prédio acima da pizzaria, com colchões para todo mundo. Então, praticamente podemos dizer que ocupamos um apê por duas noites em NY! Mas a realidade é menos radical: um dos camaradas, um anarquista judeu era conhecido do dono do apartamento, que também é judeu e dono de vários imóveis e topou ajudar seu patricio nessa. Ele me contou, mais tarde, que essa fraternidade e apoio mútuo entre a comunidade judaica é muito comum por lá.

Nada poderia ser mais perfeito, pois ficamos na cidade dois dias para realizar dois debates. No primeiro, no dia 15, três de nós fizeram uma fala nova compartilhando experiências sobre o movimento de Ocupações/Squats na Suécia, Eslovênia e Argentina.



Museum Of Reclaimed Urban Space, em Nova York.

O debate sobre Ocupações foi no MORUS, Museum Of Reclaimed Urban Spaces (Museu dos Espaços Urbanos Retomados ou Ocupados: morusnyc.org). É um prédio na parte oeste de Nova York que foi ocupado e conseguiu concessão do governo para funcionar sem o risco de despejo. O primeiro andar e o porão são um espaço para eventos diversos e contam com um acervo de fotos, vídeos que preservam a memória e contam a história de espaços que foram ocupados e coletivizados e tornados projetos comunitários: parques e terrenos onde foram feitas hortas públicas, casas e prédios ocupados para moradia ou temporariamente. Algo muito interessante em um país onde é raro e arriscado ocupar e manter espaços desafiando a lógica da propriedade privada e a violência policial. A atividade foi bem legal e pessoas que moram nos projetos de habitações da região estiveram presentes e interviram com suas próprias experiências locais.

No dia seguinte, 16 de setembro, aproveitamos o dia livre para nos perder nas imensas galerias do American Museum of Natural History. Muitos fósseis, muita história e muitos artefatos surrupiados de vários povos da África, Ásia e Américas. Em quase 3 horas de caminhada não foi possível ver nem metade do acervo.

À noite, realizamos nosso tradicional painel em um espaço anarquista no Brooklyn, chamado The Base/La Base (thebasebk.org). Um centro social anarquista bem charmoso que tem uma horta gigante bem no meio da calçada, uma pequena biblioteca que leva o nome da anarquista negra e feminista Lucy Parsons, conta com cursos de espanhol que usam textos libertários base, abriga atividades abertas e muitos materiais da Cruz Negra Anarquista de Nova York (nycabc.wordpress.com), que realiza vários trabalhos de apoio a anarquistas e ativistas que estão atrás das grades partindo de uma perspectiva abolicionista. A atividade foi uma das mais cheias e dos debates mais animados até então.

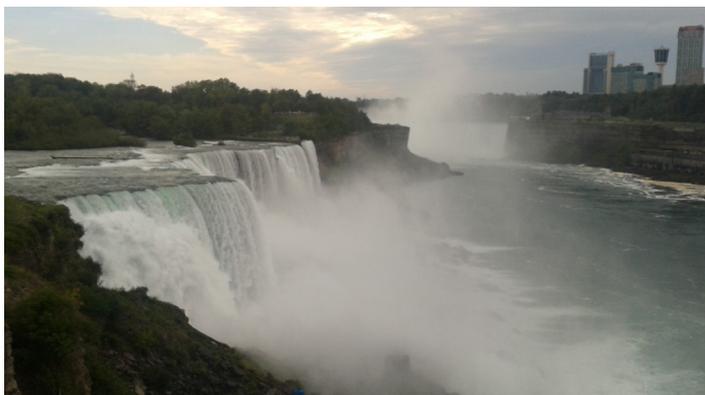
Cansados de tanto turistar durante o dia e mais uma noite de apresentação, voltamos para dormir no apartamento “ocupado”. O prédio fica curiosamente junto à linha do metrô, que passa suspensa sobre a tal da avenida Broadway, como o minhocão em São Paulo, de modo que os trilhos do metrô passam na altura das

janelas e causam considerável barulho à noite. O primeiro que ouvimos foi bem assustador.

Logo na manhã seguinte partimos para fora das regiões metropolitanas. Fomos fazer o debate na cidade de Rochester em um espaço chamado The Flying Squirrel Community Space (“Espaço Comunitário Esquilo Voador” – thesquirrel.org/about-us). O Flying Squirrel é um casarão enorme, com um grande terraço e ampla cozinha comunitária que foi comprado coletivamente por um grupo bem diverso de anarquistas. Mas a maioria do pessoal está mais ligado à corrente Plataformista – semelhante à linha Especificista no Brasil e na América Latina. Tivemos uma apresentação muito legal no terraço para uma plateia mais diversificada, inclusive com famílias inteiras e até um brasileiro que colou por lá para praticar o português. O espaço tem várias salas para reunião e um escritório para diversos usos de grupos ativistas, como o Centro de Mídia Independente da cidade (rochester.indymedia.org).

No dia seguinte, saímos sentido Buffalo e Columbus. Mas antes, uma parada para um piquenique nas Cataratas do Niágara, na divisa entre Estados Unidos e Canadá! Vista incrível da força da natureza que recarrega nossas energias e descansa a mente de tanto ver estrada e prédio – se bem que em frente às cataratas, olhando para o lado canadense, tinha mais prédios, incluindo um horrível cassino.

Para ir à base da catarata, perto de onde a água cai fazendo aquela chuva que molha tudo ao redor, é preciso pagar 40 dólares – na época, uns 120 reais. Porém, misturando o jeitinho brasileiro, com a malandragem do leste europeu, aliados ao desrespeito total pela lei e pelo mercado, pulamos umas cercas e bancamos os turistas perdidos até ganhar um passeio de graça no elevador que vai até a base da queda d’água. Simplesmente incrível! Na minha experiência com pequenas contravenções no primeiro mundo, me parece que por lá as autoridades contam com a obediência total das pessoas e não estão atentas aos esquemas e jeitinhos como aqui no Brasil. Bastava notar que éramos os únicos sem as capas de chuva amarelas por ali para sacar que estávamos fazendo algo não permitido. Tudo valeu a pena para admirar de perto cada segundo daquela monumental força da natureza que jamais deveria estar cercada e acessível somente a quem pode pagar.



Cataratas do Niágara.

Earth First!, E.L.F. e pregação na igreja

Buffalo, NY (18/set) ; Pittsburgh, PA (19/set) e Columbus, OH (20/set)

Com as roupas ainda úmidas das águas do Niágara, chegamos à cidade de Buffalo. Fomos direto ao Burning Books (burningbooks.com), que é uma livraria anarquista e engajada na divulgação de lutas ambientais radicais. A maioria absoluta dos livros é ligada a temas como Animal Liberation Front (Frente de Libertação Animal, ALF) e Earth Liberation Front (Frente de Libertação da Terra, ELF). Membros do coletivo editam a revista Earth First! (earthfirstjournal.org) e um deles é o porta-voz, isto é, o rosto público que anuncia ou comenta com a imprensa quando há alguma ação da ELF na América do Norte. O que é um trampo bem louco, já que você vai ser quem vai explicar e assumir que foi a organização que você representa que incendiou uma fábrica que polui as águas e o solo ou destruiu um laboratório que realiza testes em animais. O camarada que tem essa função está na lista de observação do FBI e não pode pegar um avião quando quiser nem visitar diversos países, incluindo o vizinho Canadá. Falei com ele que seria ótimo recebê-lo para falas no Brasil e ele disse que tinha que checar se poderia voar para cá, mas que adoraria.

O Burning Books funciona numa esquina pacata da cidade desde 2012. Depois de serem despejados de outros lugares, finalmente compraram a loja e montaram ela no melhor estilo “faça-você-mesma”. Simples e bonito. Nossa atividade foi junto com outro grupo de Libertação Animal que esteve envolvido em campanhas e ações recentes contra laboratórios que realizam testes em animais.

De lá fomos para a cidade de Pittsburgh, no estado de Pensilvânia, para o nosso primeiro dia com duas atividades. A cidade é bem parecida com aquelas dos filmes de universidade americanos, mas nos disseram que é porque estava rolando uma tremenda gentrificação e que o Google e outras big-tech estavam hipsterizando os bairros todos por lá. Chegamos cedo e logo pela manhã acompanhamos mais um passeio pela cidade mostrando pontos importantes da greve de ferroviários de 1877, que culminou em um confronto armado entre grupos operários e milícias armadas da direita.

Nossa atividade foi numa universidade que fica dentro de um prédio que é também uma catedral. Um visual muito louco que mistura algo de neo-gótico com arranha-céu moderno. Tipo Harry Potter com Blade Runner, se isso fizer sentido. O lugar era medonho e fácil de se perder lá dentro. Foi a atividade mais lotada que tivemos, com cerca de 120 pessoas. Financeiramente também ajudou muito porque havia mais gente para colocar trocados na nossa caixinha e o pessoal da organização fez um evento antes para levantar fundos e nos deu o dinheiro quase que suficiente para uma passagem de avião de um de nós. Então, voltar para casa já começava a ficar (quase) garantido.

No mesmo dia, à noite, fomos para uma outra casa que funciona como centro social, onde algumas pessoas moram, pois lá estava marcado o segundo debate.

Para não fazer a mesma coisa, elaboramos questões relacionadas aos temas e jogamos para as pessoas da cidade compartilharem suas próprias experiências em vez de somente ouvir de nós mais uma vez.

No dia seguinte, fizemos uma viagem curta de apenas uma hora até a cidade de Columbus para uma outra apresentação inusitada. Dessa vez numa igreja metódista da região. Foi engraçado falar numa igreja no domingo, mas afinal, estamos fazendo uma parada bem estilo Jesus Cristo indo de cidade em cidade, falando na praça e pedindo um lugar pra dormir e comer antes de partir na manhã seguinte, nas terras do maior império de sua época... A diferença é que a mensagem que passamos é que nem deus nem mestres podem nos salvar!



Fachada do centro social Burning Books.

Lagos radioativos e um gosto do fim do sonho americano

Cleveland (21/set) e Toledo, OH (22/set)

Acordamos nesta segunda-feira, dia 21, para mais um dia de trampo e estrada. Fomos rumo a Cleveland, uma cidade que, assim como Detroit, já foi uma das mais ricas dos EUA e hoje é uma das mais falidas. Fica nas margens do Lago Errie, no norte do país.

O debate foi na livraria e editora anarquista chamada Guide To Kulchur (twitter.com/guidetokulchur). O lugar havia sido comprado 3 anos antes, em 2012, e era gerido coletivamente por membros voluntários. O espaço não é muito grande, mas é bem aproveitado. Muitos livros e uma sala só de acervo de zines para consulta e para copiar. Nos fundos, uma imprensa e um ateliê para produzir livros editados e lançados pelo coletivo. Enquanto editamos a versão impressa deste texto, descobrimos que o espaço encerrou suas atividades em março de 2019, dissolvendo também seu registro como non-profit.

No dia seguinte, mergulhamos brevemente na orla dos Grandes Lagos, um dos maiores reservatórios de água doce do mundo, depois de ouvir que podia estar contaminado por radiação. Ouvimos isso bastante nessa viagem! Mesmo assim demos um tibum. Ninguém passou mal, mas não recomendamos.

Partimos para Toledo, uma pequena cidade também em Ohio a poucas horas dali. Nosso debate foi num dos melhores cenários até agora: uma roda em volta de uma fogueira em uma imensa horta em um terreno ocupado no centro da cidade. O terreno foi ocupado pouco depois do movimento Occupy de 2011 na cidade, quando pessoas decidiram se juntar para manter alguma atividade permanente depois que as praças ficaram sem as barracas dos acampamentos. Foi incrível bater papo ali sentando em bancos improvisados com toras de madeira, comendo chili numa cozinha aberta feita de adobe, tudo isso enquanto o sol se punha e dava lugar à luz laranja da brasa que iluminava os nossos rostos. O debate foi caloroso como a fogueira ali no meio. Muitas das pessoas presentes eram ativistas de longa data, desde as épocas de movimentos antiglobalização. Foi muito legal ter uma atividade em algum espaço verde, ainda mais um grande espaço como aquele no meio de um centro urbano, enfrentando o avanço do concreto e do asfalto.

Mas abandonamos o clima verdejante e vivo da horta para partir na mesma noite para a tão esperada Detroit: a cidade-fantasma, cheia de prédios em pedaços e bairros inteiros abandonados! Um retrato vivo do possível futuro de todas as cidades, testemunhando a falência do capitalismo e suas relações.

Detroit: a cidade fantasma no coração capitalista

Detroit (23/set)

Chegamos em Detroit lá perto da meia-noite do dia 22 pro dia 23 de Setembro já para dormir no espaço onde faríamos o bate-papo. O lugar é chamado Trumbullplex (trumbullplex.org) e fica numa vizinhança suburbana não tão degradada da cidade. É uma mansão gigante do século XIX com três andares, porão e um galpão no fundo onde rolam shows, eventos diversos e tem um bar e uma zineteca. Lembra o Espaço Impróprio (um espaço anarquista que habitava um casarão antigo na região da Rua Augusta em São Paulo de 2003 a 2011), pois a galera vive nos andares de cima e a parte de baixo é onde rola os eventos. Até o cheiro de umidade e a bagunça são semelhantes. O espaço existe desde 1970 mas se tornou um centro social e de moradia organizado por anarquistas em 1993.

O que mais queríamos mesmo era dar uma volta na cidade e ver as ruínas do capitalismo de perto. Nosso anfitrião nos prometeu um passeio pelos locais mais icônicos da cidade. Detroit e seu entorno eram um enorme polo industrial, principalmente do setor automotivo. A Ford tinha uma grande produção de carros e motores lá desde o início do século e por volta dos anos 50 e 60 foi uma das cidades mais ricas e afluentes dos EUA. Mas a partir da década de 1970 a indústria automotiva nos EUA entrou em crise e abalou toda a enorme massa trabalhadora que dependia de seus empregos no setor. As fábricas migraram para o México, Ásia e América do Sul em busca de mão de obra barata. Um ótimo exemplo de como centralização e monopólio colocam nossas vidas nas mãos de uns poucos que vão embora em tempos de crise e deixam populações inteiras na mão. Imagine algo como o impacto causado pelo anúncio do fim das atividades da Ford no Brasil em janeiro de 2021, só que em escala nacional, com várias empresas saindo de cidades que dependem inteiramente dos empregos gerados por essas atividades.

A população, antes 3 milhões de pessoas, tinha na época de nossa visita cerca de 700 mil. É como se 75% da população de uma cidade como Belo Horizonte simplesmente fosse embora deixando casas e bairros inteiros abandonados. Obviamente, após as empresas e as elites sumirem levando recursos e estruturas, as classes médias e brancas, que tinham condições de sair, foram para outras cidades ou estados. A grande maioria dos que ficaram são uma população majoritariamente negra e pobre. E quando a população de bairros mais afastados e suburbanos vão embora, sobram poucos clientes para serviços como água e luz. E quem ficou muitas vezes também não tem como pagar todas as contas em dia. O que levou a uma grande crise de abastecimento, pois as empresas começaram a cortar a água de bairros inteiros. O dinheiro fala mais alto do que o direito de acesso à água – como sabem todas as pessoas em Itu, no interior de São Paulo, e como es-



Casas degradadas em bairro abandonado de Detroit.

tão aprendendo todas as que vivem na capital paulistana com as constantes crises hídricas. Talvez o cenário de Detroit seja um possível futuro para nossas cidades nos polos industriais do sudeste brasileiro.

O pessoal do espaço bolou um grande roteiro de bicicleta conosco pela cidade. Pegamos umas bikes loucas estilo Mad Max e uma que cabe duas pessoas pedalando e partimos. Em muitos bairros, vimos prédios partidos no meio ou com buracos enormes. Vizinhanças inteiras que pareciam de classe média alta sem ninguém na rua e árvores nascendo de dentro das janelas das casas. A parte central da cidade é bem podre para os padrões estadunidenses. Mas para nós do Brasil, é como qualquer centro velho de um Rio de Janeiro, Salvador ou Porto Alegre. Só que com detalhes mais chiques, claro.

Após cruzarmos bairros completamente vazios e arruinados, chegamos a uma vizinhança chamada Hiedelberg. Foi das coisas mais bizarras e fantasmagóricas que vi nessa viagem – e talvez em toda vida. Hiedelberg é tomada por obras de arte estranhas feitas com lixo e materiais de todo tipo: brinquedos, bonecas, relógios, eletrodomésticos, roupas, peças e carcaças de carros e barcos, próteses de braços e pernas, muletas, cadeiras de rodas. A ideia era ser algo lúdico e educativo, mas a mistura do contexto de cidade-fantasma com o efeito quase inevitavelmente macabro de bonecas velhas misturadas a próteses e sucatas, me lembrava algum filme de terror. Algo que atraía atenção, mas pensei o quão sinistro deve ser caminhar por aí à noite.

O lugar era realmente impressionante. Imagino que essa sensação era algo comum, pois em vários pontos, em meio a dezenas de placas explicativas, vimos avisos para não tirar fotos das casas residenciais nem das pessoas que moravam ali. Provavelmente elas devem estar cansadas de serem apontadas e fotografadas como animais num zoológico – imagino que seja o lado ruim de tornar uma vizinhança inteira em museu a céu aberto.

No total são umas três ou quatro ruas de lotes vagos, casas e uns galpões com obras de arte idealizadas por um cara chamado Tyree Guyton que começou a encher parte do bairro com sua arte três décadas antes para assim atrair pessoas



Uma de nossas bikes na vizinhança decorada pelo Heidelberg Project, Detroit.

curiosas e turistas, movimentando a região. Isso porque o bairro, assim como muitos outros, virou um deserto de casas vazias ocupadas por usuários de drogas e pelo tráfico. A sua arte espontânea, que usa materiais que encontra pela cidade, foi o modo de trazer novamente outras relações para a região. Dizem que quem mora por ali também ajuda nas suas obras e que ele montou uma ONG respeitada e conhecida como Heidelberg Project (www.heidelberg.org). Apesar do espanto inicial causado em mim e alguns colegas, o projeto tem uma função social e educativa muito importante na comunidade.

Gostaríamos de ter passado mais tempo em Detroit, mas não foi possível devido ao nosso cronograma. O Museu de História de Detroit estava recebendo uma exposição sobre os 50 anos da revista *Fifth Estate* (www.fifthestate.org), a revista anarquista mais antiga dos EUA que começou em Detroit em 1965. Um amigo que trabalha na revista queria nos levar pessoalmente para mostrar tudo, mas infelizmente o museu só abre essa exposição no fim de semana e não quiseram liberar uma visita especial para nós. O jeitinho brasileiro não colou dessa vez.

Depois de suar e nos bronzear pedalando, voltamos para comer e nos preparar para a atividade da noite. O debate teve um público um pouco menor que o de costume, mas as perguntas e algumas das falas mais interessantes da viagem. Ouvimos experiências de participantes de grupos locais, como uma senhora anarquista e feminista que faz um trabalho com imigrantes e na luta contra despejos na cidade. Com certeza foi a fala mais inflamada, radical e inspiradora da noite.

Ela vinha de um bairro degradado, onde as pessoas tinham que lutar ferozmente para manter a eletricidade ligada em um prédio que em breve seria despejado. “Mas mesmo se vencermos este, há muito mais pessoas prestes a serem despejadas”, diz ela. No entanto, não havia desespero em sua voz. Não falta confiança. Nenhum pensamento de derrota. “Devemos lutar, mesmo que coloquemos nossos corpos em perigo, todos juntos”, ela conclui em uma linguagem muito mais radical do que a que ouvi da maioria dos camaradas em nossa viagem. Ela e seus amigos estão obviamente lutando por suas vidas.

Biblioteca de Michigan: um passeio pela história do anarquismo

Michigan (24/set)

Saindo de Detroit rumo a nossa próxima atividade em Kalamazoo, paramos na cidade de Ann Arbor para visitar um lugar especial e que merece mais um relato exclusivo: a Coleção Joseph Antoine Labadie, um acervo de materiais e publicações anarquistas dentro da Biblioteca da Universidade de Michigan. É talvez o primeiro ou o segundo maior acervo anarquista do mundo e o mais completo disponível para pesquisa. Basta marcar uma visita. E foi o que fizemos!

A coleção começou como um acervo pessoal do anarquista Joseph Antoine Labadie (https://en.wikipedia.org/wiki/Jo_Labadie) ativo em Detroit do fim do século XVII ao início do século XIX. Ele era editor de um jornal e começou a guardar materiais que produzia e trocava com outras pessoas pelo país e pelo mundo. Ele faleceu em 1933, mas em 1911 doou sua coleção para ser conservada e ampliada dentro da Universidade. Desde então, a coleção abriga materiais anarquistas, feministas, LGBTTIQ, antirracistas e de diversas lutas radicais. Desde livros, jornais, cartas, posters e materiais pessoais. Uma parte especial é o que nossa amiga chama de “efêmeros”, que são panfletos, flyers e materiais de divulgação para eventos ou greves que geralmente vão para o lixo mas, assim como livros, contam a história dos movimentos. O próprio Labadie dedicava atenção especial a esse tipo de material. Agora você já sabe: toda vez que coleguinhas te julgarem por guardar todos os panfletos de manifestações, circulares, flyers de shows, posters e informativos que todo mundo joga fora, pode usar essa informação como justificativa política: “Sabia que os ‘efêmeros’ são artefatos subvalorizados e fundamentais para contar a história do nosso movimento?!”.

Quem nos recebeu foi a responsável pelo acervo, uma anarquista chamada Julie Herrada que faz um trabalho de conservação, organização e curadoria do que chega por lá desde 1984. Escrevemos para marcar uma visita nos dias em que estaríamos pela região e ela pareceu muito animada em receber um “grupo de anarquistas intercontinentais”.

Para ver os materiais e fazer alguma pesquisa é necessário marcar antes e dizer o que você procura, pois o acervo é enorme e ocupa quase todo um andar do prédio. Então, é melhor evitar que pessoas fiquem por lá perdidas sem saber o que querem, vasculhando sem os devidos cuidados no meio de um labirinto de materiais históricos e raros. Chegamos e logo fomos para uma sala onde não se pode levar mochilas, apenas cadernos para tomar notas e câmeras para fotografar os documentos. O pessoal leva em um carrinho os materiais disponíveis relacionados aos temas que pedimos.

No e-mail que mandamos previamente, pedi materiais sobre as lutas anarquistas no Brasil do início do século XX, pois queria ver se encontrava materiais sobre a greve geral de 1917 protagonizada pelo movimento operário anarquista

da época em São Paulo. Infelizmente, os jornais mais antigos que estavam disponíveis eram da década de 30. Mesmo assim, foi muito interessante ver cópias originais dos jornais A Lanterna e A Plebe por lá, ler as notícias e folhear alguns livros velhos.

Cada pessoa do nosso grupo pediu uma coisa. Um, que está escrevendo uma série de bibliografias e histórias de vida de anarquistas, pediu materiais relacionados ao anarquista italiano Errico Malatesta, outros pediram coisas diversas de seus países, como República Tcheca e Suécia. Outra amiga queria ver materiais sobre Emma Goldman, anarquista nascida no antigo Império Russo e que atuou bastante nos Estados Unidos – avisei que nosso caminho cruzaria novamente com a tia Emma. Foi surpreendente tudo o que vimos, pois além de textos, notícias e fotos originais da época, o acervo conta com materiais pessoais, como passaporte e carteira de identidade de Emma, cartas escritas ou recebidas por ela. Como uma carta escrita por seu companheiro, o anarquista Alexander Berkman, enquanto ele estava na prisão. Foi muito inusitado e incrível poder ver e tocar esses materiais e sentir todas essas histórias aparecendo na nossa frente como se ouvíssemos da própria boca das pessoas que as viveram. Uma de nós leu em voz alta a carta e se emocionou ao notar o tom desesperançoso de Berkman declarando seu amor a Goldman enquanto achava que realmente morreria na prisão sem nunca mais vê-la – o que felizmente não aconteceu!

De fato, achei estranho podermos tocar e manipular todos aqueles documentos. Quando perguntei se isso era normal em toda visita, nossa anfitriã respondeu um pouco desconcertada que não, “normalmente não deixamos as pessoas pegarem assim nesses papéis”. Acho que o fato de estarmos nessa “caravana internacionalista” a fez abrir uma exceção. E para quem se preocupa: nada foi danificado!

Aproveitamos a visita para doar alguns materiais que trazíamos conosco para o acervo. Afinal, a história continua e estamos fazendo ela agora mesmo! Deixamos cópias do projeto Para Mudar Tudo em todas as línguas que tínhamos em mãos – 6 das 26 versões. Além disso, deixei alguns posters que tinha do projeto e outros zines brasileiros do coletivo Fação Fictícia. Nosso camarada estadunidense do CrimethInc estava mais preparado para a visita e deixou uma pilha de materiais, como revistas, zines, posters, adesivos, marcadores de páginas e outras coisas raras e muito antigas produzidas pelo coletivo desde seu início nos anos 90. Foi legal também poder ver esses materiais ali, pois são coisas que nem eu tinha visto impresso, por já estarem fora de catálogo há mais de uma década.

Para quem quer pesquisar e revisitar a história de lutas anarquistas no Brasil, existem coleções organizadas e geridas por anarquistas como no Centro de Cultura Social ou a Biblioteca Terra Livre em São Paulo. Há também um grande acervo na Universidade de Campinas que leva o nome do anarquista brasileiro Edgar Leuenroth, que editou os jornais A Lanterna e A Plebe.



Documento de Emma Goldman no acervo Labadie, da Biblioteca de Michigan.



Documentos e objetos pessoais de Emma Goldman: carteira de identidade francesa, passaportes russo e americano, e a carta de Alexander Berkman escrita na prisão.

Periódicos, gravuras e uma visita aos Mártires de Chicago

Kalamazoo (24/set), Grand Rapids, MI (25/set); Milwaukee, WI (26/set); Chicago, IL (27/set)

Em Kalamazoo, Michigan, falamos num espaço comunitário de uma igreja local, onde grupos queer e negros organizam algumas atividades. Em Grand Rapids, também em Michigan, falamos num ateliê incrível de uma gravurista mexicana no espaço chamado Tanglefoot (www.facebook.com/tanglefoot.artists/) e quem organizou foi o pessoal do jornal anarquista Black Seed (<http://blackseed.anarchyplanet.org/>). Em Milwaukee, Wisconsin, falamos numa livraria socialista autogerida chamada People's Books, ativa desde 1974 e que funcionava como cooperativa desde 2007. Infelizmente, soubemos também que foi fechada um ano após nossa visita, em agosto de 2016, por conta de desentendimentos com o proprietário do imóvel – um caso clássico.

Enfim, chegamos à tão esperada Chicago! Visitamos alguns lugares históricos, como Haymarket Square, a praça onde ocorreram protestos no dia 4 de maio de 1886 convocado por anarquistas após a morte de operários em uma fábrica em Chicago. Durante o ato, uma dinamite foi atirada na direção da polícia, matando sete policiais e quatro seres humanos. Quatro militantes anarquistas foram acusados aleatoriamente e condenados ao enforcamento. Outros três foram presos, um morreu na prisão e outros dois “perdoados”, em 1893, pelo governador do estado, que alegou que tanto os presos quanto os executados eram inocentes pois não havia provas contra eles. Esses eventos deram origem às celebrações do 1º de Maio, Dia dos Trabalhadores e das Trabalhadoras – não do trabalho!

O grupo que nos recebeu e guiou pela cidade disse que um monumento aos policiais mortos foi erguido no local da tragédia, mas foi explodido e destruído três vezes em diferentes protestos durante o primeiro de maio ao longo de décadas. Hoje ele fica dentro do quartel da polícia e no local original ficou apenas o monumento em memória aos mártires anarquistas. Um ótimo exemplo de que nas ruas devem estar as homenagens que os de baixo quiserem e que destruir monumentos também é escrever a história.

Mais tarde, visitamos o histórico Cemitério de Chicago onde várias figuras do anarquismo mundial estão sepultadas e há um memorial com uma imensa e linda estátua que lembra a tragédia de Haymarket. Nela, há a inscrição:

“– Chegará o tempo em que nosso silêncio de hoje será muito mais eloquente que as vozes que hoje vocês estrangulam.”

Logo ao lado estão os túmulos de célebres anarquistas como Emma Goldman, Lucy Parsons, Voltarine de Claire e muitas outras figuras importantes da luta operária do início do século XX. Esse foi nosso último e mais potente encontro com a história da companheira Goldman. Em seu túmulo, notamos que a data de falecimento está errada, pois ela faleceu em 1940 e não em 1939 – Oops! Sua lápide é a mais suntuosa ali, e nos informaram que foi feita décadas depois por anarquistas querendo homenageá-la. Nela há o epitáfio:

*“– A liberdade não descerá até o povo,
é o povo que deve ascender à liberdade.”*

Foi nessa viagem que ouvi pela primeira vez sobre as grandes turnês que Emma fazia pelos Estados Unidos para dar palestras e debates sobre anarquismo, os limites da luta por jornadas de trabalho de 8 horas, educação infantil, anticlericanismo e vários outros temas. Ela começou sua trajetória como oradora pública em 1890 passando por Rochester, Buffalo e Cleveland, cidades que também visitamos nessa viagem. Esse se tornaria um hábito que repetiu com seu companheiro Alexander Berkman, cruzando dezenas de cidades em falas e intercâmbios com os movimentos radicais. Mesmo em sua última década de vida, Emma organizou turnês como a nossa¹, mas em menor escala – ao que parece, poucas turnês chegaram ao nível de megalomania da nossa agenda. Algo que agora, olhando para tudo que fizemos e passamos, é fácil de imaginar o porquê.

No fim da tarde, chegamos para a atividade em uma ocupação num bairro residencial de Chicago, uma das poucas okupas dos EUA e a primeira que vimos na viagem. O espaço é enorme, com 3 andares e um porão que pode contar como um quarto andar. Tanto a casa quanto a vizinhança são compostas, em grande parte, por imigrantes da cidade de Guerrero, no México, e foi legal poder praticar o espanhol um pouco com a galera. Alguns conheciam bandas punks brasileiras e descobrimos até amigos em comum.

Na semana anterior houve um evento em memória de 43 compas desaparecidas pela polícia e pelo exército mexicanos na cidade de Ayotzinapa, em 2014. Naquele ano, eu havia participado também de um evento com familiares das pessoas desaparecidas em São Paulo. A brutalidade da violência policial e do narcotráfico no México lembram muitas vezes o nosso contexto brasileiro.

Após dias falando para pessoas não muito familiarizadas com ideias anarquistas, foi legal encontrar um espaço onde há um pouco mais de acúmulo para aprofundar alguns temas. O debate foi pensado para acontecer no porão, com cadeiras enfileiradas e faixas penduradas. Mas sugerimos levar a atividade para o quintal da ocupa, onde havia um grande jardim. Foi perfeito porque, além do calor, o público que compareceu não caberia na sala do porão e ao fim da palestra percebemos que era uma noite de lua vermelha, que nos jornais disseram estar no seu auge. Uma noite mágica para encerrar um dia incrível.

1 Ver <https://libcom.org/history/emma-goldman-extended-timeline>

No final, pessoas presentes se deram conta de que a atividade era o maior evento e a maior reunião de anarquistas e ativistas na cidade em muitos meses. O que foi ótimo, pois parece que o evento deu um empurrão para muita gente se reunir e talvez reativar ações locais. Foi legal ouvir isso e ter a sensação de que essa turnê realmente tem motivado as pessoas.

No próximo relato, nosso passeio pelas ruas de Ferguson, visitando os locais dos conflitos e as marcas do fogo e do chumbo que ficaram pela cidade.



Monumento em homenagem aos Mártires de Chigado, no cemitério da cidade, onde também estão Emma Goldman e Voltarine de Cleyre.

Mergulho na pedra e as marcas da revolta em Ferguson

Bloomington, IN (28/set); Evansville, IN (29/set); Carbondale, IL (30/set); St. Louis, MO (1/10).

Sáimos de Chicago com a mente ainda cheia de história das lutas sociais do início do século passado para nos chocar novamente com as lutas do presente. Passamos por várias cidades no fim de setembro, mas uma foi bem especial: Saint Louis, cuja região metropolitana integra a cidade de Ferguson, que em 2014 foi palco de uma das maiores ondas de rebelião contra a polícia e sua ordem de violência racista. Mas vou tentar manter a cronologia.

Sáimos de Chicago e, no dia 28, falamos em uma sala da universidade local da cidade de Blomington, estado de Indiana. Tivemos um debate interessante, mas o espaço não era tão inspirador em termos de organização local. O lado bom foi que pudemos refrescar a mente, caminhar pela floresta com o pessoal que nos recebeu. Fomos até uma pedra com um lago artificial causado pela mineração e que agora está abandonado. Um ótimo lugar para nadar, mesmo com um visual apocalíptico, saltando de pedras de mais de 10 metros de altura. Nossos anfitriões trabalhavam voluntariamente em um projeto de cozinha comunitária e abasteceram nossa van com vários alimentos não perecíveis, pães e alguns enlatados – além de nossas bagagens pessoais, levávamos dois grandes engradados de livros e materiais para vender, e uma grande caixa de comida, com coisas que comprávamos e ganhávamos no caminho.

Ainda no estado de Indiana, falamos em um café moderninho em Evansville e partimos para Carbondale, Illinóis. Foi mais uma das poucas vezes que tivemos que viajar durante a noite. Uma das cidades mais hospitaleiras que encontramos, com um infoshop incrível chamado Flyover Infoshop (<https://www.instagram.com/flyoversocialcenter/>). Além de atividade e muita literatura, tem uma prateleira toda dedicada à medicina natural, tinturas, bruxarias e faça-você-mesmx. Tudo a preço livre. Para ficar ainda melhor, um dos membros é massagista profissional e nos presenteou com uma sessão de massagem! Depois de um mês dentro de uma van por horas todos os dias, não podíamos desejar nada melhor. Nossos compas dividindo o volante por toda a turnê eram os mais necessitados, é claro.

A grande quantidade de materiais de saúde natural e tradicional faz muito mais sentido quando pensamos o quão precário é o sistema de saúde nos Estados Unidos. Praticamente não há saúde pública e o acesso a qualquer tratamento ou medicamento só é possível pagando – e muito caro. Quando conto que todas as vezes que sofri acidentes de bicicleta, seja trabalhando com entregas (sem registro ou qualquer cobertura, claro) ou não, ou que faço acompanhamento dentário, com limpeza periódica e até tirei meus siso pelo SUS, todos ficam muito surpresos. Conheci pessoas com problemas dentários ou ortopédicos crônicos que

não podiam se tratar por não ter grana nem para uma avaliação. Me falaram que só o fato de eu ter sido resgatado de ambulância em um acidente de bike gratuitamente já era surreal, pois lá uma voltinha de ambulância te deixa com uma dívida de mais de mil dólares. Não me lembro em qual cidade, mas quando contei que, além do pronto atendimento, todos os medicamentos que precisei eu pegava no próprio posto de saúde do bairro ou hospital, ouvi um “Nossa, é igual Cuba!”. A história da construção do SUS e sua estrutura pública de saúde, fruto da organização de profissionais da área é muito inspiradora e merece ser contada e valorizada. Tudo isso para dizer também que a ausência dessa estrutura e acesso a medicamentos e tratamentos básicos me parecem influenciar muito a busca por tratamentos fitoterápicos, sabedorias e bruxarias ancestrais nos meios anticapitalistas estadunidenses.

De lá seguimos para Saint Louis, para falar em uma atividade organizada numa universidade moderna que mais parece um shopping, com praça de alimentação, loja de roupas, eletrônicos e agências bancárias. Bem feio e desconfortável, mas, pelo menos, é mais honesto pois mostra qual o real papel das instituições de ensino em relação ao mercado. Recebemos o convite para bolar uma fala especial para o evento, abordando as tensões raciais, de gênero e classe nas mobilizações que vivenciamos em cada região da qual viemos. Foi interessante fazer essa troca e citar os movimentos e lutas recentes no Brasil, como o movimento Mães de Maio e o protesto no fim de 2014 organizado por diversos movimentos em São Paulo sob o slogan “Ferguson é Aqui”. Ao final, quis comprar uma camisa com a mensagem “Eu Amo Ferguson”, onde no lugar do verbo “amo” há uma viatura em chamas que formam um coração. O camarada responsável pela banquinha, muito simpático e sorridente, não quis receber meu dinheiro e disse que a camisa era presente. Mais tarde fui saber de sua história. Nas noites de conflitos mais intensos nas ruas de Ferguson, houve trocas de tiros entre manifestantes e policiais – como é sabido, o porte de arma é liberado nos EUA, inclusive com milícias negras, socialistas e queers. Mas o ponto é que esse compa ficou no meio de um fogo cruzado e foi baleado no peito sem que ninguém saiba ao certo por quem, se por policiais ou manifestantes. Seus companheiros o carregaram desacordado e o levaram ao hospital praticamente morto. Seu coração parou de bater com a bala alojada nele. O dano não foi severo, mas foi preciso abri-lo e o médico massageou diretamente seu coração, fazendo-o voltar a bater com suas próprias mãos. Fiquei muito surpreso ao saber que tinha ganhado essa camisa de alguém que arriscou e, de certa forma, perdeu sua vida na luta contra a polícia e seu mundo, mas teve uma segunda chance de viver. Guardo muito bem essa camisa até hoje e tenho por ela um carinho muito especial.

Dormimos em uma casa ocupada em uma rua onde haviam ao menos 4 casa ocupadas geridas pelo mesmo grupo anarquista, mas que foram despejados alguns anos depois de nossa visita. Saint Louis, Ferguson e outras cidades da região sofreram um processo parecido com o de Detroit quando empresas e indústrias transferiram sua produção para regiões como a Ásia em busca de mão-de-obra barata. De uma região rica, a cidade passou para uma realidade de desemprego em massa,

êxodo e bairros abandonados. E, assim como Detroit, grande parte da população que ficou por lá também pertence às camadas mais pobres e às populações negras e latinas. Lá também vimos bairros abandonados e destruídos.

Na nossa última noite na cidade, saímos pelas ruas de Ferguson para mais um passeio turístico subversivo. Fomos de carro lentamente com uma pessoa que esteve presente nos dias intensos de protestos após a morte do jovem Michael Brown, assassinado pela polícia. Vimos o ponto exato onde Brown foi morto, o supermercado que, segundo a polícia, o jovem teria roubado um maço de cigarro. Na mesma avenida principal onde mercados, lojas e outros estabelecimentos foram queimados e saqueados e o ponto que virou o local oficial onde era a concentração de todos os protestos ao longo dos meses que se seguiram antes de se alastrar por todo o país. Em um ponto, vimos a marca no chão dos pneus e metais derretidos ainda na calçada depois que uma das primeiras viaturas policiais foi queimada até não restar quase nada. Por último, vimos a prefeitura que foi atacada diversas vezes por manifestantes.

Muitos grupos armados fizeram a contenção e impediram a polícia de acabar com os protestos. Em compensação, grupos conservadores chamados Oath Keepers (algo como, “mantenedores do pacto”), compostos por ex-militares, pessoas de classe média ou trabalhadora, inclusive pessoas negras, patrulhavam as ruas como uma milícia armada para “manter a ordem” e impedir os quebra-quebras.

Foi muito intenso ver todos esses cenários e ouvir de camaradas sobre como foi a repressão e os conflitos nas ruas. De qualquer forma, pequenas mudanças e passos rumo à nossa libertação total muitas vezes são dados quando pessoas assumem os riscos de enfrentar e expor as opressões desse mundo em que vivemos. Michael Brown será lembrado e sua morte será combustível para muitas revoltas, assim como Amarildo, Cláudia, George Floyd, João Alberto e muitas outras pessoas que ficaram para trás mas jamais esquecidas.



Grafite na pedreira em solidariedade a Marius Mason, ecoativista e transgênero preso nos EUA.

Mais rios radioativos, Food Not Bombs, especificistas gringos, autogestão e salas cheias.

Iowa City, IA (2/10); Kansas City, MO (3/10); Denver, (4/10) Boulder, CO (5/10); Salt Lake City, UT (6/10); Pendleton, OR (7/10); Seattle, WA (8/10)

No início de outubro cruzamos o Centro-Oeste dos Estados Unidos e chegamos à costa oeste, e vi pela primeira vez na vida Oceano Pacífico. Cruzamos desertos bonitos e assustadores, chuvas, as Montanhas Rochosas e chegamos às florestas de árvores gigantes nos estados de Oregon e Washington, as chamadas Redwoods, que de tão grandes algumas precisam de dezenas de pessoas para dar um abraço em torno dela. Quando nos habituamos a pegar estrada todo dia, entrar em universidades, supermercados e visitar pontos turísticos, a natureza nos lembra que ainda há muita coisa diferente para ver e uma infinita diversidade escondida atrás da uniformização urbana.

Visitamos pontos importantes para a história da resistência popular em cada cidade, guiados pelas incríveis pessoas que nos receberam e tiraram um dia inteiro para nos mostrar a região e compartilhar suas histórias e experiências. Fizemos muitas caminhadas nas florestas e paradas na estrada para fazer um lanchinho rápido, olhar um cânion ou um rio. Muita coisa está poluída e não pudemos nadar em alguns lagos e nem mesmo tocar em rios, como o Rio Mississipi em Saint Louis, que têm radiação até na areia! Mas mesmo assim é impressionante quanta natureza vigorosa, radiante e diversa existe pelo caminho.

Na primeira semana de outubro falamos em alguns lugares pequenos e lotados, como em Iowa City, numa salinha com 80 pessoas. O evento foi organizado por camaradas da Black Rose/Rosa Negra (<https://blackrosefed.org/>), organização anarquista especificista dos EUA. Em Kansas City falamos em um estúdio de tatuagem onde uma galera anarquista trampa e organiza atividades como Food Not Bombs, que é um projeto anticapitalista organizado semanalmente para coletar comida que seria descartada em feiras e mercados para cozinhar dezenas ou centenas de pratos para serem servidos gratuitamente nas ruas e praças. O projeto, assim como o Dia Mundial Sem Compras, Frentes de Libertação Animal ou Black Blocs, é reproduzido por diferentes coletivos em centenas de cidades pelo mundo desde os anos 1990. Em Belo Horizonte havia uma versão na virada do século, chamada Alimento e Ação. Pode participar de ações semelhantes em outros países, como na França em 2013 e no México, como veremos adiante.

Em Boulder, no Colorado, falamos em uma república e em Denver não fomos ao aeroporto Illuminati mas tivemos outra parada com duas atividades no mesmo dia. Uma bem vazia em uma universidade e outra numa livraria no centro da cidade. A livraria era bem legal, mas não um projeto comunitário de fato. Nossos anfitriões comentaram que a loja estava exibindo uma petição solicitando mais policiamento,

ou seja que a polícia intensificasse o assédio aos pobres do bairro. A polícia de Denver já é famosa por abusos e assassinatos. No final de nossa apresentação, rasgamos a petição em um gesto de solidariedade a todos que foram alvo da violência policial.

Como precisávamos imprimir algumas coisas como folders e panfletos, nos convidaram para conhecer uma gráfica autogerida por anarquistas chamada P&L (<https://www.facebook.com/pandlprinting/>). Foi uma das coisas mais impressionantes que vimos em termos de proporção e autogestão de trabalhadoras e trabalhadores. O pessoal tem um galpão imenso com pelo menos 400 metros quadrados, com equipamentos para todo tipo de trabalho gráfico, serigrafia em papel e em roupas. A galera faz alguns trampos comerciais para se manter mas também produzem livros, zines, posters e tudo que for preciso para os projetos libertários da região. E lá imprimiram muitas coisas para nós como zines e panfletos em apoio a pessoas presas ou pessoas enfrentando repressão legal no Brasil e República Tcheca para distribuímos na viagem. O lugar é tão foda que deu vontade de morar lá uns meses para aprender a usar tantas máquinas diferentes, imprimir todos os tipos de zines, posters, camisetas e tudo que anarquistas criados no punk gostam de fazer. Alguns deles eram membros da Cruz Negra Anarquista, organização antiprisional e de apoio a pessoas presas, e nos deram vários folhetos e adesivos. Foi realmente inspirador e me motivou muito a seguir no gosto pela produção gráfica. Influência que carrego até hoje para tocar o infoshop onde edito essa publicação. Se um dia chegarmos a 20% do nível de organização e produção dessa galera, já fico bem feliz.

De lá fomos para Salt Lake City e falamos numa casa anarquista enorme chamada Boing! Anarchist Collective (<https://www.facebook.com/boinganarchist/>) que tem um infoshop e biblioteca comunitária imensa e muito linda. O debate foi cheio e animado. A casa não é uma ocupação, mas desenvolve um projeto comunitário muito interessante. Na entrada tem uma varanda com loja grátis e peguei um moletom novo já que perdi minha única jaqueta de frio há uns 3 mil quilômetros atrás.

Então fomos para nossa primeira cidade no estado de Oregon, chamada Pendleton. Uma cidade com clima de faroeste onde tudo tem imagem de cowboy ou dos índios que foram exterminados ali. Falamos em um centro comunitário do governo, bem tradicional. Um senhor muito idoso e de bengala, ativista ambientalista desde os anos 1960, ficou muito nosso amigo seguiu no papo conosco até na rua. Nosso anfitrião morava em uma casa pequena e com um bebê, então conseguiu um quarto de hotel para dormirmos. Nossa primeira noite em um hotel nessa viagem. O que pode ser legal se consideramos que por essa noite não estaríamos fazendo uma fila de 6 pessoas no banheiro de alguma família. Mas, para mim, o melhor era a oportunidade de poder tomar um longo banho de banheira e, talvez, até dormir a noite nela, apenas com a cabeça de fora – estranho hábito adquirido das turnês punks pela Europa.

Então fomos para Seattle que, além de ser a cidade do Nirvana, foi o palco das maiores manifestações e confrontos envolvendo anticapitalistas de todo o conti-

nente e do mundo protestando contra o OMC e a globalização econômica neoliberal. Não conhecemos nenhum espaço libertário lá, mas falamos numa sala de universidade cheia de pessoas interessadas e o debate foi bem animado. Acho que foi a quarta ou quinta universidade em que nos apresentamos. Essa era gigantesca, com auditório inclinado que só vi em filmes. E estava lotada! Era surreal ver tanta gente interessada em ouvir perspectivas anarquistas sobre lutas internacionais e debater animadamente. Isso nos revigorava e animava a cada parada.

Algumas vezes chamamos a atenção dos gringos para o quanta alienação existe quanto aos eventos e comunidades no resto do mundo. Um país que conta com tanta estrutura e recursos, tanta gente produzindo textos e espaços libertários, é fácil se fechar em si mesmo. Já perdi as contas de quantas pessoas me perguntaram se o Brasil fica na América do Sul ou se falamos francês. Claro que sabemos onde fica os EUA e qual a sua língua oficial. E essa desproporcionalidade é vista também na política radical. O quanto lemos e sabemos do que se passa no primeiro mundo é muito maior do que o que sabem de nós. E fica evidente o quando é impactante estar aqui pessoalmente compartilhando experiências e reflexões. Se queremos realmente construir uma rede internacional de apoio, precisamos começar pelo nivelamento do fluxo de informação e comunicação entre o sul e o norte global.



Centro social Boing! em Salt Lake City.

Cidades punks, veteranos do interior e a arrogância do guru primitivista

Olympia WA (10/10); Portland, OR (11/10); Corvallis e Eugene, OR (12/10); Ashland, OR (13/10); e São Francisco, CA (14/10)

Passar por cidades como Olympia e Portland, berço de várias das melhores bandas punks atuais nos EUA, nos fez pensar em como subculturas como punk e anarco-punk foram importantes para conhecermos o anarquismo como uma ideia e prática muito maiores e mais abrangentes do que apenas música. E de certa forma, para alguns aqui nessa turnê, subculturas como o punk nos prepararam para esse ritmo louco e cansativo de dirigir todo dia, nos apresentar toda noite e partir pela manhã, não ficando mais que 24 horas em cada lugar.

Existem muitos diferentes meios de descobrir e se envolver com anarquismo. Muitos de meus melhores camaradas nunca compraram um disco ou foram em um show punk antes de se considerar anarquista. Aliás, esse é o caso da maioria esmagadora das pessoas que se envolveram com o anarquismo em mais de 150 anos. Mas não é o meu caso, nem da maioria das pessoas com quem construí coletivos, ocupações e projetos até aqui. De punks que largaram a escola aos que se tornaram professores universitários, de insurrecionários à sindicalistas, as pessoas que mais confio são as que aprenderam a fazer as coisas por si mesmo, coletivamente, com o punk. Não esperar, não pedir, meter a cara e organizar eventos, protestos, campanhas, centros sociais, ações diretas, livros, vídeos, levantar fundos e inúmeras outras formas de luta. Por isso, para falar dessas experiências, preciso trazer o relato um pouco mais para o pessoal.

A maior turnê que já fiz, até então, teve cerca de 30 shows na Europa, ou vinte e poucos no sudeste e nordeste do Brasil. Essa turnê nos EUA já tem 57 eventos marcados! Na real, estamos bem cansados. Mas sempre lembramos que tudo vale a pena só para poder ver mais um projeto inspirador na próxima cidade ou as paisagens de tirar o fôlego no meio do caminho. Além disso, sentimos que estamos trazendo algo de valioso a ser compartilhando e que estamos convidando pessoas de cada comunidade para o debate sobre a relevância do anarquismo nos dias de hoje. E isso nos faz sempre achar mais energia. Depois de várias turnês pelo Brasil e por outros países lançando publicações ou discos, fazendo debates, oficinas ou shows de punk-rock, parece relativamente fácil fazer uma turnê como essa onde apenas falamos a um público todas as noites. Não precisamos carregar amplificadores, guitarras, bateria, caixa de som e tudo mais que uma banda precisa. Não precisamos ouvir outras 4 ou 5 bandas barulhentas antes de nos apresentar e nem aturar algum desconhecido muito empolgado após 10 cervejas gritando comentários sobre o show ao pé do seu ouvido para competir com o som ambiente, depois que você já perdeu 60% da sua audição ou a voz. Provavelmente se fôssemos uma banda, já estaríamos quase surdos e com tendinite.

Estou exagerando com essa comparação, é claro. Pode até parecer que tocar com banda punk em uma turnê é uma péssima ideia – mas não é! Apesar de ser muito mais trabalhosa, uma turnê com banda é muito divertida e permite uma ligação mágica, emocional e subjetiva com pessoas através da arte, da música. E isso ativa sentimentos que muitas vezes a palavra falada e racionalmente organizada não consegue ativar. Sem contar que às vezes você toca com bandas boas e que te inspiram. Cada momento tem seu valor: seja o momento de falar ou de apresentar uma canção, um texto ou uma ação direta. E quero apenas dizer que pode ser gratificante pensar algo diferente do que fazer uma barulheira a mil decibéis na cara das pessoas. É importante tentar nos sentir confortável em lugares onde nunca imaginamos encontrar algum conforto. No fim dessa turnê, cada uma de nós sairá com mais habilidades para falar em público e apresentar ideias. Além de muitos contatos, lições, inspirações e referências para as próximas conspirações.

Enfim, em Olympia falamos em uma universidade para uma plateia com a mais alta concentração de punks por metro quadrado, no dia 10 de outubro. A universidade era, obviamente, um lugar entediante, mas a comunidade anarquista é muito hospitaleira e ouvimos muito sobre ações diretas anti-polícia que estão acontecendo lá. Inspiradas por Ferguson e Baltimore, muitos ataques a delegacias aconteceram recentemente em resposta a ações policiais. Em Portland falamos em um infoshop muito legal chamado Anarres (<https://www.facebook.com/anarresinfoshop/>) também apinhado de gente de preto e cabelo esquisito. E foi em Portland que tivemos nosso primeiro grande contratempo: a maldita transmissão da van simplesmente estourou e tivemos que trocá-la. Mas não tínhamos tempo para ir para a cidade seguinte. Aliás, duas cidades seguintes! Pois marcamos um evento em Eugene, no Oregon, mas surgiu um convite para falar em outra cidade no caminho, chamada Corvallis. Pela terceira vez tínhamos um dia com dois eventos!

Pensamos em alugar um carro ou van enquanto a nossa fica no concerto por quase dois dias. Mas uma pessoa que conhecemos em Portland nos emprestou seu carro para seguirmos caminho! Então nos enfiamos os seis no carro e seguimos na correria. Atrasamos quase uma hora para os eventos de Corvallis e Eugene. Em Corvallis, falamos pra uma salinha de universidade cheia de gente ansiosa para nos ver. Quando chegamos, após 40 minutos de atraso, recebemos uma salva de palmas de uma sala lotada, sem cadeira para todo mundo. Parecíamos rockstars entrando no palco após uma longa espera e ainda recebendo aplausos! O evento na universidade em Corvallis havia sido marcado de última hora por insistência de organizadores e da comunidade ávida por ouvir sobre anarquismo e experiências de outros continentes.

Na mesma noite seguimos para Eugene, também no Oregon. Cidade universitária, não muito grande mas famosa pela grande concentração de movimentos anarquistas, ecológicos, de ação direta e algumas figuras do pensamento anti-civilização e primitivista. Mas preciso contextualizar algumas coisas antes de relatar o trágico e, sem dúvida, o pior evento de toda a turnê.

No meio da viagem, estávamos sem datas marcadas para preencher nosso roteiro na costa oeste e poder ter mais pausas para realizar atividades, comer, vender materiais, dormir, etc. Isso é importante para que não haja longas horas de estrada entre eventos e para que a viagem consiga se bancar e todos possam descansar – especialmente motoristas!. Sendo assim, tive uma ideia que parecia genial: escrever para meus contatos em Eugene, essa cidade tão importante para diversos movimentos anarquistas e ecológicos. De lá, eu conhecia pessoalmente duas pessoas, Jesús Sepúlveda, escritor anarquista chileno, que mora e leciona na universidade de Eugene, e também John Zerzan, o mais famoso, controverso escritor anarco-primitivista estadunidense.

Conheci Zerzan no Carnaval Revolução², um dos maiores encontros anarquistas, contraculturais do Brasil, que começou em 2002 em Belo Horizonte e teve sua última edição em São Paulo, em 2008. Esse último evento aconteceu no Espaço Impróprio, uma escola municipal e mais um espaço de eventos na região da Rua Augusta, em SP. Nele, aconteciam oficinas, debates, mostra de filmes, apresentações musicais, festa e recebia cerca de 800 pessoas por dia. Vinham gente do Brasil e do mundo todo. Tanto Sepúlveda quanto Zerzan, contribuidores da finada revista Green Anarchy (“Anarquia Verde”), eram as principais atrações internacionais do evento. Da mesma forma como falei que estamos nessa turnê devido ao apoio mútuo, as passagens de grande parte das pessoas e grupos que iam se apresentar no Carnaval era paga com a grana do ingresso (preço simbólico que ia de 4 a 6 reais) e da venda de comida, camisetas, etc. Devido à alguma burocracia com vistos, Sepúlveda não pôde vir para o Carnaval, apenas Zerzan. Até então tinha pouco contato com as ideias anarquistas anti-civilização, mas percebi que muita gente não gostava. Como vemos hoje na era das mídias sociais, má publicidade e controvérsia são as melhores publicidades.

Tivemos muitas conversas longas e interessantes, pois acabamos convivendo bastante tempo. Após dias de intenso trabalho no Carnaval (imagine um coletivo de 20 pessoas gerindo um evento para quase mil por 4 dias!) fomos para a casa de camaradas do Espaço Impróprio que viviam no litoral paulista. Alguns camaradas de Belo Horizonte organizaram uma fala com John Zerzan na PUC-MG em Belo Horizonte, no dia 8 de fevereiro. Assim, fomos juntos de ônibus para BH, minha cidade natal, onde ele se hospedou na casa dos meus pais. Creio que a primeira vez que ouvi falar do Zerzan foi quando meu irmão disse ter visto na escola o documentário Surplus, em que ele participa. Não avisei para minha família que estava levando um tiosão gringo, apenas falei que levaria “um amigo”. Meu irmão ficou surpreso em ver “o cara da TV” chegando em casa.

Chegamos no fim de semana e sua fala era na terça-feira. Às segundas-feiras, tínhamos reuniões do Domingo Nove e Meia, o evento mensal que mencionei no início dos relatos. Aproveitamos para levar o tio para dar um rolê, ver algumas coisas, comprar seus cartões postais e tal. Mais uma vez, não avisei ninguém e foi engraçado sacar os punks que colavam no evento reconhecendo o Zerzan chegan-

2 É possível ver fotos e outros registros na página: www.facebook.com/carnavalrevolucao/

do conosco no Palácio das Artes para nossa reunião. Claro que ele não entendia nada e disse que ia dar uma volta, retornando ao fim da reunião. Recomendei que ele visitasse o Parque Municipal (“tu não é primitivo?! vai lá no mato!”). Voltamos para casa, jantamos e dormimos cedo. Saímos de manhã para tomar o metrô para a PUC. O evento foi num auditório quase cheio e, que eu me lembre, o debate foi bem interessante, até onde me lembro.

Sepúlveda veio para o Brasil em uma outra ocasião em 2012, para algumas falas no nordeste e ficou hospedado, junto da sua companheira, na casa que eu dividia com amigos em São Paulo. Figura muito simpática e inteligente. Compartilhamos ótimos momentos caminhando pela cidade. Dei a ele algumas cópias que editamos do seu livro “O Jardim das Peculiaridades”, uma das minhas obras favoritas do pensamento anarquista verde. Ele me deu uma edição chilena do mesmo livro com uma linda capa em serigrafia.

Dado esse contexto prévio de anos anteriores, posso dar um peso dramático nessa história quanto ao lado organizacional e hospitaleiro dos meus coletivos e família. Daí, certas pessoas já podem presumir que os esforços para receber bem alguém tende a ficar na memória de qualquer anarquista que compartilhe das noções de solidariedade, apoio mútuo, correto? Ser levado para outro continente, com despesas pagas, comida da boa, eventos bem organizados e um público considerável presente (as falas do Zerzan foram as mais cheias do Carnaval Revolução, com uma média de 300 pessoas) é um gesto que pode ser levado em consideração, na medida do possível, ao menos no que diz respeito ao cuidado e atenção. Não vou dizer que esperava que meus contatos em Eugene organizassem um evento nacional para centenas de pessoas, fizessem um homus melhor que o da minha mãe – o que seria injusto esperar de qualquer um. Mas, esperar que tivéssemos o básico de uma recepção, mesmo que “de última hora” me parecia bem factível.

Logo nos e-mails que troquei com ambos, percebi que não eles não tinham muita experiência em organizar eventos (a falta que o punk faz!), apenas aparecer neles para falar, quando convidados. Mas a escola das turnês faça-você-mesma tem um capítulo dedicado a ensinar alguém em uma cidade distante como organizar um evento para receber você e demais camaradas. E foi essa a missão que assumi.

Quando ainda estávamos passando por Detroit, bem longe da costa oeste, Zerzan tomou a frente para agendar o evento e sugeriu fazer a fala em uma pizzeria e jantarmos depois. Ótimo! Local para o evento e comida garantidos. Depois disse em outro e-mail que talvez fosse melhor numa moradia estudantil chamada The Campbell Club. Mas que escrevêssemos nós mesmos para marcar. Então, um “deixa que eu organizo” já estava virando um “faço a ponte, marquem vocês aí”. Em seguida, Zerzan me perguntou o que era o “tudo” no título de nossa apresentação, “Para Mudar Tudo”. “Estariam sociedade de massa, tecnologia, industrialismo, civilização, globalização, domesticação entre os temas?”, perguntou, e ainda disse que nosso release parecia algo meramente “pan-equerdista” ou genérico. Respondi falando que o projeto “Para Mudar Tudo”, com publicação, vídeo

e materiais diversos é focado no público geral que deseja conhecer o anarquismo e suas ideias básicas sobre hierarquia, estado, capitalismo, lucro, ação direta, cooperação, autonomia, etc. Acrescentei, no mesmo e-mail, que o “tudo” ali inclui tudo o que você mencionou. O panfleto é uma introdução às suas ideias radicais. E muitos que assistem às palestras são aqueles que não sabem muito sobre anarquismo. Mas, não... não temos interesse em divulgar a agenda genérica de esquerda. Estamos compartilhando algumas experiências sobre as recentes lutas em todo o mundo”. E mandei novamente o resumo do nosso painel, “Para Mudar Tudo: A Promessa do Anarquismo”, que menciona os recentes experimentos com democracia direta, ocupação de praças de 2001, levantes como os do Brasil em 2013 e Bósnia em 2014.

Ao que ele respondeu: “Eu li todo o material promocional, que em nenhum lugar menciona os tópicos que falei. A referência à democracia direta sempre me pareceu uma forma de dirigir a sociedade de massas e não rejeité-la. De qualquer forma, tenho certeza que será uma sessão estimulante e uma oportunidade de aprendizado sobre as experiências de vocês cinco. Espero que você esteja tendo momentos gratificantes em sua gigantesca odisseia!”. Então, percebi duas coisas que já me incomodaram: primeiro, que ele parecia estar disposto a organizar nossa fala, isto é, colocar sua mão ou nome, divulgar em seus meios, páginas ou programa de rádio, apenas se o resumo de nosso painel usasse as palavras-chave que ele julga serem as únicas que valem a pena debater. Algo que por si só, me parece bem limitado e fechado numa identidade específica para um debate e um projeto que pretende apresentar o anarquismo e suas práticas atuais para novas audiências. Segundo, ele entendeu que, ao mencionar que trataríamos das experiências dos movimentos que participamos com democracia direta, estaríamos ali para apenas elogiar essa prática. O que não é verdade, pois apresentávamos críticas pontuais e duras à democracia direta – tanto que a turnê seguinte em que participei, registrada na segunda parte desta publicação, é justamente um livro dedicado à crítica da democracia burguesa e das suas adaptações pelos movimentos sociais, incluindo a democracia direta, com estudo de caso fornecido por participantes de movimentos de ocupação de praças e assembleários em 5 países diferentes. Mas até então, meras pequenices e discordâncias que poderiam ser exploradas e até aprofundadas em um debate presencial, com a participação de meus colegas e do público.

Por fim, nossa fala em Eugene foi tragicômica em muitos sentidos. Primeiro encontramos meu querido amigo Jesús Sepúlveda e visitamos sua casa em reforma. As casas suburbanas nos EUA são fofas, simples e de madeira. Em meio à lonas e poeira, notei muitas versões de seu livro “O Jardim das Peculiaridade” traduzidas em diversas línguas, incluindo a versão em português que meu antigo coletivo lançou no Brasil e demos para ele em sua breve visita em 2012. Fomos comer na pizzaria onde quase foi marcado o evento. Ótimo lugar e comida, mas dificilmente seria legal para esse tipo de evento pois, diferente do Red Emma’s, não era um lugar voltado para nada além de consumir um fast food e cair fora.

John Zerzan só apareceu mais tarde, entrou na loja e conversamos brevemente na porta, apresentei meu grupo e ainda em pé, ele se despediu dizendo que passaria em casa e iria direto para o local do evento na hora marcada.

Chegando ao Campbell Clube, nada poderia ser mais constrangedor. A casa era enorme, uma mansão república, com uma sala de entrada gigantesca onde aconteciam os bate-papos e eventos. Foi difícil achar alguém que sabia do evento ou como nos receber. Até que surgiu um cara que fez uma apresentação bizarra dizendo que era o “floor manager”, algo como o cara responsável pela limpeza do chão. Tinha outras pessoas que eram responsáveis pelo banheiro, cozinha, janela (agora talvez eu já esteja inventando memória) e seus papéis eram rotativos. Quando uma outra figura desavisada passou pela sala em chamou “ei, você, se apresenta aí pro pessoal, seu nome, seu pronome (ela, ele, “they” ou qualquer pronome neutro usado na língua inglesa) e qual sua área de responsabilidade” – se era “manager” de chão, corredor, janela... enfim. Então fomos convidados também a entrar nesse esquema de dizer o nome, pronome, papel social. Até nossa companheira de turnê que preferia pronomes neutros ou femininos se sentiu desconcertada. Piorou quando percebemos que não houve qualquer divulgação além de uma postagem no Facebook do espaço dizendo que haveria uma fala descrevendo vagamente o tema que abordaríamos – e claro, postado na véspera do evento. Se quase ninguém na casa sabia que estaríamos ali, imaginamos que ninguém na cidade também saberia, muito menos se juntaria a nós para um debate.

Um de nossos companheiros do grupo, veterano do anarcopunk e que já havia morado na costa oeste por um tempo, saiu pela cidade em busca de conhecidos e voltou meia hora depois com mais dois amigos para participar do debate. Nisso, Sepúlveda, que tinha nos levado até ali, saiu para uma caminhada. Algumas pessoas já estavam jogadas pela sala desde que chegamos e decidiram ficar – talvez para ver se o que tínhamos para falar era mais constrangedor do que nossa rodada de apresentação. Decidimos esperar por nossos anfitriões para começar nossa fala. Normalmente, quem organiza o evento faz alguma fala de apresentação, agradece ao espaço, relaciona o tema do painel com questões locais, etc. Era de se esperar que nossos amigos, dois dos escritores mais conhecidos dos movimentos sociais e ecológicos radicais da região, teriam coisas pontuais para falar e relacionar com as décadas de sabotagem, ação direta e perseguição ao “perigo verde” que fizeram a fama de Eugene e todo Oregon.

Após um longa espera, decidimos começar nosso painel. John Zerzan não apareceu e Jesús Sepúlveda chegou ao final, bem depois da minha fala. Mas ao menos ele participou e animou o debate com considerações pontuais. Havia quase dez pessoas no público e falamos sobre esgotamento (o tal “burnout”) dentro de movimentos sociais e como saber quando estamos extrapolando nossas capacidade, ao mesmo tempo em que discutimos as distinções territoriais da luta contra os neonazistas em ambientes urbanos do Leste Europeu em comparação com os enclaves rurais do noroeste do Pacífico. Mesmo com uma audiência de apenas uma dúzia de pessoas, nos vimos desafiados e cativados, aprendendo com cada palavra daqueles que estavam sentados ao meu lado no painel.

Para concluir esse relato que já está bem longo, lembro que ao final não tínhamos também um local muito certo para dormir. Ficamos alguns na casa, alguns na cama da nossa van, e fomos dormir refletindo sobre o debate e sem saber o que aconteceu com o Zerzan para que ele não aparecesse ao evento que ele supostamente organizou. Na cozinha, parte mais interna do espaço, havia uma lousa com o anúncio: “Turnê Nacional ‘To Change Everything’ do John Zerzan” com o dia e a hora. Curiosamente, o tema era “crime think” (sic) / lutas sociais”.

No dia seguinte, já em nossa próxima parada, vejo um e-mail do Zerzan enviado ainda na noite do evento dizendo:

“Foi especial voltar a vê-lo, e espero que esteja tudo bem com o carro e com tudo. Talvez eu esteja sendo estúpido, mas decidi não comparecer. Há tantas coisas que todos vocês decidiram não mencionar e eu me sentiria um tanto obrigado a contestar isso. Não queria estar lá e ser negativo, então fiquei longe. Tudo de bom para você e viagens seguras. Tenho boas lembranças de você em São Paulo, embora não tenha conseguido reconhecê-lo!”

Achei realmente absurdo alguém dedicado à escrita e ao debate político supostamente radical fugir de um debate que “ajudou” a marcar com participantes diretos de movimentos sociais anarquistas de diferentes continentes tendo como motivo a ausência de palavras-chave em sua divulgação. Ainda mais sendo alguém que de alguma forma participou de um projeto que lhe recebeu tão bem e por tanto tempo em outro país. E ainda mais anedótico quando penso que seus textos falam sobre “relações não mediadas”, face-a-face, não dependentes de instituições ou das tecnologias sofisticadas, da computação para existirem. Se isso valesse de alguma coisa, por que não se juntar ao debate e apontar limites ou problemas, tecer críticas e nos desafiar pessoalmente? Nós sabemos que não tememos desafios, questionamentos, críticas. Muito menos temos qualquer problema em estar em debate com todas as correntes possíveis do anarquismo ou de qualquer outro movimento social. Se nada disso fosse relevante, esperava um tratamento minimamente respeitoso, enquanto anfitrião que recebe alguém com atenção semelhante à que foi recebido anteriormente.

Então, respondi:

“Obrigado por ajudar a organizar e encontrar o espaço. A conversa foi boa e compareceram pessoas muito interessadas. Devo confessar que fiquei muito decepcionado com sua escolha. Te esperamos por cerca de 40 minutos para começar. Fiquei muito triste porque esperava falar mais com você sobre o projeto e tudo mais... especialmente

ouvir de você as novidades e suas críticas. Não tem como saber o que falamos na palestra que traz reflexões sobre as últimas ondas de resistência, levante e repressão em 4 países diferentes. E tudo trazendo as limitações das ferramentas utilizadas (como a democracia direta que você mencionou) e os novos desafios que surgiram. Não fazemos um mero elogio a essas coisas.

E se você está falando sobre o texto em si, como eu disse, é uma introdução às ideias e valores anarquistas. Quase nem mencionamos o estado ou o capitalismo nele. E não somos menos antiestado ou anticapitalistas. Todas as ideias que existem se conectam às minhas crenças sobre a sociedade de massa, domesticação e civilização. E exploramos isso muitas vezes no debate. Você provavelmente sabe que isso é importante para mim porque eu fazia parte de um coletivo que achava importante ter você conversando com as pessoas no Brasil cara a cara.

Eu esperava suas posições fortes e perguntas desafiadoras, é claro. E sua presença depois de 7 anos desde o primeiro e último encontro. Decidir não aparecer também foi uma posição muito forte, mas em uma direção totalmente inesperada.”

Sua resposta foi:

“Droga. Não me ocorreu que vocês estariam esperando por mim para começar. Sinto muito. Nenhum material escrito ou vídeo ou o que foi dito em Portland daria a impressão de que vocês (ou o Crimethinc.) tem alguma questão com a sociedade de massa, o industrialismo, civilização, domesticação, etc. etc. Muitas pessoas me disseram em particular que concordam sobre essas coisas básicas – e em seguida continuam censurando essas coisas. Tenho 72 anos e posso morrer antes que o anarquismo rompa com a Esquerda. Estou muito cansado disso. Por que eu deveria ter vindo e desafiar o debate? Depois de décadas trabalhando na crítica, é difícil para mim fazer parte disso. Quando é hora de falar se alguém realmente se opõe à civilização, etc.? Não me deixa feliz evitar as mesmas velhas coisas e perder o que as experiências reais oferecem. Eu sei que poderia ter aprendido com isso. Tudo de bom.”

Foi nosso último contato. Todos do nosso grupo – e também pessoas da sua região, no Oregon, com quem conversamos – se surpreenderam com sua falta de compromisso e consideração. Pensei em respondê-lo apontando a incoerência entre falar de uma luta por uma vida não mediada e preferir não comparecer a um encontro acordado e mandar um e-mail covarde como esse. Mas simplesmente não achei que valeria a pena.

Por incrível que pareça, não parou por aí. Em seu programa de rádio local, que também é um podcast, John Zerzan dedicou dois episódios para tecer críticas ao debate que ele não viu e apenas especula o que foi dito. Mais uma vez, preferindo a mediação tecnológica e a impessoalidade distante de uma mídia para fazer as críticas e os debates que ele poderia ter feito diante de pessoas que poderiam ouvir e responder às suas críticas e apontamentos. Sua perspectiva de anarquismo que deve “romper com a esquerda”, não com perspectivas meramente reformistas, estatistas, autoritárias, mas com a ideia de esquerda em si, já é um risco pois disconsidera estar presente e disputando espaços reais de luta, levando perspectivas e práticas radicais onde a esquerda institucional e até mesmo fascistas estarão tentando ganhar terreno e apoio. Me parece muito mais uma perspectiva de se posicionar individualmente como moralmente superior num campo puramente teórico e abstrato, onde toda radicalidade do mundo pode se desenvolver ao infinito sem ser tocada ou arranhada pelo debate e ações no mundo real.

Com o relato desse episódio, além de registrar com mais detalhes uma anedota que arrancou boas risadas e xingamentos de amigos anarquistas que me ouviram contá-la em alguma mesa de bar, pretendo reforçar a importância do debate sobre relações interpessoais, respeito, apoio mútuo, compromissos ou mesmo sobre as limitações teóricas e de caráter que podemos cultivar quando nos julgamos os mais coerentes, mais puros ou mais radicais do mundo³.

Em Ashland falamos em uma casa de madeira linda no meio da floresta pra uma galera anarquista veterana que esteve envolvida nos dias mais quentes das batalhas de Seattle em 1999. Foi marcante para mim ouvir algumas reflexões sobre essas ações. Os supostos acordos entre movimentos sociais e ativistas mainstreams que buscavam atos “pacíficos” e “legítimos” foram rompidos, primeiramente, por um número relativamente pequenos de pessoas que mostrou ser possível contra-atacar brutalidade policial e impor um preço em danos materiais à violência implícita ao estado e ao capitalismo. De forma semelhante, ressoou com o que ouvi de compas em São Paulo me relatando como nos primeiros atos de junho de 2013, pouquíssimas pessoas haviam saído preparadas e organizadas em blocos capazes de se defender e revidar às agressões da PM e acabaram mudando o destino dos atos com uma tática de ação que começou minoritária e logo se espalhou como pólvora acesa. É possível também traçar um paralelo com os eventos de Ferguson,

³ De toda forma, me parece divertido debater correspondências entre anarquistas como fazem arquivistas e estudiosas como nossa amiga na biblioteca de Michigan. Como cartas não são mais algo tão comum em nosso século e esperar a NSA vaziar todas as correspondências virtuais pode levar ainda muito anos, faço aqui mesmo meu wikileaks de barato.

onde a iniciativa imediata e espontânea da comunidade deu início ao que se tornou um movimento antirracista e antipolícia em escala nacional.

Algumas pessoas ali, como já mencionei, se disseram chocadas mas não surpresas com a atitude do Zerzan em Eugene. Recordaram que durante os protestos de 1999 seus camaradas estavam nas ruas arriscando suas vidas e sua liberdade nas ruas de Seattle enquanto figuras como ele assistiam os eventos pela TV para em seguida aparecerem como porta-vozes dos movimentos.

Ao final dessa rodada insana, não desmarcamos nenhum evento mesmo com a van na oficina e com carro emprestado! Duas pessoas do grupo voltaram para Portland com o carro que nos emprestaram e buscaram a van enquanto o resto de nós seguia de carona para Eureka, nossa primeira parada na Califórnia. Lá falamos na sede de uma central sindical para uma plateia bem diversa, com muita gente da terceira idade e um mezanino de onde quatro pessoas faziam ligações e falavam alto, atrapalhando tudo. Foi difícil mas, como (quase) sempre, gratificante.

De lá fomos para San Francisco e Bay Area, com a apreensão de ir falar num dos pólos de maior concentração de anarquistas nos EUA. Logo na chegada, na famosa ponte Golden Gate ficamos com a van presa no trânsito. Uma fumaça branca subia do meio da ponte nos causando muita curiosidade e um certo medinho. Afinal, é a ponte que vemos sempre nos filmes sendo explodida por aliens, cataclismos ou pelo Godzilla. E em um momento a fumaça se tornou densa e preta. O tráfego parou na direção contrária à nossa, enquanto nós que seguíamos rumo a São Francisco, avançávamos lentamente. Quando nos aproximamos, parecia que uma barricada havia sido acesa e pegamos nossas câmeras para nos preparar para qualquer cena inusitada. Infelizmente não era barrica nem uma gravação de Hollywood. Era só um carro que deu pane e pegou fogo. E nem mesmo era uma viatura. Triste, mas, ainda assim, empolgante. O calor era tanto que sentimos queimar nossas faces de dentro da van. Uma cena e tanto bem no meio da ponte apocalíptica mais cinematográfica do mundo! Melhor chegada impossível.

Chegando na cidade, falamos num centro de pesquisa chamado California Institute of Integral Studies, lugar bacana mas nada além de um espaço institucional. Uma galera massa comapareceu e o debate foi interessante. Aproveitamos umas máquinas de xerox desamparadas para abastecer nosso estoque de zines.

Parte da alegria de estar em turnê com anarquistas de diferentes continentes e contextos é o quanto podemos aprender uns com os outros. Ao fazer apresentações para pessoas que podem ser “totalmente novas” no anarquismo, todas as noites conversávamos com pessoas que pareciam assumir que nós no painel poderíamos ter respostas definitivas para algumas de suas perguntas mais urgentes sobre a luta radical. Embora seja verdade que temos muitos anos de experiência individual e coletiva em diferentes partes do mundo, o que podemos compartilhar já é passado: nunca estamos totalmente preparados para o próximo momento, para o terreno em constante mutação. Portanto, o que podemos oferecer são experiências para aprender e alguns bons palpites sobre como construir a infraestrutura (material, relacional, emocional e efêmera) para estar um pouco melhor prepara-

do. Desmistificar nossos sucessos e fracassos passados entre nós ou questionar em voz alta no meio de camaradas – dispostas a admitir que não temos uma resposta final – pode ser uma ótima maneira de gerar insights sobre o que podemos ter pensado anteriormente como processos normais em nossas próprias vidas.

Suponho que o sucesso de um evento informativo anarquista pode ser medido de várias maneiras – grandes debates e participação massiva sendo alguns superficiais. Pessoalmente, valeu a pena lembrar, especialmente com o cansaço de viajar muitos milhares de quilômetros em poucos meses, o quanto realmente estamos reabastecidos e remodelados pelo tempo que passamos ouvindo umas às outras – e mesmo o menor evento pode ser o local para uma troca de ideias memorável.

Anarquistas da floresta, Qilombo e cruzando a fronteira a pé rumo a Tijuana

Oakland, (17/10); Berkeley (20/10); Monterey (21/10) e Santa Cruz, CA (22/10); e Tijuana, México

Enfim nossos primeiros dias de folga! Sem falas, sem compromissos formais, apenas para passear e pegar uma praia. Conhecemos as cidades da região e ficamos hospedadas em Oakland, palco do mais combativo dos movimentos Occupy dos EUA. A gentrificação é brutal por lá devido à hipsterização do Google e todas as empresas de tecnologia do Vale do Silício. Conhecemos alguns dos mais importantes centros sociais libertários, como o Station 40, que em 2020 esteve à frente das mobilizações de bairro pela greve de aluguéis durante a pandemia⁴.

E todos eles, assim como a casa de muita gente dos movimentos locais, está em processo de despejo ou resistindo a ele. Pois agora todo mundo quer vender as casas velhas pra fazer “home studios” para os empregados das big tech que vem de vários países para trabalhar ali, ou para turistas se hospedarem via AirBnB. O cenário é basicamente gente de fone de ouvido ligado aos seus Ipads em chamadas de vídeo tropeçando em pessoas sem-teto no meio do caminho. Estávamos com grande expectativa para falar em Oakland, por sua vasta tradição e presença de anarquistas.

Califórnia parece ser o único estado dos EUA que lembra o Brasil por não ter inverno rigoroso, nem neve e você pode ir à praia quase o ano todo. E foi o estado em que passamos mais tempo, ficando por duas semanas e com vários dias livres. Cruzamos de norte a sul e atravessamos a fronteira com o México a pé para falar em Tijuana! Foi, sem dúvida, uma experiência inesquecível.

No dia seguinte à nossa fala em São Francisco fizemos uma apresentação em Oakland, que, assim como Berkeley fazem parte da região metropolitana chamada Bay Area – área da baía pros íntimos. Estávamos animados para falar nessa

4 Veja mais em: <https://pt.crimethinc.com/2020/03/19/on-rent-strike-against-gentrification-and-the-pandemic-an-interview-with-residents-of-station-40-in-san-francisco>

região devido a sua fama de ser um tradicional polo anarquista, uma comunidade que ficou especialmente famosa por se destacar no movimento Occupy em 2011⁵. Foi palco das ações radicais mais combativas e ainda contou com uma ocupação de um prédio nos momentos finais do movimento.

A apresentação foi em um lugar chamado OMNI (omnicommons.org/), o maior espaço e centro social comunitário que vimos no role. Abriga atividades diárias e é gerido por vários coletivos. Ninguém trampa a não ser voluntariamente e só funcionam com doações e autogestão. Tinha um galpão enorme, um salão de dança maior que um ginásio poliesportivo, gráfica e oficinas de serigrafia. Falamos para um público de cerca de 150 pessoas, a maioria anarquistas de longa data. E, para nossa surpresa, foi o debate mais entediante da turnê. Parece que a conversa é mais animada quando o público é composto por pessoas sem tanta familiaridade com anarquismo, que já se envolvem em lutas de resistência e estão curiosas para explorar mais, fazer perguntas e tirar mais informações das nossas falas. Quando ouvíamos as pessoas falando, parecia que a maioria estava interessada em expor visões pessoais e provar um ponto do que promover um debate comum. Foi difícil até buscar saber das incríveis mobilizações que haviam tomado a cidade nos últimos anos.

Depois dessa fala tivemos quatro dias de folga para conhecer a região, pegar uma praia pela primeira vez no Pacífico, fazer trilhas nas montanhas ali perto e conhecer outros espaços. Caminhamos por uma colina de onde era possível ver toda a baía, a ponte Golden Gate, a Ilha de Alcatraz com a antiga prisão de um lado e o continente do outro. Uma incrível caminhada onde também encontramos uma gangorra presa em uma árvore no alto de uma ladeira muito alta. Balançar nela dava a impressão de que nos jogávamos do topo do morro como em um salto de parapente para depois sermos puxados novamente para trás.

As cidades são bem espalhadas e há muita natureza em volta. Cerca de 20 minutos de carro são suficientes para nos levar para um parque ou reserva com paisagens exuberantes. Passamos uma tarde andando pela Albany Bulb, uma península aterrada que foi ocupada por alguns ativistas, artistas e outras pessoas estranhas desde de 1993 até recentemente. Lá pudemos ver umas artes atribuídas ao coletivo Up Against The Wall Motherfucker!, que foi um coletivo anarquista influente na época. Diz a lenda que um dos membros, Ben Morea, foi quem deu de presente a arma que Valerie Solanas usou para atirar em Andy Warhol.

Os Motherfuckers! tinham relações com grupos revolucionários como os Black Panthers e eram amigos do influente e polêmico anarquista Murray Bookchin em décadas mais joviais e menos rabugentas de sua carreira. Dessas conversas surgiu o termo “Grupos de Afinidade”, hoje comum entre os grupos militantes radicais. Após uma palestra que Marcuse deu na cidade, onde Morea desafiou o intelectual e suas ideias sobre arte, reuniram-se com Bookchin em seu apartamento e debateram junto do comunista Russel Blackwell sobre as milícias anarquistas

5 Mais sobre a Comuna de Oakland: <https://pt.crimethinc.com/2013/09/10/after-the-crest-part-ii-the-rise-and-fall-of-the-oakland-commune>

na Revolução Espanhola de 1936, organizadas em grupos de companheiros. Na década seguinte, em 1971, protestos com dezenas de milhares de pessoas em Washington foram organizadas por uma constelação de grupos de afinidade coordenados.⁶

Fizemos também um passeio na casa de membros da editora LBC Books (<https://littleblackcart.com/>) e conhecemos sua incrível gráfica no porão. Importante lembrar que toda casa nos EUA tem um porão, geralmente maiores que muita casa – especialmente a minha que na época da turnê era um único cômodo com banheiro de 20 metros quadrados. Almoçamos com nossos camaradas e seus dois cachorros imensos, meio bulldogs, meio rotwailers, meio vira-latas que resolveram travar uma batalha sangrenta ao competir por uma bolinha que oferecíamos a eles para tentar entrosar. Foi chocante ver essa briga terminar com ambos sangrando e exaustos. Ao que nossos anfitriões trataram com bizarra naturalidade. Aragorn!, um dos editores, nos apresentou o local com sua companheira, ambos participam do coletivo editorial e dividem funções na edição, produção, propaganda e por aí vai. Aragorn! se mostrou uma figura e tanto, sem receio de lançar logo suas críticas diretas a colegas e a nós e a nossa turnê. Um militante de longa data no movimento anarquista, vegano e punk– “straight-edge há 35 anos” segundo ele mesmo – que contribuiu para o inúmeros projetos radicais em sua região tanto quanto causou polêmicas. Infelizmente, nosso camarada sofreu um derrame fatal em janeiro de 2020, antes do mundo ser coberto pela pandemia⁷. Guardo com alegria aqueles dias de passeio e conversa. Ao final do encontro, nos trouxeram para o quintal uma imensa caixa de livros com pequenos defeitos de impressão ou refilagem que não seriam vendidos e estavam marcados com um carimbo dizendo “com defeito, proibida venda”. Peguei muitas cópias legais de seu catálogo, como a antologia *Bash Back*, *Anarchy Works* e outros.

No dia 20 voltamos a falar em Berkeley em um infoshop antigo chamado Long Haul (thelonghaul.org/). Fiquei bem impressionado que nossa atividade foi incorporada a uma das noites de encontro de um grupo de estudos que já rolava ali há 17 anos! Ou seja, hoje já são mais de duas décadas. A questão da longevidade dos espaços e dos projetos é algo que ainda é sensível e relevante para mim, vindo de um contexto brasileiro onde espaços que duram décadas são raras e valentes exceções. O debate ali foi mais focado nas perguntas, como se em vez de estudarem um texto o grupo estivesse estudando o que tínhamos para apresentar na tour sobre os contextos de cada país dos quais vínhamos. Foi legal poder comparar essas notas de forma muito aberta, fluida e aprofundada depois do semi-constrangimento no salão lotado de Oakland. O que confirma a lógica

6 Gavin Grindon, *Poetry Written in Gasoline: Black Mask and Up Against the Wall Motherfucker*, p. 23 (disponível em <http://gavingrindon.net/wp-content/uploads/2015/09/Gavin-Grindon-Poetry-Written-in-Gasoline.pdf>)

7 Homenagem a Aragorn!: <https://pt.crimethinc.com/2020/02/19/aragorn-elegy-for-an-antagonist-on-hostility-and-its-limits>

do show punk no porão apertado: às vezes, menos é gente e mais intimidade é muito melhor.

Tentei deixar claro o quanto temos acesso ao que vem dos EUA e da Europa, o quanto lemos o que rola por lá e das ideias que surgem por lá, mas o contrário não acontece com frequência. Os gringos em geral não leem, não buscam ou traduzem o que produzimos aqui no sul do planeta. Com exceção do coletivo CrimethInc, com o qual contribuo sistematicamente junto a várias pessoas para trazer reflexões sobre as lutas e movimentos radicais no Brasil, poucos são os grupos do primeiro mundo realmente dedicados a buscar o diálogo, fazer entrevistas e traduzir o que fazemos aqui.

Cada vez que entrava na casa de alguém que nos recebia, encontrava uma livraria ou biblioteca num centro social, procurava materiais para mim mas também tentava ver o que tinham de autores brasileiros. As maiores livrarias anarquistas tinham alguns autores acadêmicos que pareciam ser conhecidos apenas fora do Brasil por seus textos “tipo exportação”.

Em uma casa em Olympia, encontrei um livro chamado “Outlaws of Sertão”, traduzido por Wolfi Landstreicher. Nunca ouvi falar desse livro interessante, mas foi um dos poucos livros que encontrei com histórias sobre o povo brasileiro. Foi escrito pelo coletivo francês dos anos 1980 chamado “Os Cangaceiros” em referência aos ícones do Cangaço, famosos no início do século 20 – um assunto histórico muito importante. Mas os Cangaceiros originais não eram anarquistas ou anticapitalistas. E parecia que foi necessário que um grupo de franceses escrevessem algo sobre o Brasil para que um cara estadunidense se interessasse em traduzir! Isso meio que me alertou sobre a forma como a informação flui ao redor do globo – mesmo dentro dos círculos anarquistas – de forma a precisar de uma rota eurocêntrica ou “primeiromundista” para despertar alguma intenção de editoras.

Contei que outro dos poucos textos vindos do Brasil que encontrei foi uma compilação de textos e entrevistas com “foras-da-lei” e outras pessoas odiadas pela sociedade que estava na caixa de livros com defeitos que compas da LBC Books nos ofereceram. Mas o texto era uma tradução para o inglês daquela famosa entrevista com o Marcola, do PCC, que na verdade é apenas mais uma crônica de um jornalista fanfarrão que viralizou nas correntes de e-mail antes de termos Facebook e outras mídias sociais para espalhar boatos. Me arrependo amargamente de não ter pegado essa cópia para mim como prova dessa presepada. Não lembro o nome e nunca mais o encontrei nem ninguém que saiba seu nome.

Pensar nisso e falar sobre fez com que parecesse especialmente importante encontrar pessoas cara a cara, junto com companheiros de outros países periféricos, a fim de contrabalançar esse desequilíbrio na comunicação e mostrar como todas essas lutas têm pontos em comum mesmo em contextos muito diferentes. Isso é verdade especialmente nos casos de lutas nativas, negras e feministas, já que todas as Américas compartilham um histórico semelhante de colonização. O verdadeiro diálogo e a solidariedade além-fronteiras podem ser uma forma de fortalecer as lutas pela liberdade e contra o capitalismo.

Essa tour tem sido maravilhosa quanto a conhecer outros projetos. Na região de São Francisco e toda a baía ali, passamos por sedes de coletivos como Slingshot, AK Press (que estava fechada devido a um incêndio mas funcionando clandestinamente), LBCBooks e outros que, com certeza, são responsáveis por muitos dos livros mais legais sobre anarquismo e lutas radicais feministas, anticoloniais, negras, indígenas e queer.

Qilombo

Um dos lugares mais incríveis que visitamos foi um centro social de resistência negra chamado Qilombo, em Oakland, que tem esse nome em referência a histórica tradição dos quilombos brasileiros. Um amigo, homem trans negro que fazia parte da organização do espaço nos levou e contou tudo o que acontece por lá. O lugar era lindo e bem grande. Além do espaço, que ocupa o primeiro andar e subsolo de um prédio, com infoshop, cozinha comunitária, espaço para eventos, loja grátis, mural de trocas e muitas outras coisas, ainda havia um lote vago logo ao lado que também foi ocupado. Nesse pedaço de terra, que demorou um pouco para ser recuperado pelo grupo e pessoas da vizinhança depois de anos acumulando lixo jogado ali, a galera plantava uma horta com plantas comestíveis e medicinais, experimentam técnicas permaculturais de plantio e construção.

Do lado de fora, o muro que dava para a horta e era coberto por um imenso e lindo mural que retrata a resistência dos povos africanos nas Américas e na África. O objetivo do projeto era ser um espaço de revitalização e empoderamento cultural contra a supremacia branca e o racismo colonial, fazendo pontes e estreitando laços com populações indígenas e outras comunidades não-brancas. Assim como outros bairros e outros centros sociais, a gentrificação ameaça vao Qilombo. Em outubro de 2014 a galera recebeu uma ordem de despejo mas ainda conseguiu resistir. O centro social fica no centro de uma área determinada pela própria galera como Afrika Town, que corresponde à zona de influência e principal atuação dos grupos que eles demarcavam colando posters e fazendo pixos pela região, compondo um mapa clandestino do território que reivindicavam desde 2011— uma alusão também aos tradicionais bairros asiáticos como Chinatown e Koreantown, oficialmente reconhecidos pelo governo. Com certeza um dos mais belos projetos que vimos. Pena passar lá quando nenhuma atividade estava acontecendo. Infelizmente, a batalha pelo território foi perdida quando uma incorporadora comprou o imóvel em 2016 e, após 3 anos de resistência, a ocupação foi despejada.

Depois dessa pequena folga para descansar depois de sete semanas de turnê e visitar espaços interessantes, seguimos sentido sul e rumo a uma das mais militarizadas fronteiras do mundo. Falamos em Monterey no dia 21 de outubro numa livraria independente e antiquário chamada Old Capitol Books e seguimos no mesmo dia para Santa Cruz.



Grafite na lateral do prédio do Qilombo, Afrika Town, Oakland.

Chegamos tarde da noite, dirigindo direto do evento em Monterey. Ficamos na casa de uma família de anarquistas de longa data, muito legais e também músicos. Era quarta-feira, e esse dado é relevante! Nossos anfitriões reservaram todas as quartas-feiras como um dia sem eletricidade. Uma coisa interessante e incomum, especialmente em uma casa ocupada por pessoas de três gerações diferentes. Eles prepararam alguma comida e tivemos uma boa conversa até tarde à luz de velas. A rotina de ler e responder e-mails e mídias sociais ficou para o dia seguinte e passamos horas divididos entre conversas na cozinha e na sala somente com a luz das velas. A cena anarquista de Santa Cruz é muito próxima das teorias e práticas anti-civilização e deu para ver que esse é tipo um experimento semanal de viver com menos recursos energéticos. Uma de nossas anfitriãs chegou a viver com grupos que vivem ilegalmente em acampamentos nas florestas da região, antes de ter sua filha, de cerca de 10 ou 12 anos, que morava ali também.

No dia seguinte, fomos visitar as florestas e ouvir mais sobre esses projetos. Partimos após um rápido café da manhã. Outro camarada se juntou a nós para nos mostrar a região. Vimos muitos tipos diferentes de vida na floresta, humanos ou não. Então chegamos a um grande círculo de sequoias com um espaço no meio como uma clareira. Nossa anfitriã explicou que as sequoias, que podem viver por dois mil anos, podem renascer de raízes antigas. Então, no meio, onde há um espaço hoje, costumava haver uma árvore muito grande. Ela caiu e em torno de seu diâmetro há novas árvores crescendo. Quando digo “novo” quero dizer já com várias centenas de anos. Este lugar parece mágico. Nunca esperei encontrar uma formação com uma memória tão longa. Imaginamos que os indígenas que viviam a poucos minutos de distância, antes de serem forçados a se mudar pela colonização, já deviam conhecer a essa mesma clareira cercada de árvores e provavelmente se reunir ali maravilhados assim como estávamos fazendo. As Redwoods são absurdamente grandes. Vimos uma que havia tombado décadas atrás

provocando um estrondo tão forte que moradores da região acharam que era um acidente com a locomotiva ou uma explosão. Para subir no seu tronco deitado era necessário quase uma escalada. Em outra árvore, encontramos uma fenda enorme no meio e um interior que daria para abrigar algumas pessoas que quisessem acampar. Entramos eu e mais uma pessoa dentro da árvore só para tirar uma foto lá dentro com os braços abertos!

Seguimos a caminhada e visitamos uma área onde alguns anarquistas vivem em meio à floresta. Como nossa anfitriã/guia costumava morar ali, sabia encontrar o caminho que era totalmente fora de trilhas e passagens conhecidas. Tínhamos que mover arbustos e troncos de árvore para achar passagem e encontrar uma das casas. Uma tenda de madeira e lona transparente. Era incrivelmente simples e bem-feita: uma cabana de 2 por 3 metros com uns 2 metros e meio de altura, com uma mini cozinha, armário e bancada ao fundo esquerdo, uma escrivaninha ao lado da porta e uma escada para a cama que era uma junção de beliche com mezanino. Me lembra uma versão mais refinada de algumas casas improvisadas por pessoas em situação de rua ou em assentamentos no Brasil. As estruturas eram de madeira e o preenchimento das paredes e teto era uma lona grossa transparente. Ninguém estava em casa, então deixamos uma mensagem de todos nós em uma folha para o camarada desconhecido.

Após o almoço, fomos dar um passeio num cais onde haviam muitas lojas e coisas turísticas horríveis, mas era possível observar dezenas de leões marinhos junto ao píer e por grande parte da praia. Nem eu nem os colegas da Europa tinham visto leões marinhos numa praia, ainda mais aglomerados assim.

Passamos em Santa Cruz para falar no SubRosa Infoshop (www.subrosaproject.org), um lugar bem bonito aberto desde 2008, compartilhando uma vilinha chamada Santa Cruz Hub (<http://www.santacruzhub.org/>) com uma oficina cooperativa de bicicletas chamada the Bike Church (<http://bikechurch.santacruzhub.org/>) e outra de confecção e serigrafia chamada The Fábrica (<https://thefabrica.org/>). Um ótimo lugar pra chegar de bike, ler um zine, fazer amizades e entrar em contato com ações comunitárias e cooperativas locais. Lembra um pouco a Cidade das Bicicletas em Porto Alegre, onde em uma pequena vila, vários grupos ligados à cultura da bicicleta e movimentos de mobilidade urbana começaram a organizar um espaço combinando vários projetos afins.

O debate na SubRosa foi bem legal e descontraído. Encontramos um cara que tinha sido soldado do exército estadunidense, um dia se ligou que isso era um absurdo e abandonou tudo. Um colega seu, disse que gostou das falas e que concorda com os pontos radicais antimilitaristas e antinacionalistas. Só depois ele disse que era um soldado da ativa. Ele teve um longo debate com nosso camarada da República Tcheca sobre a objeção ao serviço militar e a sobre sua ideia de “influenciar as pessoas lá dentro”, para que “um dia desobedecessem à ordem de matar”. Nosso camarada respondeu que só podia esperar que, enquanto militares existirem, possa haver pessoas como ele, e que um dia elas possam ameaçar seu

funcionamento. Como disse outro amigo, pessoas como ele são uma ameaça muito maior para o governo dos Estados Unidos do que qualquer grupo anarquista. Mas eles também são uma ameaça muito maior para as pessoas no Oriente Médio ou em Baltimore ou Ferguson do que qualquer anarquista jamais foi ou será. Apertaram as mãos e partiram, deixando esse desafio para digerirmos. Esperamos que eles não atirem em nós quando chegar o momento em que não haja outra escolha a não ser ficar de um lado ou do outro da barricada.

Foi uma parada muito inspiradora tanto por esses projetos que conhecemos – e que estão ativos até hoje, em 2021! – quanto pela natureza exuberante e pela hospitalidade das pessoas. Antes de sair, tomamos café e tivemos mais conversas com nossos anfitriões, sobre outro projeto em que um deles participa voltado para resolução de conflitos. Quando me preparava para tomar banho, uma das moradoras, que é uma musicista incrível e tocava numa banda folk punk chamada Blackbird Raum, começou a tocar piano e cantar. O piano ficava encostado na parede que dividia a sala e o banheiro. Quando cheguei ao banheiro, a acústica era incrível pois as casas são quase sempre de madeira por lá. Foi um banho embalado pela reverberação do piano anarcopunk.

Bienvenidxs a Tijuana!

Finalmente, depois de Santa Ana, fomos para a cidade de San Diego para dormir e seguir até a fronteira com o México. Nunca havia cruzado uma fronteira a pé! E essa era a única opção já que entrar com uma van cheia de literatura anarquista da fronteira mais vigiada das Américas não parecia ser uma boa ideia, especialmente para regressar aos EUA. Levamos apenas os livretos dos projetos *Para Cambiar Todo* em espanhol e alguns livros que cabiam na mochila do único estadunidense conosco, para que ele carregasse e usasse sua cidadania em favor da causa. Para ir ou voltar de van ou carro, o trânsito é absurdo e leva umas 3 ou 4 horas na fila. A ida foi bem tranquila. Atravessamos uma ponte de onde dava para ver um canal com um rio quase totalmente seco devido à estiagem absurda na Califórnia e toda aquela região da costa mexicana. Meses antes, a margem estava repleta de pessoas num enorme acampamento de famílias deportadas. Depois entramos em um corredor que leva para o portão onde você vai para um saguão de imigração como de um aeroporto. Não tivemos maiores problemas e nem olharam nossas coisas. Estávamos com medo mesmo é da volta, pois cada um de nós já passou um tipo diferente de cagaço para entrar nos EUA. No meu caso, desfizeram todas as minhas malas e olharam todas as minhas cuecas, livros, papéis, zines, e agora sair e entrar mais uma vez pode ser pedir para tomar outra geral daquelas.

Os Estados Unidos deportam centenas de pessoas sem documentos para Tijuana, no México, todos os dias. Os cartéis costumam escolher os deportados primeiro. Alguns para sexo, tortura ou morte, alguns para o tráfico de drogas. Outros acabam morando nos canais, alguns nem mesmo falam espanhol, já que

passaram a maior parte de suas vidas nos EUA. A maioria não tem para onde ir. No início de 2015, as autoridades de Tijuana “limparam” o canal. Quando você atravessa a ponte agora, não vê mais tendas e um rio de pessoas. Mas em todos os lugares da cidade, você vê os lembretes silenciosos de milhares e milhares de mortos na máquina do regime de fronteira. Sapatos abandonados aqui, um saco de dormir vazio ali...

Seguimos a pé até o lugar do evento, que fica a apenas 15 minutos da fronteira. O legal é que nos perdemos depois de passar bem perto do local e vagamos feito idiotas por mais de uma hora no centro de Tijuana. O que foi legal para ver a cultura de rua, as festas, as bandas tradicionais e tudo mais. Vi muitas máscaras de luta mexicana, muitas do Homem-Aranha. Foi então que me toquei que o personagem era um lutador antes de ser herói e sua máscara era uma versão das máscaras mexicanas! Nota zero em temas nerds.

Logo ao cruzar para o lado mexicano já me senti em casa: camelôs dominando a rua e a calçada, gente gritando e rindo, música por todo lado e sempre alguém tentando te vender algo ou te puxar para dentro de um bar. Deu pra matar a saudade da rua 25 de Março ou da Praça 7 por um instante. O contraste com a carece branca do sul da Califórnia é gritante. Parece que saímos do “Barrados no Baile” direto para o núcleo pobre da “Maria do Bairro”.

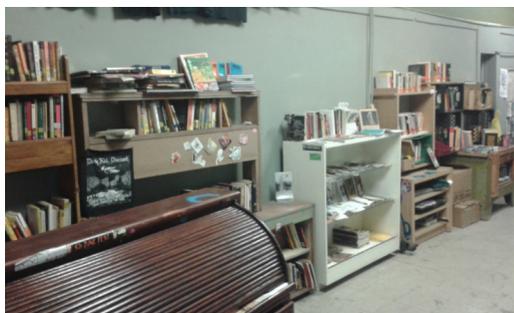
O local do evento é um infoshop chamado “A Infoshop”(https://cafeainfoshop.wordpress.com/). Mas com um *A* anarquista estilizado. Era dia de Food Not Bombs, então a galera estava reunida para coletar comida das feiras e supermercados que iriam para o lixo e fazem uma grande ceia gratuita na rua. Chegamos e fomos cortar legumes com a galera e preparar o maior guacamole que já vi na vida. Acho que mais de 10 litros de abacate amassado em uma panela enorme.

Fachada do A Infoshop, em Tijuana B.C., México.



Achei que ia ser o único a me comunicar tranquilamente em espanhol e já estava animado. Mas absolutamente todo mundo na cidade fala inglês por ser perto da fronteira e por causa da influência imperial ianque. Uma garota do coletivo que organiza o espaço me disse que a galera nem estuda inglês, aprende falando mesmo nas ruas. Uma pessoa ali até trabalha em um telemarketing que opera nos EUA, então tem que falar inglês o dia todo e ainda ouvir desaforos racistas por conta do seu sotaque. Assim, o acordo foi fazer a palestra foi toda em inglês, já que os outros gringos não falavam espanhol. Então fui no fluxo. Ao fim do evento fomos todas para uma praça levar o rango para ser distribuído para pessoas em situação de rua e quem quer que passe para comer ou pegar algum panfleto, zine e bater um papo.

Voltamos para cruzar a fronteira no fim da noite e não pegamos nenhuma fila. Ninguém nos revistou, não abriu a mala nem nada. Parecia que ninguém tava muito a fim de tramar ali. Fiquei surpreso mas feliz por não sermos parados mais uma vez e seguimos para o estacionamento onde deixamos a van. Foi apenas um dia no México, mas uma experiência e tanto. Espero poder voltar um dia e conhecer muito mais cidades, assim como estamos fazendo nos EUA – ok, talvez nem tanto!



Interior do A Infoshop, incluindo o caldeirão de guacamole, em Tijuana B.C., México.

De leste a oeste!

San Diego, CA (25/10), La Puente, CA (26/10), Santa Ana, CA (27/10), Las Vegas, NV (28/10), Tempe, AZ (02/11); Tucson, AZ (03/11); Durango, CO (04/11); Norman, Oklahoma (05/11); Denton, TX (06/11); New Orleans, LA (07/11); Pensacola, FL (08/11); Chattanooga, TN (09/11); Athens, GA (10/11); Asheville, NC (11/11)

De Tijuana, seguimos para a cidade de San Diego, nos EUA. Lá, falamos em um café chamado Chê Café (thechecafe.blogspot.com/). O lugar existe como uma cooperativa e centro social desde 1980 dentro da Universidade de San Diego Califórnia. Tinha o hino da Internacional pintado no muro, além do rosto do Chê pra todo lado e um mural com a cara de anarquistas e outros que poderia ser descrito como “Mil trutas, mil tretas”, misturando várias pessoas que não se bicariam. Foi um evento bem pequeno mas o pessoal lá era muito gente boa e deixou a gente até dormir mais um dia lá quando precisamos ao passar pela região novamente alguns dias depois. Descobri anos mais tarde, editando esse texto em 2020, que lá é um ponto tradicional de shows punks, tendo recebido bandas que adoraria ter visto, como Refused e Cursed – outras que é melhor morrer sem ver, como Green Day.

De San Diego fomos para La Puente falar no Brigde Town Infoshop (www.bridgetowndiy.org). O lugar era muito agradável e tivemos mais um debate animado. Lá rolam atividades abertas e oficinas voltadas para a comunidade, que também é cheia de pessoas de origem mexicana e latina em geral.

Em seguida fomos para Santa Ana, ainda na Califórnia falar no El Centro Cultural De México (elcentroculturaldemexico.org/) no dia 27 de outubro. Por ironia, quando entramos no México falamos em inglês e só fomos falar um pouco de espanhol e usar tradutores nesse lugar que fica em solo estadunidense mas dá um suporte muito importante à comunidade imigrante dos países latinos.

Muerte a Las Vegas!

Dormimos uma noite na cidade e seguimos de manhã para Las Vegas, uma das cidades mais estranhas e feias que já vi! Fica isolada no meio do deserto e na estrada já é possível ver cassinos e luminosos imensos chamando para uma prévia antes de chegar na cidade ou, no sentido contrário, te convidando para tentar recuperar a grana que perdeu jogando nos cassinos de Las Vegas. Doentio, para dizer o mínimo. Chegando na cidade, parece que você está em um filme ou num pesadelo. Tanta luz e espetáculo cercado de paisagens falsas mantidas pelo trabalho de uma população imigrante que não participa do show sustentado pelo seu suor. Falamos em um inusitado restaurante e loja de produtos vegetarianos e naturais.

No dia seguinte, marcamos um encontro para conversar com um grupo de imigrantes que organiza vários tipos de ação solidária com a comunidade latina na cidade. Falamos sobre a situação de calamidade na fronteira México-EUA, das atrocidades perpetradas pela polícia de fronteiras, por fascistas americanos e pelo narcotráfico. Falamos sobre o caso dos 43 estudantes de Ayotzinapa, sequestrados no ano anterior (2014) pela polícia e por traficantes que os torturaram e mataram, sumindo com seus corpos em Iguala, próximo à Cidade do México, sem deixar vestígios. Uma das companheiras nos contou que é um costume as autoridades cooperarem com os cartéis de drogas. Tanto nesse caso dentro do território mexicano, como nas fronteiras onde a polícia estadunidense muitas vezes detém pessoas cruzando as fronteiras e as entregam diretamente para os narcotraficantes fazerem o que quiserem, seja estuprar, matar ou obrigar a trabalharem para eles. Ouvir esses relatos permeados por tragédias pessoais foi bem pesado. A companheira que relatava, aliás, estava há 27 anos vivendo nos EUA ilegalmente. Quando ouvi, exclamei “caramba, a minha idade!”. Na hora percebi o sutil constrangimento por deixar essa frase escapar em voz alta.

O um piano no moshpit

Depois desse evento tivemos três dias sem atividades só para acompanhar o coleguinha que estava com a gente para três shows com sua banda chamada Catharsis. Um show em San Diego e dois em Los Angeles. Legal para esfriar a cabeça cansada de falar a mesma coisa toda noite dançando e cantando no Halloween – que a galera ali leva muito a sério. Catharsis é uma de minhas bandas preferidas e, como já disse, foi parte da educação e radicalização que o punkrock proporcionou em minha vida. Sou obrigado a registrar um incidente que alegrou minha noite. Uma das músicas que eu mais gosto da banda, Arsonist Prayer, começa com um solo de piano, composto justamente pelo nosso companheiro de viagem e vocalista. Chegamos mais cedo nesse lugar onde rolaria o show, que mais parecia um galpão para peças teatrais, ensaios e todo tipo de arte. Andando curiosamente, encontrei um piano não muito conservado ou afinado e falei para nosso amigo momentos antes do show. Ele se animou a tocar ao vivo a intro, sem usar um sample e empurramos secretamente o piano para perto do palco – que era basicamente uma arena de teatro. A música abriu o show e foi empolgante poder ajudar a ver essa música ao vivo e tocada de forma completa.

Depois do primeiro show punk, estávamos sem onde dormir e ficamos vagando por Los Angeles até de madrugada tentando um plano b para nos hospedar. Ficamos no apartamento de alguns camaradas num prédio com um terraço incrível, cheio de plantas, bancos, churrasqueiras, tudo compartilhado entre os habitantes. A vista da cidade lá de cima era incrível.

Nos dias 1 e 2 de novembro celebram o Dia de Los Muertos e caminhamos pela cidade chegando a uma praça grande onde vimos uma apresentação de dança, música e cerimônias realizadas pelas comunidades mexicanas e de outros

países da América Latina. Foi bem bonito e arrepiante ouvir de perto tantos tambores e cantos. A praça estava decorada com as famosas caveiras mexicanas, fotos de entes falecidos e muitas flores, velas, comida e bebida. Era um momento muito bonito e empolgante de celebração da vida que me tocou bastante com uma forma positiva de encarar e homenagear a vida e a morte.

Tempe: as boas vindas do povo O'odham

No dia 2 de novembro, em Tempe, perto de Phoenix, no Arizona, tivemos uma experiência diferente e muito boa dividindo a mesa e apresentando junto com três membros da juventude O'odham, que é uma nação indígena da América do Norte e resiste até hoje ao racismo, ao colonialismo e a projetos como uma rodovia que pretende cortar e destruir parte do território tradicional indígena que ainda está quase inteiro.

Normalmente, nossas falas são a única dos eventos, mas nesse dia nos foi proposto dividir a mesa com membros do povo que nos recebia em seu território. Achemos uma ótima ideia e uma forma de demonstrar respeito e solidariedade. Quando subimos no pequeno palco e o silêncio tomou conta enquanto o público notava que o painel iria começar, camaradas O'odham se levantaram cantando uma canção de boas-vindas em sua língua nativa, depois, em inglês, cumprimentando a nós e ao público. Foi belo e tocante ser recebido dessa forma em um território de luta.

Apresentaram uma contextualização sobre a terra em que estávamos, algumas das lutas que as pessoas em suas reservas estão travando contra a destruição ambiental e a profanação de locais sagrados e suas experiências de organização radical na área, incluindo anarquistas descendentes de colonos brancos como aqueles que constituem a maioria do público da noite. Foi, provavelmente, muito mais interessante para o público local que, além de ouvir das nossas experiências vindas de diferentes continentes, poderiam também conhecer e se engajar numa luta local com povos tradicionais resistindo ao capitalismo e ao colonialismo.

Os três membros do povo O'odham presentes se apresentaram como militantes radicais e anarquistas que se organizam junto com outros grupos, mas sempre lembrando que sempre serão O'odham antes de serem anarquistas. Alguns deles tocam em bandas punk ou projetos de hip-hop e usavam roupas bem nesses estilos, alguns mais punks, outros mais do RAP. Foi ótimo ver essa junção perfeita de contraculturas e culturas ancestrais de resistência. Me lembrou bastante o trabalho de meus ex-camaradas de coletivo e banda, do Cultive Resistência, desenvolvendo um incrível trabalho envolvendo povos Guaranis, permacultura, ação direta, retomada de territórios e muito mais no litoral paulista, região de Mata Atlântica⁸. Do norte ao sul das américas, fica cada vez mais nítido o quanto

8 Veja "Do Punk à Solidariedade Indígena – Quatro Décadas de Anarquismo no Brasil - Uma Entrevista" : <https://pt.crimethinc.com/2021/02/25/do-punk-a-solidariedade-indigena-quatro-decadas-de-anarquismo-no-brasil-uma-entrevista-1>

é preciso construir pontes entre os movimentos da cidade, do campo e das matas, movimentos negros, populares, feministas, indígenas e todos os povos e culturas resistindo à colonização capitalista.

E assim seguimos voltando para a costa leste, dirigindo a noite toda por 12 ou 15 horas ou durante o dia por mais outras tantas horas. O ritmo de volta foi bem mais rápido que o da ida e cruzamos tantas paisagens e climas diferentes que parecia que estávamos em outro país ou em outra estação.

Oásis no deserto e neve!

Em Tucson falamos em um café comunista que tem uma decoração quase toda em vermelho e amarelo, ak-47, foice e martelo e dizeres marxista-leninistas por todo canto. No dia seguinte, um pessoal amigo de nosso membro estadunidense nos levou para um passeio no Deserto de Mohave (ou Mojave), que toma partes dos estados Arizona, Califórnia, Nevada e Utah. Simplesmente das coisas mais incríveis que vi – e sei que já disse muito essa frase nesse relato!

Depois de ver tantas paisagens nada familiares como as Redwoods, canyons, o oceano Pacífico e seus habitantes, agora dirigimos e caminhamos em um deserto até chegar em um oásis, com quedas d'água e uma vista panorâmica imensa. A visão é avassaladora e nunca me imaginei caminhando por um desses desertos com cactos gigantes que parecem pessoas com os braços para cima, como aqueles que vemos em desenho animado. E no meio disso tudo, um rio com quedas e poços perfeitos para nadar! Um dos lugares mais marcantes e lindos da viagem. Porém, as histórias e tragédias que acontecem nesse cenário não são nada admiráveis.

Essa região de fronteira com o México é ponto de travessia para centenas de pessoas que tentam entrar nos Estados Unidos. Uma coisa eu não sabia: a imensa maioria das pessoas atravessando a fronteira não são mexicanas querendo entrar pela primeira vez, são pessoas que já vivem há anos ou décadas nos EUA sem toda documentação e foram deportadas deixando para trás sua vida, filhos, trabalho, casa e todos seus pertences. Então, “recomeçar” a vida no México não é uma opção e atravessar é quase sempre a única chance. E como já mencionei, além dos riscos de se ferir nas pedras, com bolhas da caminhada ou por insolação e desidratação, ainda existe a violência policial, racista e a dos narcotraficantes⁹.

"Isso é muito raro", disse nosso camarada que nos guiou pelo deserto. "A maioria das pessoas que cruzam a fronteira EUA-México não encontra este tipo de oásis. Muitos deles ficam desidratados ou sofrem crises com o calor. Muitas pessoas morrem." Nosso camarada é um anarquista que faz parte de um movimento que atua nas fronteiras apoiando migrantes. Deixam galões com água, mantimentos, medicamentos e vários suprimentos para que as pessoas cruzando o deserto possam ter algum apoio. Muitas vezes também resgatam de carro pessoas feridas ou em perigo durante a travessia.

9 Veja o livro "No wall they can build" disponível em: <https://pt.crimethinc.com/books/no-wall-they-can-build>

“Às vezes me pergunto se isso é suficiente”, reflete nosso amigo, com os olhos fixos no horizonte. “Talvez estejamos apenas fazendo trabalho de apoio humanitário quando deveríamos procurar maneiras de combater as fronteiras de forma mais direta.” Nos perguntamos quantas vidas ele já salvou naquela bela e, muitas vezes, hostil paisagem.

Últimas paradas: Durango, Colorado, e Ashville!

Seguimos para Durango, no Colorado, para falar em uma universidade em um evento organizado por uma galera anarquista local muito organizada. Fizemos um banner especial para o evento, várias banquinhas de livros e coletivos da cidade. Chegamos e vimos neve de verdade pela primeira vez. Foi surpreendente pois um dia antes estávamos nos refrescando em um rio no calor do deserto e no dia seguinte fazendo guerra de bolas de neve! De lá fomos para Norman, uma pequena cidade onde falamos em uma biblioteca local e seguimos na mesma noite para dormir em Denton, no Texas, onde nos apresentamos no dia 6 de novembro. No dia seguinte dirigimos por mais de 12 horas sob chuva até Nova Orleans para falar em uma academia de kung fu. No dia seguinte, um domingo, saímos para dançar com uma festa de rua que acontece todo fim de semana, chamada Second Line. Bandas de rua marcham pela cidade com pequenos carros alegóricos, tipo um bloco de carnaval mas tocando algo mais puxado para o jazz, com muitos metais, tambores e pratos. Mais uma vez me senti em casa. A comparação com o carnaval de rua no Brasil é inevitável. Foi bom chacoalhar um pouco e viver essa experiência de ouvir um som de raiz no meio de Nova Orleans, a terra do jazz. Tradicionalmente, esse tipo de banda ou bloco de rua também acompanha os funerais em Nova Orleans que, assim como o Dia de Los Muertos celebrado pela comunidade latina, é momento de festa para superar o luto.

A próxima parada foi em Pensacola, Flórida. Falamos numa livraria linda chamada Open Books (www.openbookspcola.org), que surgiu quando uma biblioteca comunitária se converteu em parte do projeto Prison Books, que manda livros para presos que não podem pagar e que não podem receber nenhuma literatura da família pois o governo apenas permite que lojas formalizadas enviem. A loja funciona também com trabalho voluntário e está na ativa desde o ano 2000.

Então fomos para Chattanooga falar em um parque onde rolava um show com uma banda local muito estranha. Foi o evento mais zebra da viagem, pois parecia que éramos a atração de uma festa de família onde ninguém sabia exatamente o que fazíamos ali, nem parecia interessado no debate e no final ficamos falando para 4 pessoas. Na minha breve carreira anti-musical me acostumei a esperar ao menos uma ou duas noites onde tocamos num lugar vazio para pessoas não interessadas, então estávamos dentro da média. Em seguida, falamos em Athens, no estado da Geórgia, numa sala de universidade com camaradas que hoje organizam o espaço The South Bend Commons, em Atlanta, Georgia.

O último evento foi em uma livraria anarca-feminista chamada Firestorm (www.firestorm.coop), em Asheville, estado da Carolina do Norte – onde nossa viagem começou.

O lugar é realmente muito bonito, com ótimos livros, arte e muitos zines lindos, alguns deles artesanais feitos com capas em serigrafia. Nossa última oportunidade de ganhar peso para nossas malas já cheias de literatura incendiária.

Além de livraria/infoshop, Firestorm é mais um exemplo de loja “worker-owned”, ou seja, propriedade de quem trabalha. Também é um centro social comunitário, autogerido por um coletivo majoritariamente feminino e queer ativo desde 2008¹⁰. Em maio de 2020, nos primeiros meses de comércio fechado e outras medidas para conter a infecção por coronavírus, a loja teve sua vidraça quebrada, 150 dólares roubados e 450 dólares em danos materiais. Em seguida a loja soltou uma nota dizendo estar tudo bem e que se alguém quiser apoiar, compre alguns livros para ajudar nos reparos e frisaram que não chamariam a polícia: “Realmente não há nada que a polícia possa fazer por nós que não possamos fazer nós mesmos; e se alguém está em desespero o suficiente para arriscar sua liberdade por US\$150, talvez todos nós tenhamos falhado com essa pessoa. É difícil se sentir vulnerável e ver nossa loja arrombada trouxe à tona muitas emoções, incluindo raiva – mas o encarceramento não é justa e a punição só pode multiplicar os danos¹¹.” Enfim, apenas um dado para dizer que a loja segue ativa e firme enquanto centro social comunitário e radical, debatendo e atuando de forma a fortalecer sua comunidade para além da moral e das leis burguesas.

Depois da fala festejamos na rua, gritando e pulando ao guardar nossas coisas na van pela última vez. Missão cumprida! – gritei. E assim disse quando chegamos na casa dos companheiros que nos receberam e onde passamos os primeiros dias antes de começar a tour: “primeiro jantar com a missão cumprida! Primeiro bom dia com a missão cumprida! Primeiro café da manhã com..” – “ok, já entendemos!” – disseram.

Finalmente... o fim!

Chegamos ao fim dos relatos! Terminamos a turnê e cumprimos essa missão impossível de percorrer 37 estados nos EUA, fazer atividades em 25 deles, num total de 57 cidades! Ainda tivemos tempo para cruzar a fronteira a pé e fazer um debate em Tijuana, no México. Em algumas cidades fizemos duas atividades no mesmo dia, o que gera um número de 59 falas em 65 dias. Por falar em números, cerca de 2.500 pessoas compareceram às atividades segundo as anotações diárias no caderninho de um de nossos companheiros de viagem.

10 entrevista em português: noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2019/02/27/eua-uma-livraria-radical-na-appalacha-do-sul-firestorm-books-coffee

11 boingboing.net/2020/05/12/an-anarchist-community-booksto.html

Agora é pensar como usar tudo o que foi aprendido, o retorno e o impacto de um projeto com essas proporções, os contatos ampliados, as novas pessoas alcançadas e que puderam conversar pela primeira vez com anarquistas que trazem diferentes experiências de movimentos sociais de diferentes contextos que se relacionam com suas realidades locais.

Os membros estadunidenses do coletivo CrimethInc. envolvidos no projeto Para Mudar Tudo/To Change Everything convidaram pessoas de cinco países para essa viagem com a ideia de levar a publicação a novas pessoas e debater reflexões e experiências práticas que mostram a relevância do anarquismo nos dias de hoje. Portanto, não era simplesmente uma turnê para debater o conteúdo de um texto, mas trocar experiências sobre lutas reais e atuais.

Mesmo com van quebrada na costa oeste, que nos fez usar três carros diferentes até ela ficar pronta, conseguimos cumprir toda a agenda sem cancelar nenhuma atividade. E inclusive marcamos algumas mais que não estavam previstas no roteiro original. Agora que tudo acabou, parece inacreditável que tudo correu tão dentro do planejado. E é gratificante pensar que é possível fazer tudo isso, levar nossos projetos de cada país para tantos lugares e tantas pessoas apenas através do apoio mútuo e livre cooperação. As doações em cada cidade, a venda de zines, livros e posters ajudaram a pagar a gasolina e cobriram os custos de todas as passagens e ainda ajudaram a imprimir mais cópias dos projetos em países que não tem tantos recursos – como nós no Brasil, Rússia, Grécia e Filipinas. Quando retornei ao Brasil, trabalhamos numa segunda edição do livreto Para Mudar Tudo e, com essa grana excedente, em abril de 2016 imprimimos mais 11 mil cópias que foram distribuídas gratuitamente por coletivos e movimentos por todo o Brasil¹².

É evidente que anarquistas nos países ricos têm mais acesso a recursos materiais e até educacionais para realizar seus projetos. Basta ver o quão fácil é para muita gente nesses lugares alugar ou comprar imóvel para um centro social, ter carros, computadores bons, câmeras e outros recursos que facilitam o ativismo nos centros urbanos. Aliás, é difícil pensar em uma tour com a mesma proporção que essa na América Latina se sustentando apenas com venda de zines e passando o chapéu no fim do debate. A gente não tem tanto trocado no bolso... Mesmo assim, esse choque serve para analisarmos o quanto somos resistentes e o quanto rebolamos para fazer nossas coisas. Isso ajuda a valorizar mais ainda ser anarquista e correria no terceiro-mundo. E depois de visitar dezenas de infoshops, livrarias, centros comunitários diversos, percebi que seria chato só falar de cada lugar sem trazer essa reflexão. É preciso viajar muito – e enfrentamos trajetos de até 18 horas entre uma cidade e outra – para ver todos esses lugares, mas nos primeiros dez dias vi mais espaços dedicados à auto-organização radical, comunitária ou especificamente anarquista que na minha vida inteira vi no Brasil.

Foi importante também marcar presença junto com pessoas de outros países ditos periféricos como Argentina, República Checa e Eslovênia para mostrar para os gringos o quanto é desproporcional o fluxo de informação e influência.

12 <http://paramudartudo.com/lancamento-para-mudar-tudo-2a-edicao/>

Lemos muito mais e sabemos muito mais do que se passa na Europa Ocidental e nos EUA do que o contrário. Foi inspirador ver como as lutas ressoam e como as Américas são semelhantes quanto a opressão e a incrível resistência dos povos nativos, das mulheres e da população negra. A solidariedade e o intercâmbio para além das fronteiras é um ponto que pode fortalecer todas as lutas por libertação e contra o capitalismo.

Foi muito bom estar na estrada. Marcante e inesquecível. Cada dia, cada paisagem, cada espaço e pessoa inspiradora vão ficar para sempre na memória. Mas a única coisa que pode ser tão boa quanto viajar é chegar em casa e focar nos próximos projetos locais, nas próximas publicações e nas próximas agitações que queremos levar adiante com toda a inspiração adquirida.

Z.



Última parada: Firestorm, Asheville, NC.

Cidades, espaços e projetos visitados:

Chapel Hill, NC:

Internationalist Books: wikipedia.org/wiki/Internationalist_Books

UNControllables: twitter.com/radicalrush

Richmond, VA:

RAG & BONES: ragandbonesrva.org

Baltimore, MD:

Red Emma's: redemmas.org ;

Fusion Partnership: fusiongroup.org

Washington, DC:

Potter's House: pottershousedc.org

Philadelphia, PA:

Wooden Shoe: woodenshoebooks.com/home.html

Boston, MA:

Encuentro 5: encuentro5.org

New York City, NY

Cruz Negra Anarquista de Nova York: nycabc.wordpress.com ;

The Base: thebasebk.org ;

Museum Of Reclaimed Urban Space: morusnyc.org ;

Norbert's: norbertspizza.com

Rochester, NY

The Flying Squirrel Community Space: thesquirrel.org/about-us ;

CMI Rochester: rochester.indymedia.org

Buffalo, NY

Burning Books: burningbooks.com

Earth First!: earthfirstjournal.org

Cleveland, OH

Guide To Kulchur: twitter.com/guidetokulchur

Detroit, MI

Trumbullplex: trumbullplex.org ; Hiedelberg Project: heidelberg.org ;

Revista Fifth Estate: fifthestate.org

Kalamazoo, MI

Coleção Labadie:

www.lib.umich.edu/labadie-collection/labadie-collection-digital-collections

Grand Rapids, MI

Tanglefoot: facebook.com/tanglefoot.artists ;

Black Seed: blackseed.anarchyplanet.org

Milwaukee, WI

Sobre o fechamento da livraria People's Books:

www.milwaukeeerecord.com/arts/peoples-books-closing/

Chicago, IL

Chicago Anarchist Black Cross: www.chicagoabc.tripod.com/

Carbondale, IL

Flyover Infoshop www.instagram.com/flyoversocialcenter/

Iowa City, IA

Black Rose/Rosa Negra: www.blackrosefed.org/

Kansas City, MO

Food Not Bombs: www.instagram.com/kcfoodnotbombs

Denver, CO

Gráfica Cooperativa P&L Printing: www.facebook.com/pandlprinting

Salt Lake City, UT

Boing! Anarchist Collective : www.facebook.com/boinganarchist

Portland, OR

Anarres Infoshop: www.facebook.com/anarresinfoshop

Eugene, OR

Revista Green Anarchy: <https://greenanarchy.anarchyplanet.org/>

San Francisco, CA

Centro Social OMNI: www.omnicommons.org

Editora AK Press: www.akpress.org

Oakland, CA

LBC Books: www.littleblackcart.com

Qilombo: <https://en.wikipedia.org/wiki/Qilombo>

Berkeley, CA

Infoshop Long Haul: www.thelonghaul.org

Santa Cruz, ; CA

SubRosa Infoshop: www.subrosaproject.org

Bike Church: bikechurch.santacruzhub.org

Tijuana, México

A Infoshop: cafeainfoshop.wordpress.com

San Diego, CA

Chê Café: thechecafe.blogspot.com

La Puente, CA

Brigde Town Infoshop: bridgetowndiy.org

Santa Ana, CA

El Centro Cultural de México: elcentroculturaldemexico.org

Tempe, AZ

Grupos musicais dos camaradas do povo O'odham:

<http://shiningsoulmusic.bandcamp.com>

<http://requiemska.bandcamp.com>

Movimentos e coletivos:

<http://oodhamsolidarity.blogspot.com>

<http://stopcanamex.blogspot.com>

<https://gilariveragainstloop202.wordpress.com>

Nova Orelans, LA

Lobelia Commons: www.instagram.com/lobeliacommons

Pensacola, FL

Open Books: www.openbookspcola.org

Atlanta, GA

The South Bend Commons: www.patreon.com/SouthBend

Asheville, NC

Firestorm: www.firestorm.coop



Parte II

AMÉRICA DO SUL — APRESENTAÇÃO:

Entre os meses de junho e julho de 2019, participantes da rede de coletivos CrimethInc. das Américas do Sul e do Norte percorreram 15 cidades em 7 estados do Brasil para lançar a versão impressa do livro *Da Democracia à Liberdade*. A turnê também serviu como uma oportunidade para comparar experiências sobre a resistência aos regimes de extrema direita de Donald Trump nos EUA e Jair Bolsonaro no Brasil. Este relato de viagem também oferece uma visão geral de alguns dos centros sociais e movimentos em atividade no território chamado de "brasileiro". Longe de ser uma ampla amostra das lutas em toda América do Sul, é apenas o que conseguimos cobrir com nossos limitados recursos e o de todas as pessoas que dividem conosco essa ampla rede de apoio mútuo rebelde que não conhece fronteiras.

Foram 21 eventos ao todo, passando por centros sociais, ocupações, sedes de sindicatos, universidades, centros de pesquisa e alguns lugares inusitados. A proposta era levar tanto as ideias do livro como promover debates com pessoas e grupos organizados em lugares tão diversos. É sempre uma grande experiência visitar e compartilhar mais que palavras escritas com quem luta para construir um mundo além do Capitalismo. Desde 2013 temos publicado informes e análises das lutas sociais do Brasil, escritas por pessoas envolvidas diretamente nesses processos. Em momentos como nessa turnê, podemos percorrer o território e conhecer ainda mais narrativas da luta local e seu cotidiano, fortalecendo laços para as próximas mobilizações.

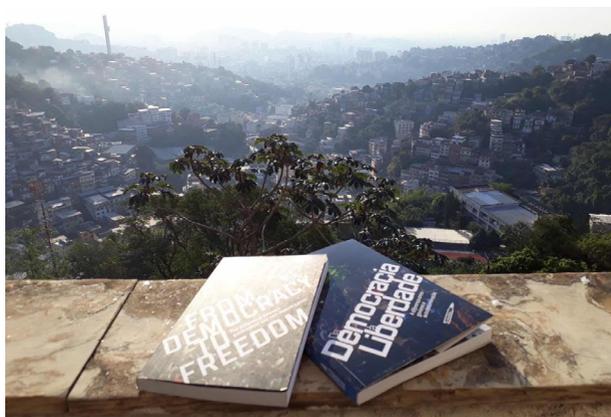
Em quase todas as cidades encontramos também muita gente nova e interessada em conhecer sobre as perspectivas anarquistas sobre democracia e sobre experiências concretas de resistência ao Capitalismo e aos governos de direita que chegam ao poder agora nas Américas e em outras partes do mundo. Nesses casos, foi importante termos ainda em mãos centenas de cópias do panfleto introdutório *Para Mudar Tudo*, com o qual estivemos em turnê no relato anterior.

As diferenças entre Brasil e os Estados Unidos são muitas. Mas, como dissemos, os abismos sociais entre as classes dentro de cada país são muito maiores do que as diferenças que separam as classes oprimidas desses países. Fronteiras e

nacionalidade são algumas das abstrações impostas sobre nós para impedir a solidariedade entre as classes oprimidas de todos os países. Por isso, nosso objetivo é sempre produzir um diálogo no nível internacional, considerando as particularidade e potencializando nossa luta a nível global.

O livro *Da Democracia à Liberdade* foi traduzido coletivamente e versões digitais e em zines já circulavam em português desde 2017 analisando não somente a democracia clássica e sua teoria, mas fazendo também um levantamento crítico das lições dos movimentos que colocaram em prática a democracia-direta nas lutas recentes por justiça social. Graças aos esforços de coletivos editoriais independentes como *No Gods No Masters*, *Subta* e *Facção Fictícia*, foi possível imprimir mil cópias do livro em uma ótima qualidade.

Trazemos aqui reunido o que vimos e aprendemos nessa turnê para continuar compartilhando com todas as pessoas que encontramos e com aquelas que não pudemos encontrar na estrada. Escrito por membros brasileiros e estadunidenses, esse breve relato traz diferentes visões de lugares que já visitamos anteriormente ou que fomos pela primeira vez. Infelizmente, por tempo e recursos, foi possível visitar “apenas” três das cinco grandes regiões do Brasil. Numa próxima oportunidade queremos visitar o Norte e o Nordeste também – e, quem sabe, outros países latinos! –, para que possamos continuar essa troca de experiências e solidariedade que não respeitam fronteiras ou distâncias!



Turnê "Da Democracia à Liberdade" – um panorama de movimentos e lutas no Brasil

Ponto de encontro e partida: São Paulo

Em meados de junho de 2019, nos reunimos em São Paulo, dobrando e grampeando centenas de zines, posters e organizando caixas de caixas do livro *Da Democracia à Liberdade*. A cidade era o lugar mais viável para nos reunir vindo de diferentes estados e do exterior, assim como para pegar os livros recém impressos. No entanto, nosso primeiro evento seria em Goiânia!

Infelizmente, não foi possível ter um carro ou van conosco durante todo o trajeto, então o jeito foi recorrer a ônibus, avião, táxi, metrô, carona, etc. Tudo isso carregando essas centenas de livros e publicações que destruíram várias rodinhas de malas e carrinhos de feira pelo caminho. Recebemos nosso camarada dos EUA no aeroporto e ainda tivemos alguns dias em São Paulo até voarmos, no dia 22, com nossas malas carregadas com a palavra da subversão para os primeiros eventos em Goiânia e Brasília.

Goiânia (22/06) – luta por moradia e memórias da solidariedade internacional

Nossa primeira parada foi em Goiânia, dia 22 de junho, na Casa Liberté (www.instagram.com/casaliberte), um centro social que recebe atividades organizadas por diferentes coletivos e movimentos anarquistas da região, como a FAT, Federação Autônoma dos Trabalhadores (federacaoautonoma.wordpress.com). O evento foi organizado em conjunto com o selo de música independente Two Beers Or Not Two Beers Records (www.twobeers.com.br), que foi fundamental para iniciarmos a turnê com esse pontapé inicial no centro do país.

Antes da mesa de debates foi exibido o documentário “Parque Oeste, história de uma luta pela moradia em Goiânia”, que relata o despejo ilegal e violento da ocupação Sonho Real em 2005 e da vitoriosa luta por moradia das famílias que sobreviveram à operação policial que colocou 14 mil pessoas na rua e executou ao menos duas pessoas a sangue frio. Estavam presentes a diretora do filme, Fabiana de Assis, e a sobrevivente e militante Eronildes Nascimento. Pedro Nascimento, marido de Eronildes e pai do seu filho, foi um dos mortos pela polícia na desocupação.

A casa estava lotada para a exibição e mais de 100 pessoas participaram dos debates – uma ótima estreia para a turnê. Dividimos a mesa com Eronildes, que narra sua história no documentário e conta sobre a luta das famílias que hoje

ocupam um novo terreno agora regularizado e conhecido como Real Conquista, também em Goiânia.

Foi emocionante ver o filme e estar ao lado dela na mesa de debate. Diversos militantes de todo o Brasil acompanharam ou estiveram em contato com o processo de resistência do bairro Sonho Real. Brad Will, um anarquista e jornalista do Indymedia dos Estados Unidos e conhecido por alguns de nós pessoalmente, filmou o dia-a-dia da ocupação e o desalojo. Suas imagens podem ser vistas no documentário “Parque Oeste”. Brad foi assassinado no México enquanto filmava os levantes populares em Oaxaca, 2006, no ano seguinte aos eventos em Goiânia.

Eronildes conheceu Brad. Ela contou sobre como as filmagens do nosso companheiro ajudaram a mostrar a violência absurda dos agentes do Estado numa época em que celulares eram coisa rara e nem todo mundo podia filmar essas situações de violência policial como nos dias de hoje. Disse também que os moradores pretendem construir uma praça com o nome dos companheiros mortos no desalojo, mas também uma praça chamada Brad Will para homenagear nosso companheiro caído. Ficamos profundamente comovidos ao saber de tudo isso. Devemos muito ao Brad por nos mostrar que é possível que ativistas dos Estados Unidos ofereçam solidariedade relevante a pessoas em comunidades ainda mais oprimidas no Sul Global e que é possível que populações pobres no Brasil e no México possam estabelecer uma troca de confiança e solidariedade com anarquistas de outros países.

Além disso, se não tivéssemos ido a Goiânia, sentado naquela mesa, nem nós nem os amigos de Brad nos Estados Unidos ficariam sabendo sobre esse documentário feito com suas filmagens ou sobre a forma carinhosa como ele é lembrado no Brasil. É incrível imaginar que poderia haver uma praça em Goiânia batizada com o nome de um anarquista estadunidense assassinado sem que essa notícia chegasse à sua casa. Talvez nunca saberemos de todas as maneiras que nossos esforços afetam o mundo, assim como talvez nunca saberemos o nome de pessoas que mudaram nossas vidas com suas ações.

Eronildes é uma das mais importantes lideranças no assentamento onde vive e nas lutas por moradia em Goiânia e disse estar cada vez mais inclinada ao anarquismo por sentir que qualquer coisa que o povo precise, só é possível através da luta organizada pelo próprio povo, uma vez que representantes políticos e os ricos nunca fizeram nem farão nada por nós.

Brasília (23/06) – a cidade planejada que não coube nos planos

Em Brasília também rolou debate animado em um inusitado bar de jogos eletrônicos e fliperama. Revimos muita gente, conhecemos várias pessoas novas, trocamos materiais e ideias sobre lutas e projetos locais. Antes do debate rolou transmissão do jogo da seleção feminina de futebol. Também discutimos futuros projetos de publicação em conjunto. Ouvimos muito sobre os prédios projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer em Brasília, e todo o plano de cidade pensada



Casa Liberté cheia para nosso primeiro painel da turnê, Goiânia.

para se tornar a capital do Brasil em 1960 – e como era curioso um comunista declarado colaborar com o projeto de poder panóptica que tudo vê e controla, além de ampliar as vias para que a força coletiva não possa bloquear seus fluxos com facilidade. Mas não tivemos tempo de visitar as partes planejadas, especialmente para mostrar ao nosso camarada de fora como é caminhar por ali, devido ao nosso cronograma apertado. Voltamos para São Paulo, nossa principal base de apoio, e voamos na manhã seguinte e na noite do mesmo dia já pegamos ônibus para Maringá, no Paraná.

Maringá (25/06) – comida boa, banheiros queer e revendo amigos

Em Maringá, passamos o dia com camaradas da cidade e conhecemos um pouco da história e alguns dos locais. Visitamos um delicioso estabelecimento vegetariano e vegano de alguns camaradas veteranos dos movimentos punk e LGBTTTQI+, o Vaca Louca Café, onde as portas dos banheiros são pintadas com a arte do nosso clássico pôster sobre gênero. Passamos onde manifestantes se reuniram para vaia e barrar um comício eleitoral de Bolsonaro em sua campanha ainda em 2018. À noite, montamos uma mesa em frente ao DCE da Universidade Estadual, onde umas 30 pessoas já estavam aguardando o debate e outras se juntaram ao passar pelo local. O debate foi interessante, pudemos trocar ideias com várias pessoas do movimento estudantil local. Muitas artes, stencils e pixos contra Bolsonaro cobriam os muros e bancos da faculdade.

Curitiba, Florianópolis e Criciúma (26 a 28/06) – veganismo, hackers e Anarquistas Contra o Racismo

Em Curitiba, nós falamos no Veg Veg, outro café gerido por gente criada no punk e ativismo por libertação animal, que também tinha uma deliciosa comida vegana e a arte de nosso poster de gênero pintado em sua parede. Seria uma tendência? Talvez!

De lá seguimos para Florianópolis para falar em mais uma universidade. Dessa vez dentro do campus da Universidade Federal de Santa Catarina. O local do encontro foi a Tarrafa Hacker Club (<https://tarrafa.net>), um centro comunitário muito interessante que funciona como laboratório dedicado à pesquisa e difusão de conhecimento em tecnologia, segurança digital, ciência e arte digital. Mesmo com várias atividades políticas interessantes na UFSC rolando ao mesmo tempo, foi possível lotar a sala e ter um debate animado trocando experiências em movimentos sociais no Brasil e no mundo da última década. Ao final, ainda nos juntamos à festa junina e samba rolando no campus.

Chegamos a Criciúma no dia 26 de junho. O evento foi organizado pela ACR – Anarquistas Contra o Racismo¹ (<https://www.facebook.com/AnarquistasCR/>), no clube Sociedade Recreativa União Operária. Nosso anfitrião, Ivan, veterano dos movimentos anarquista, anarcopunk e antifascista de São Paulo, nos mostrou o local e contou a história do espaço que hoje ajuda a tocar. O clube é gerido por 7 coletivos e entidades dos movimentos negros da cidade que decidiram revitalizar esse espaço tradicional da cidade que foi um clube da comunidade negra fundado na década de 1930, quando membros da comunidade não se sentiam bem-vindos e acolhidos em clubes e espaços predominantemente brancos da época. Assim, fundaram seu próprio clube para garantir cultura, recreação, socialização e resistência política. Trabalho hoje, quase 90 anos depois, segue sendo incrível, com intensa atividade cultural negra e popular, projetos voltados para a saúde mental, profissionalização e muitas outras frentes. O prédio é bem grande e fica numa praça enorme, com dois campos de futebol gramados em meio a um bairro que hoje é considerado nobre. E todos os movimentos envolvidos estão tendo muito trabalho para revitalizar todas as instalações após anos de abandono. Foi ótimo trocar experiências de organização de base e de luta e gratificante estar com todos os grupos e pessoas membros da SRUO e do ACR. Esperamos contribuir para a difusão do projeto e de tudo que ele abriga. Convidamos a todas as pessoas a conhecerem o trabalho dessa galera. Segundo Ivan, muita gente ainda se surpreende ao saber de movimentos negros grandes e organizados em Santa Catarina, especialmente em Criciúma, por pressupor que o sul do Brasil é totalmente branco. A luta por visibilidade é o primeiro passo para se construir a solidariedade com outras regiões.

1 Mais sobre a história da ACR: <https://anarcopunk.org/v1/2017/05/um-pouco-sobre-a-historia-do-acr-anarquistas-contra-o-racismo/>



Salão da Sociedade Recreativa União Operária.

Porto Alegre (29 e 30/06) – descanso, pedalada e muita autogestão.

Foi incrível estar por 3 dias em Porto Alegre para apresentar as duas atividades diferentes da turnê. Um dia de descanso é sempre bem-vindo para poder passear pela cidade depois de dois dias de apresentação no fim de semana. Sábado, dia 29, falamos na Associação de Pesquisa e Práticas em Humanidades – APPH (<https://apph.com.br/>), sobre o livro *Da Democracia à Liberdade*. Debate rendeu e foi ótimo conhecer mais um espaço independente dedicado a pesquisas e formas de organização práticas de resistência anticapitalistas. Logo pela manhã, antes da nossa fala, rolou uma apresentação da filósofa Débora Danowski sobre mudanças climáticas e o antropoceno. Muito legal ver um espaço aberto à comunidade dedicado a oferecer oficinas, palestras e cursos gratuitos ou acessíveis. Vale a pena conhecer a APPH, localizada num antigo prédio estrategicamente localizado no centro da cidade.

E no dia 30, domingo, apresentamos a fala *Resistência Anarquista na era Trump*. Foi um dos eventos mais cheios da tour e rolou no Café Bonobo (<https://www.cafebonobo.com.br/>), um espaço vegano, anárquico e autogerido e conhecido dos movimentos anarquistas de Porto Alegre. A cidade tem muitas iniciativas e cooperativas como essas onde a galera organiza seu trabalho, seus horários e suas estratégias sem patrão. Um outro exemplo desse modelo é o espaço Aurora (<https://auroraantiespecista.com.br/>), restaurante autogerido, onde você almoça e paga o quanto pode ou quer pela refeição.

Segunda feira tivemos nosso primeiro dia de descanso da turnê e nossos anfitriões emprestaram suas bicis para visitarmos a cidade. Passamos pela livraria radical Taverna, o já citado Aurora e a ocupação Utopia e Luta (<https://utopia-e-luta.blogspot.com/>), uma das maiores das Américas. Espaço incrível de resistência no centro da cidade com 43 apartamentos e uma horta enorme no terraço. A visita

levou muito tempo e infelizmente não foi possível organizar uma visita ao Ateneu Libertário da Federação Anarquista Gaúcha (<https://federacaoanarquistagaucha.wordpress.com/>). Fica para a próxima!

São Paulo, ABC e Santos (3 a 6/07) – uma despedida à Lagartixa Preta e luta indígena no litoral

Em São Paulo, além de consumir litros de açaí, ir ao museu do MASP para ver pinturas como uma de Hieronymus Bosch e entrar no campus da USP para ver a capivaras, falamos em três locais: inclusive em uma sala no edifício Copam, na livraria Casa Plana, onde fica a sede da editora Hedra e no Centro de Cultura Social (<http://ccssp.com.br/>), um dos espaços anarquistas mais antigos e importantes do Brasil, ativo desde 1933. O CCS, além de organizar a Feira Anarquista de SP, também conta com uma longa história de manutenção da memória da luta anarquista no Brasil. Inclusive com uma ótima biblioteca com livros, boletins, jornais, panfletos, vídeos e cartazes que contam a história das lutas sociais ao longo das décadas. Inclusive, lançaram em 2021 a autobiografia de Peter Kropotkin para lembrar o centenário de sua morte.

Todos nós, incluindo meu companheiro dos EUA, já fizemos outras falas no CCS. E sempre é bom poder reunir pessoas ali para um debate intenso. Dessa vez não foi diferente. Ao fim do evento, compas do CCS nos levaram para a pizzada da Casa da Lagartixa Preta, em Santo André. Não poderíamos imaginar que essa era nossa última visita àquele espaço tão especial. Conheci a Lagartixa em 2008 durante o Carnaval Revolução e, nos anos em que morei em São Paulo, era tradição ir todo primeiro fim de semana do mês com amigos até Santo André para a pizzada que levantava fundos para o aluguel da casa. Além de todo tipo de atividade que aconteceu ali ao longo de quase duas décadas.

Formada e gerida desde 2004 pelo coletivo Ativismo ABC no fluxo dos assim chamados "Movimentos Antiglobalização" e seguindo os princípios da Ação Global dos Povos (AGP), a Casa da Lagartixa constituiu-se como um espaço muito relevante e ativo no campo autonomista. Abrigou um centro social atuante, uma rica biblioteca que reúne um grande acervo de livros e periódicos anarquistas em diversas línguas, cursos livres de idiomas, banco de sementes crioulas, uma mini agrofloresta urbana, tudo isso compondo um dos mais interessantes laboratórios de práticas de autogestão, agroecologia, solidariedade, apoio mútuo e relações libertárias que se tornaram referência para vários coletivos e uma geração inteira de anarquistas pelo Brasil e América Latina.

Felizmente, como estratégia de propagação de suas práticas e aprendizados, o coletivo Ativismo ABC tratou de registrar muito bem sua caminhada e as experiências acumuladas nesses 15 anos com publicações sobre sua história, princípios e sobre gestão de espaços autônomos, além de um belo documentário feito junto da Imprensa Marginal. Recomendo a todas as pessoas interessadas em organizar práticas comunitárias de base a visitar e se inspirar nesses materiais e nessa história.

Na mesma noite, fomos de carro para o sítio Semente Negra onde aconteceu o No Gods No Masters Fest, em Peruíbe, para reabastecer de livro e zines nossas malas e passar na Feira Junina Vegana da cidade. No dia seguinte, visitamos a Aldeia Tapirema, território Tupi Guarani recém retomado que agora compõe um conjunto de 12 aldeias em uma terra ancestral, num dos locais onde se deu o início da urbanização e colonização imperial do Brasil. Nessa aldeia, anarquistas do litoral paulista atuam em solidariedade com os povos Guaranis em sua resistência, onde reconstituem assentamentos tradicionais e preservam as matas e as águas dos avanços da capitalistas e estatais. Trocamos algumas horas de conversas com indígenas locais e nossos amigos que nos levaram para conhecer esse território e essa experiência inspiradores.

O último evento no estado de São Paulo foi em Santos, na Cinemateca de Santos, um espaço autônomo que conserva um gigantesco acervo de filmes, abriga cineclubes e também debates. O evento foi organizado por anarquistas da Biblioteca Carlo Aldegheri (<https://www.instagram.com/biblionelca/>), responsável por tocar várias atividades anarquistas na Baixada Santista.

Divinópolis, Itaúna e Belo Horizonte (09 a 12/07) – punks, sindicatos, partidos e ocupações

Em Divinópolis falamos no SINPRO, sede do sindicato dos professores estaduais. O público era composto por uma mistura incomum de sindicalistas ferozes e punks stinerianos. Fizemos uma mesa redonda com uma dúzia de pessoas sobre o lançamento do livro. Muito debate e muitas perguntas sobre a relação entre democracia e as questões raciais, especialmente nos contextos brasileiro e estadunidense. Membros de diferentes organizações se interessaram pelos temas do livro falaram sobre a intenção de levar uma cópia para cada sindicato de professores da cidade e para bibliotecas do máximo de escolas possíveis.

No dia seguinte, caminhamos pela cidade, conhecemos os projetos locais, incluindo um sacolão grátis, horta comunitária e o espaço organizado por ex-membros do extinto Coletivo Pulso, que esteve ativo até o início de 2019. Visitamos uma antiga ocupação que alguns de nossos colegas organizaram entre 2011 e 2013, hoje vazia após um desalojo. Ainda hoje, grafites e pixos com frases anarquistas permanecem em suas paredes externas.

À noite, falamos em um espaço de show de um bar bem inusitado em Itaúna e seguimos viagem cedo para Belo Horizonte.

Em BH participamos de duas falas. A primeira foi na escola de arquitetura da UFMG apresentando o livro em uma mesa de debates composta por nós do coletivo CrimethInc. e dois outros membros de movimentos sociais e da política local, mediada por mais um quarto companheiro que também apresentava, propunha questões para aprofundar o debate. Uma delas foi uma militante dos movimentos de moradia [Brigadas Populares] e era então vereadora da plataforma

Muitas/PSOL, que, como outros partidos como Podemos na Espanha ou Syriza na Grécia, surgiu em meio aos movimentos sociais e agitações populares, conseguindo eleger candidatas que vinham de uma longa trajetória de movimentos de base a cargos legislativos. O último componente da mesa era membro da Unidade Popular, partido socialista recém-formado que também traz militantes das lutas de moradia (MLB/PCR/UP).

Cada um dos 3 participantes expôs suas reflexões embasadas nas lutas e nos movimentos dos quais participam. Falamos por último, tentando adaptar a apresentação do livro ao contexto apresentado pelos outros participantes e abrindo para um debate entre todas as pessoas presente. Belo Horizonte, diferentemente de muitas cidades, teve um Junho de 2013 que conseguiu reunir diversos espectros da esquerda, anarquistas, trotskistas, stalinistas, socialistas e indivíduos independentes que participavam da Assembleia Popular Horizontal e saíam às ruas juntos, criando um convívio em comum, o que permitiu, por exemplo, que essa mesa fosse possível.

Pudemos abordar a diferença em princípios e projetos, avaliar criticamente o uso dos aparelhos democráticos do Estado e a participação na política institucional. Percebemos que nossos colegas, mesmo participando de partidos e exercendo mandatos no legislativo, reconhecem que tal estratégia pode gastar mais energia do que dar retorno e concordam que o que realmente promove mudança social é

a luta nas ruas e através da ação direta, auto-organizada das pessoas – ainda que isso não se configure em um abandono da uma posição apaziguadora, atestar a falência do sistema democrático participativo e mesmo assim continuar legitimando-o.

No dia seguinte, uma sexta feira, falamos na Kasa Invisível (kasainvisivel.org/) sobre a resistência anarquista ao governo Trump. Belo Horizonte, como quase todas as grandes cidades brasileiras, conta com grandes ocupações de bairros ou prédios onde vivem centenas ou milhares de pessoas. No entanto a Kasa Invisível é a única ocupação nos moldes dos movimentos das okupas/squats autônomos, autogeridos e anárquicos. É um conjunto de 3 casas na divisa do centro da cidade com uma das áreas mais nobres, sendo já a ocupação mais longa desse tipo na cidade. Servindo de moradia, centro social e equipamento cultural aberto para a



Fachada da Kasa Invisível, Belo Horizonte.

comunidade, além de espaço para reuniões, seminários e eventos para coletivos e movimentos sociais que não possuem espaço próprio. Também abriga uma cooperativa de alimentação vegana e um infoshop com confecção própria de publicações e oficina de serigrafia. Se mantém enquanto espaço sem ligação com partidos ou outras instituições, sob os princípios de horizontalidade, autogestão e anticapitalismo.

Paraty (13/07) – feira e um balanço no barco pirata

Sáimos logo após o debate de sexta em BH para pegar dois ônibus para conseguir chegar à FLIPEI – Festa Literária Pirata das Editoras Independentes (<https://flipei.net.br>), em Paraty, para participar de uma mesa sábado no início da tarde sobre insurreições no Brasil e o lançamento da coletânea "*Chamada*" da Editora Glac e uma a noite sobre a resistência anarquista e antifascista. A mesa seria dividida com Acácio Augusto, anarquista e professor universitário de São Paulo, e com Mark Bray lançando seu livro *Manual Antifascista* em português. A FLIPEI é organizada por editoras de esquerda e independentes, que acontece em Paraty ao mesmo tempo que a FLIP, uma das maiores feiras literárias das Américas.

Na feira, aconteceram dezenas de debates e palestras sempre em um barco pirata ancorado no porto. Grandes nomes dos movimentos sociais, intelectuais e todo tipo de ativista, militante de esquerda e alguns anarquistas estiveram presentes nos 5 dias de encontro. Infelizmente só pudemos estar lá durante o sábado. No primeiro andar do barco, fica a loja de livros e publicações diversas. À noite o visual era incrível: no segundo andar ficam palestrantes e participantes dos painéis. A galera fica em terra firme enquanto balançamos no rio há pouco mais de 500 metros do encontro com o mar. Depois de vários aviões, ônibus, trens, carros e muita caminhada, só faltava mesmo subirmos em um barco.

Rio de Janeiro (13/07) – Encerramento no Morro da Providência

Domingo fomos para a cidade do Rio de Janeiro para nossa penúltima atividade. Falamos no espaço Fosso, em Santa Tereza. O bairro fica entre o Morro dos Prazeres e do Fallet. A vista é de tirar o fôlego: a metrópole se estende diante de nós até o encontro com o mar. Vimos pequenos macacos pulando de árvore em árvore na mata entre as casas. Da varanda, podíamos ouvir todos os sons dos vários bairros do Rio abaixo: festas estridentes, música ao vivo, motores de carros, latidos de cães, helicópteros da polícia e, vez ou outra, alguns tiros.

Finalmente, na terça-feira, dia 16 de julho, fizemos nossa última atividade no Morro da Providência, a favela mais antiga do Rio de Janeiro, localizada no centro. A atividade foi organizada pela Organização Anarquista Terra e Liberdade (OATL) e pela Rede de Informações Anarquistas (RIA). O espaço do debate foi



Aldeia Tapirema, Peruibe, SP.



Barco Pirata na FLIPEI, Paraty, RJ.

em frente à sala do Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis, onde anarquistas organizam com a comunidade um cursinho popular desde 2009, voltado para jovens da Providência e região poderem prestar vestibular.

A fala inicial foi de um ex-aluno que hoje está se formando na faculdade e agora é professor no cursinho. Com certeza, foi uma das falas mais cheias e animadas da turnê. Foi simplesmente incrível terminar com todo o pessoal ali do cursinho, estudantes, professores e militantes de diversos grupos que também compareceram. Ficamos muito felizes em debater em meio a um projeto tão duradouro e importante, com várias pessoas mais jovens falando sobre formas de resistência, o contexto da repressão no Brasil e nas favelas, sobre organização e movimentos sociais. Além de traçar paralelos e semelhanças entre o contexto das classes oprimidas, da população negra e das formas de luta nos Estados Unidos e no Brasil.

Como dissemos, o que nos une na nossa luta contra formas análogas de opressão é muito maior do que as fronteiras, o idioma e os contextos que tentam nos separar. Nos dias seguinte, antes de nos separarmos e cada um voltar para sua cidade, fomos de Santa Tereza ao centro do Rio, caminhando pelos morros, pelas ruas, visitando museus e parques, nos chocando com a arte moderna em cartaz e a colonial do acervo do Museu Nacional, como “A noite acompanhada dos gênios do estudo e do amor” de Pedro Américo e “Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles, capazes de chocar tanto gringos e nativos.

Mais uma missão cumprida!

Somos imensamente gratos a todas as pessoas que nos ajudaram a levar essa viagem e os debates adiante. Seja organizando eventos, compartilhando ideias, comidas, sofás e colchões, além de comprar e ajudar a difundir o livro e vários dos materiais que levamos conosco. E claro, trocando ou nos presenteando com publicações e vários materiais incríveis produzidos em cada cidade. Essa rede de apoio é o que torna possível cruzar países e continentes e estabelecer conexões duradouras entre movimentos e centros sociais anarquistas e anticapitalistas.

A luta anarquista só é possível se pudermos construir laços, solidariedade e intercâmbio entre os povos de diferentes territórios, derrubando cercas e fronteiras que tentam nos dividir.

Até a próxima!



Sítio Semente Negra, Peruíbe, SP.



Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis, Morro da Providência, RJ.

Considerações Finais

Do Sul para o Norte

Nos relatos aqui presentes descrevi como busquei inverter uma tendência muito comum quando temos o intercâmbio entre norte e sul globais, que privilegia o fluxo de informação e conhecimento que parte do norte, Europa e EUA, rumo ao sul global e periférico do capitalismo. Além do breve comentário sobre a quantidade de publicações sobre as lutas daqui que eu encontrei por lá, também refleti sobre os lugares de luta em que visitei e que marcam a história da luta dos povos oprimidos de todo o mundo: Haymarket em Chicago, que deu origem ao 1º de Maio, a rua do bar Stonewall Inn, onde os Levantes de Stonewall em 1969 marcaram o dia do orgulho LGBTQI+, ou o novo prédio da ocupação Ungdomshuset na Dinamarca, onde a edificação original recebeu, em 1910, o encontro da 2ª Internacional no qual Clara Zetkin propôs a criação do Dia Internacional das Mulheres. Esse último, visitei em uma outra turnê pela Europa ainda com minha antiga banda punk.

É, sem dúvida, incrível poder atravessar esses espaços e ser atravessado por essas histórias. Mas ainda penso como as lutas daqui, da memória de Palmares ao Día de la Juventud Combatiente (no Chile), quantas datas e territórios de nossas lutas deveriam simbolizar algo maior não só localmente, mas globalmente? Creio que esse debate que não terá fim tão cedo – se é que deve ter um fim. E talvez só mudará com as lutas ainda por vir e que decidirão o futuro das classes oprimidas, do capitalismo e da vida no planeta como um todo.

Nosso “alcance” na era digital

Em tempos como os nossos, onde cada vez mais pessoas se dedicam à produção de conteúdo na internet, majoritariamente dependente das mídias sociais corporativas para ter alcance, dizer que falamos para audiências de 2 ou 3 mil pessoas nessas viagens soa como se nos contentássemos com “pouco”. Provavelmente um vídeo de blogueiras socialistas indicando tinta para cabelo no youtube tem dez vezes esse número em visualizações na sua primeira hora. Mas essa lógica contábil de “investimento” e “retorno” estimulado por essas plataformas é também algo que queremos questionar. Por mais que as páginas da rede Crimethinc. tenham dezenas de milhares de “seguidores” ou que a ocupação onde moro e me organizo também possua um grande alcance relativo, dificilmente temos contato presencial e real com um número de pessoas próximo a isso. Quando decidimos sair pelo continente encontrando pessoas, não estávamos em busca de fama, retorno financeiro, prestígio, “seguidores” ou qualquer capital social ou dado para adicionar em nossos currículos. Fizemos isso para trocar experiências, inspirar e receber inspiração, conhecer pessoas e espaços. Por mais que tenhamos lido ou

visto imagens, para nós esse continente é ainda uma "*terra incognita*", isto é, um território desconhecido até que possamos pisá-lo e travar um diálogo olho no olho com seus habitantes.

É fundamental estudar, ler e nos informar de toda forma sobre as lutas do passado e de outros lugares. Mas estar ali, levar um pouco de nossa casa, conhecer essas histórias de vida e esses lugares lindos e assustadores, poder levar um pouco de nossa bagagem para trocar, é algo que não pode ser equiparado ao mundo espetacular que nos é oferecido diariamente pela mídia tradicional, pela escola, por livros ou as recentes mídias sociais. Se não nos jogássemos na estrada para estabelecer esses contatos, não ouviríamos a canção do povo O'odham para nos receber em seu território, não conheceríamos os relatos em primeira mão de imigrantes e de pessoas solidárias enfrentando o terror das fronteiras anonimamente, não conheceríamos as florestas, desertos, montanhas, nem o interior dos centros sociais que serviram de estrutura para lutas sociais como os levantes em Baltimore e Ferguson. Não teríamos conhecido Eronildes e nem saberíamos que Brad Will é lembrado e homenageado pela mesma comunidade que ele apoiou e se arriscou para registrar o horror de um despejo executado pela PM.

O mundo virtual que se expande cada vez mais sobre nossas vidas e cada milímetro de nossa subjetividade é capaz de moldar a forma como vemos e atuamos no mundo, buscando uma imagem do que não existe, seja de mundo ou dos nossos próprios corpos, uma representação sem objeto, condicionando nossas ações a se tornarem também símbolos e imagens de luta – nunca uma luta real. Usar os meios como uma ferramenta, assim como usamos para divulgar eventos ou protestos, compartilhar livros ou artigos, fotos ou vídeos, é uma coisa. Achar que isso basta ou é sequer tão relevante quanto o trabalho real são os piores erros que podemos cometer, tornando individual, simbólico e ineficaz qualquer luta por um mundo livre de verdade. Somente o trabalho cotidiano, coletivo, real, arregaçando as mangas e pisando no chão, olhando nos olhos de camaradas com a mesma disposição é o que vai nos garantir algum avanço. A comunicação imediata global, nossas mídias digitais ou impressas serão apenas um complemento às lutas reais e concretas, não o seu auge. E foi isso o que buscamos. Foram alianças reais que nos permitem fazer turnês e voltar para casa, para nossos movimentos, ocupações, coletivos, comunidades e construir uma outra vida. Esperamos que esse relato motive quem lê a não se contentar com o texto, com o mapa, com a imagem, e buscar a luta real nos mundos reais.

Referências para uma outra vida

Em 2011, exatamente 10 anos atrás, pisei fora do Brasil pela primeira vez para tocar com minha antiga banda punk em uma turnê na Europa. Dos quase 30 shows em que tocamos, mais de 20 foram em ocupações ou centros sociais como os que visitei e narrei nos relatos aqui. Na época, saímos em turnê logo após fechar as portas de outro centro social duradouro em SP, o Espaço Impróprio.

Todos meus colegas de banda eram veteranos de turnês ou viagens pela Europa e América Latina, trazendo uma enorme bagagem e repertório na memória. Para mim, foi como ver funcionando vários modelos daquilo que estava quebrando a cabeça para acreditar que era possível funcionar ali onde vivíamos e nos organizávamos. Ficou bem claro para mim a importância da referência para um “saber fazer” revolucionário ou mesmo contracultural ou “alternativo”. Se queremos organizar a vida cotidiana, o trabalho, o estudo, as relações e nossa relação com nosso território, precisamos ter referências de onde aprender, mesmo que para romper e fazer diferente. Da família, da escola, do trabalho e da TV, aprendemos a organizar a vida no esquema papai-mamãe, estudo, carreira, trabalho, submissão, heterossexualidade compulsória, monogamia, etc etc. Produzir condições coletivas para que nossa liberdade seja construída e nossa vida vivida de outras formas é algo sempre duvidoso, desencorajado e sem... referências. Precisamos reunir e divulgar exemplos reais e práticos de luta e construção de onde podemos partir.

Lembrarei para sempre da conversa que tivemos com um punk velho em uma gigantesca ocupação de um porto no litoral da Holanda, chamada De Vloek (https://en.wikipedia.org/wiki/De_Vloek). Ele nos levou para uma volta para apresentar o espaço, que tinha um bar, um espaço de show e centenas de metros de galpões onde diversas pessoas trabalhavam consertando barcos e em várias outras atividades. Ficamos chocados ao saber que toda aquela estrutura que abrigava e era o sustento de tanta gente estava ameaçada de despejo a qualquer momento. Perguntei se ele não sentia medo ou angústia por saber que poderiam perder tudo aquilo da noite para o dia. Ele respondeu dizendo que não, pois cada momento ali foi um aprendizado, eles podem perder a estrutura mas a luta se organizaria em outro lugar e seguiria em frente. Para mim foi difícil entender de primeira como afastar aquele medo, mas hoje, com alguns despejos e muito mais turnês na bagagem, entendo melhor a importância dessa perspectiva e dessa noção de uma luta que não se limita a um lugar ou espaço. Ela precisa ser maior que ele. Nenhuma ocupação ou centro social é um fim em si mesmo, sua vitória está em outro tempo e espaço, numa luta pelo fim do capitalismo e seu mundo.

Desde então, decidi que buscaria registrar e compartilhar experiências como essas, onde lutas, pessoas, movimentos e territórios reais precisam figurar em nossa memória e conhecimentos coletivos. Assim como o Assentamento Sonho Real, o Espaço Impróprio, a Casa da Lagartixa preta e muitos outros, o De Vloek não existe mais. Foi despejado em 2015 e demolido no mesmo ano para dar lugar a algum mega empreendimento logístico público-privado. Mas suas lutas perduram pois as pessoas seguem buscando uma vida melhor e novas gerações já estão surgindo dessas comunidades. Por isso, seguiremos lutando, seguiremos contando nossa história, compartilhando nossas experiências e buscando viver uma vida que vale a pena.

Nos vemos nas estradas ou nas barricadas!

Z.,

Novembro de 2021.

Cidades, espaços e projetos visitados:

Goiânia, GO

Casa Liberté: [instagram.com/c](https://www.instagram.com/casaliberte) [instagram.com/casaliberte](https://www.instagram.com/casaliberte) [asaliberte](https://www.asaliberte.com.br)

Two Beers Or Not Two Beers Records: www.twobeers.com.br

Federação Autônoma dos Trabalhadores: federacaoautonoma.wordpress.com

Maringá, PR

Vaca Louca: [instagram.com/vacaloucacafevegano](https://www.instagram.com/vacaloucacafevegano)

Curitiba, PR

VegVeg: [instagram.com/vegveg.cwb](https://www.instagram.com/vegveg.cwb)

Florianópolis, SC

Tarrafa Hacker Clube: www.tarrafa.net

Criciúma, SC

Sociedade Recreativa União Operária: [facebook.com/vivauniaooperaria](https://www.facebook.com/vivauniaooperaria)

Anarquistas Contra o Racismo: www.facebook.com/Anarquis

Porto Alegre, RS

APPH (Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades): apph.com.br

Café Bonobo: www.cafebonobo.com.br

Assentamento Utopia e Luta: www.utopia-e-luta.blogspot.com

Aurora: [instagram.com/auroraantiespecista](https://www.instagram.com/auroraantiespecista)

São Paulo/SP

Casa da Lagartixa Preta (2004 - 2020): [instagram.com/casadalagartixapreta](https://www.instagram.com/casadalagartixapreta)

Centro de Cultura Social: www.ccssp.com.br

Santos/SP

Biblioteca Carlo Aldegheri: www.instagram.com/biblionelca

Divinópolis, MG

www.instagram.com/kasa.soul

Belo Horizonte/MG —

Kasa Invisível: www.kasainvisivel.org

Paraty/RJ — FLIPEI

FLIPEI (Festa Literária Pirata das Editoras Independentes): flipei.net.br

Rio de Janeiro, RJ

Organização Anarquista Terra e Liberdade:

www.facebook.com/OATerraeLiberdade

Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis:

www.instagram.com/prevestibular_machadodeassis

Para se saber mais:

Documentário PARQUE OESTE, história de uma luta pela moradia em Goiânia:

<https://www.youtube.com/watch?v=IIOttm5Nihw>

Documentário “Casa da Lagartixa Preta Malagueña Salerosa: 10 Anos de Experiências Anarquistas:

<https://www.youtube.com/watch?v=zXHYATEDTKo>

Nota do Ativismo ABC sobre o fim da Casa da Lagartixa:

<https://www.facebook.com/notes/777491836149804/>

Gestão de Espaços Autônomos: zine publicado em 2014 na ocasião dos 10 anos da Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa", gerida pelo coletivo Ativismo ABC:

[https://www.academia.edu/39506907/Gestão_de_Espaços_Autônomos](https://www.academia.edu/39506907/Gest%C3%A3o_de_Espa%C3%A7os_Aut%C3%B4nomos)

Do Punk à Solidariedade Indígena Quatro Décadas de Anarquismo no Brasil - Uma Entrevista:

<https://pt.crimethinc.com/2021/02/25/do-punk-a-solidariedade-indigena-quatro-decadas-de-anarquismo-no-brasil-uma-entrevista-1>



Dedicado a Brian Matos Silva,

*amigo que, por mais de uma década de
cumplicidade em coletivos e contravenções, me
motivou a viajar como quem vive outros lugares e a
“ocupar pra morar”.*

*Nunca soubemos o destino de sua última aventura,
mas sei que nos ainda encontraremos numa mesma
estrada.*



“Quando o famoso explorador estava em seus últimos dias, camaradas reuniram-se junto ao seu leito de morte esperando que o moribundo admitisse ser ficção as partes de seus relatos que pareciam fascinantes demais para ser verdade – ou que atenuasse a narrativa de seus feitos extraordinários através de uma sincera revisão. Ao que ele respondeu:

‘Camaradas, eu não contei nem metade do que realmente vi.’”



CrimethInc.